

ABCZ

A REVISTA BRASILEIRA DO ZEBU E SEUS CRUZAMENTOS

ANO 5 • Nº 29 • NOVEMBRO-DEZEMBRO/2005



MALA DIRETA
POSTAL

7380787405-DR/MG

ABCZ

---CORREIOS---



Dedicação ao melhoramento do Zebu

AQUI ESTÁ A MAIS COMPLETA E ATUALIZADA COLEÇÃO DE VIDEOCURSOS DE TREINAMENTO SOBRE PASTAGENS E ALIMENTAÇÃO ANIMAL DO PAÍS

O trabalho de nossa
equipe foi reconhecido



CENTRO DE PRODUÇÕES TÉCNICAS

é

Empresa Destaque Nacional



pelo



Filme: 55 min.
Manual: 38 pág.



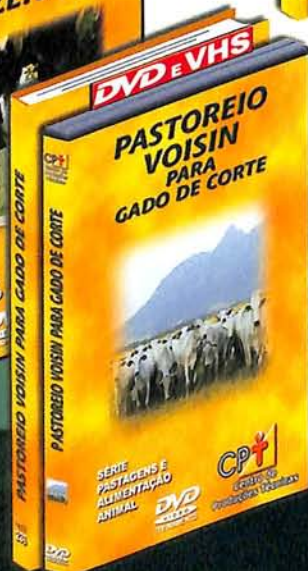
Filme: 65 min.
Manual: 27 pág.



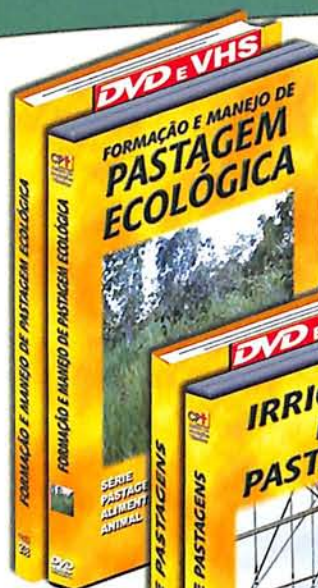
Filme: 65 min.
Manual: 33 pág.



Filme: 52 min.
Manual: 36 pág.



Filme: 56 min.
Manual: 32 pág.



Filme: 61 min.
Manual: 59 pág.



Filme: 60 min.
Manual: 36 pág.



Filme: 52 min.
Manual: 44 pág.



20 anos
DIFUNDINDO
TECNOLOGIA

580

VIDEOCURSOS
PARA AUXILIAR
NA IMPLANTAÇÃO
DO SEU NEGÓCIO

www.cpt.com.br

Solicite GRATUITAMENTE a revista "Tecnologia e Treinamento" com o catálogo completo de
Videocursos CPT e matérias assinadas pelos coordenadores técnicos.
E-mail: vendas@cpt.com.br - Caixa Postal 01 - CEP: 36570-000 - VIÇOSA/MG

**Invista no Treinamento
de Sua Equipe**

Videocursos CPT
ensinam, mostram a prática, transformam...

- A coordenação técnica é de pesquisadores de renome nacional;
- Para você aprender sem sair de casa;
- Cada título é composto de um FILME e um completo MANUAL INTERATIVO.

Filme: 52 min.
Manual: 22 pág.

Filme: 70 min.
Manual: 37 pág.

Filme: 50 min.
Manual: 40 pág.

Filme: 57 min.
Manual: 32 pág.

Filme: 52 min.
Manual: 46 pág.

Filme: 61 min.
Manual: 92 pág.

Filme: 69 min.
Manual: 166 pág.

Filme: 58 min.
Manual: 108 pág.

Filme: 55 min.
Manual: 86 pág.

31) 3899.7000

Ligue
e Faça
Seu Pedido.....



CPT
CENTRO DE
PRODUÇÕES
TECNICAS

Presidentes

Vinte e quatro de novembro de 2005 será sempre lembrado como um dia muito especial para mim. Convocamos os ex-presidentes da ABCZ para uma reunião e, para nossa alegria, dos nove, oito compareceram. Conto nove porque sei que o Rômulo está conosco em todos os momentos.

Confesso que fiquei emocionado e não tive coragem de me sentar à cabeceira da mesa.

Vamos providenciar uma mesa redonda para a próxima reunião. Os ex-presidentes são conselheiros natos da ABCZ e já acertamos que a nossa diretoria não pode prescindir da experiência, do bom senso e da competência deles.

Que bom ver o Dr. Adherbal, 86 anos, com a lucidez e o entusiasmo de um jovem de trinta. Em sua gestão na ABCZ, preocupou-se com a implantação em Uberaba de curso superior voltado às ciências agrárias, para a formação dos filhos dos fazendeiros locais. Nesse sentido, fez inúmeras gestões junto ao Governo Federal para o estabelecimento do curso de Zootecnia.

O João Gilberto, médico, escritor, piloto, esportista, com uma cabeça privilegiada e disposição de menino. Graças a ele, hoje temos a isenção de ICMS para animais controlados e registrados pela ABCZ. Trouxe do Sul do País o atual sistema de leilões e construiu o 1º Tãtersal da entidade. Fundou a Federação Internacional dos Criadores de Zebu-FICEBU. Conseguiu do MEC a aprovação do funcionamento do curso de Agronomia na FAZU.

O Antônio José, amigo, companheiro, raúdo como ninguém. Com seu discurso corajoso, provocou a queda do Jango Goulart, acabando com a bagunça generalizada que se instalara, então, em nosso País. Em sua administração, aconteceu a última importação de zebuínos da Índia. Foi, também, diretor do Banco do Brasil.

O Arnaldo Rosa Prata, dentre outras importantes ações, construiu a nossa bela sede; constituiu a COMZEBU-Confederação Mundial dos Criadores de Zebu; conseguiu do MEC a autorização para o funcionamento do curso de Zootecnia em Uberaba e, da Embrapa, o atual campus da FAZU. Foi Secretário de Estado, Deputado Federal e Prefeito.

O Newton Camargo construiu a casa do peão, novos pavilhões, a casa do criador e, o mais importante: fez a reforma administrativa em uma época de extrema dificuldade, conseguindo retomar o caminho da saúde financeira da ABCZ. Construiu o Museu do Zebu. Foi um craque.

O Manoel Carlos Barbosa abriu vários escritórios técnicos regionais, criou a Revista

ABCZ, atuou com sucesso na área internacional e na de marketing e comunicação. Efetuou o primeiro registro de brahman na exposição de Acapulco, México, que contou com a presença de Antônio Cabrera, então ministro da Agricultura. Firmou convênio com o laboratório de imunogenética da UFSCAR para a realização de tipagem sanguínea. Implantou a Divisão de Processamento de Dados, inaugurada pelo Presidente João Figueiredo, com um computador LABO doado pelo governo federal.

O Heber também tirou água de pedra. Conseguiu uma inédita parceria com o Banco Nacional, com investimento direto na entidade e na realização de leilões oficiais, modificando sobremaneira o mercado rural brasileiro. Firmou uma importante parceria com a Embrapa, em curso ainda hoje, com vistas ao melhoramento genético do zebu. Heber deu à ABCZ a visão empresarial, que hoje praticamos. Fico muito honrado de ter sido seu vice-presidente.

Sempre digo que o José Olavo é *bors-concours*. Modernizou e abriu novos escritórios técnicos regionais, inaugurando o de Cuiabá, que leva o seu nome, com muito merecimento. Construiu pavilhões, reformou a sede, comprou casas vizinhas ao Parque e o terreno da Madeireira Brasil. Criou o PMGZ-Programa de Melhoramento Genético das Raças Zebuínas. Deu início à revisão dos acordos bilaterais com vistas à exportação de material genético zebuínico. Conseguiu, com o presidente Lula, a revogação da proibição de importação da Índia. Ganhou a confiança e o respeito do governo para com a ABCZ, tendo sido convidado a participar de viagens oficiais internacionais com o presidente. Agradeço ao Zé a confiança que depositou em mim ao me convidar para assumir a direção da ABCZ. É amigo e conselheiro. Tenho por ele o maior apreço.

Um dos motivos desta reunião foi discutir a nossa pretensão de convidar representantes de todos os países da América do Sul para que, juntos, trabalhando unidos, possamos exorcizar de vez esse fantasma da febre aftosa que está sempre nos assombrando.

Estávamos por um "beijo de pulga" para começar a exportar zebu para a China, carne para os Estados Unidos e outros países.

Se a fiscalização de nossas fronteiras não for tratada de forma agressiva, determinada e constante, a espada continuará sobre nossas cabeças.

Não sei até quando poderemos "estancar o sangue" dos cortes da espada. O governo sabe. Basta querer.

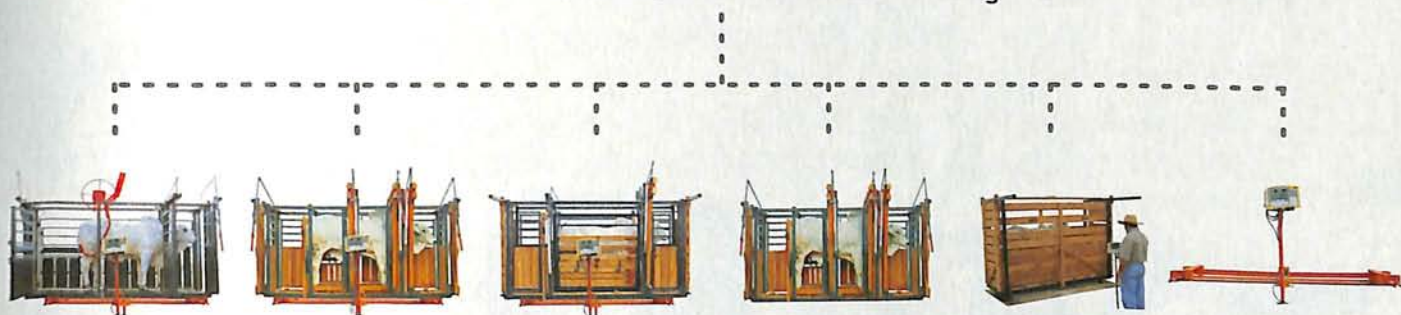


Orestes Prata Tibery Júnior,
presidente da ABCZ



BECKHAUSER

TRONCOS E BALANÇAS



TRONCO MILLE Solução para pequenos



**PAGAMENTO
em 12X**

Toda a linha Beckhauser



Segurança e agilidade com a marca Beckhauser em uma alternativa mais simples

- Ideal para propriedades com manejo pouco intensivo;
- Excelente opção para retiros especiais: trabalhos pontuais como brincagem, vacinação, pesagens de rotina. Sem deslocar o lote para um curral central.

0800 44 9002

www.beckhauser.com.br
tronco@beckhauser.com.br

FORA AFROSA,

**O BRASIL ESTÁ UNIDO PARA DEFENDER
SEU PATRIMÔNIO PECUÁRIO.**



Governos, produtores, integrantes da cadeia produtiva e toda sociedade estão unidos contra a febre aftosa. O resultado dessa união vai garantir os empregos e a renda de oito milhões de pessoas e também impedir prejuízos ao mercado interno e às nossas exportações que já chegaram a mais de US\$2,5 bilhões para 140 mercados. Mas a nossa vitória só virá com a vacinação dos rebanhos, a adoção de alguns cuidados importantes e o incentivo para que todos façam o mesmo. É assim que vamos livrar o Brasil da aftosa:

- Vacine corretamente seus animais (apenas bovinos e bubalinos). Siga corretamente o calendário oficial no seu estado, conserve a vacina adequadamente e aplique conforme as orientações do fabricante e do Serviço Veterinário Oficial.
- Adquira animais de procedência conhecida, exija a documentação de trânsito.
- Para comercializar ou movimentar animais, siga as normas e recomendações do Serviço Veterinário Oficial.
- Mantenha seu cadastro atualizado junto ao Serviço Estadual de Defesa Agropecuária.
- Notifique imediatamente ao Serviço Veterinário Oficial qualquer suspeita de febre aftosa em sua região.
- Ajude a criar Conselhos Municipais de Sanidade Animal.

**A FEBRE AFTOSA NÃO É UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA
NÃO AFETA A SAÚDE HUMANA.**

Para saber mais sobre o combate à aftosa, ligue 0800 61 1995 ou entre em contato com as Superintendências Federais de Agricultura e Órgãos Executores de Defesa Agropecuária no seu estado.



Acesse
www.agricultura.gov.br

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento



EDITORIAL

Quando a edição passada (nº 28) da revista ABCZ começava a chegar na casa dos leitores, a notícia que nenhum pecuarista queria ouvir era justamente aquela que tomou conta das rodas de conversas, de negociações, da mídia e de todo o agronegócio: o surgimento de um foco de febre aftosa no Mato Grosso do Sul. No dia 10 de outubro, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) admitiu, através de testes realizados pelo seu Laboratório Nacional Agropecuário, em Recife (PE), o descobrimento da doença no município de Eldorado (MS).

Mais de dois meses se passaram e, hoje, podemos enxergar essa questão por outro prisma, ou então, de forma mais clara. É a história do tumulto: quando se está no meio dele, dá-se murros, ponta-pés e cotoveladas, sem saber ao certo a quem atingir; ao mesmo tempo em que se leva pancadas, socos e chutes, sem que se saiba quem o está acertando. No entanto, de fora do tumulto, vê-se com toda clareza quem está batendo e quem está apanhando. Estamos saindo dessa confusão e começando a compreender melhor essa ocorrência que, historicamente, baqueia a pecuária brasileira.

Nesta edição, inclusive, nossos colunistas optaram, em bom número, como vocês constatarão, por tratar do assunto. Dr. Fernando Penteado, Luiz Antonio Josahkian, Prof. Pedro de Felício, Nelson Pineda, Leonardo Vilela fazem críticas, sugestões, análises e outras abordagens a respeito do caso de Eldorado. Sendo assim, preferimos deixar com o time acima a incumbência de ir mais fundo ao tema – uma vez, que outros significativos veículos de comunicação do setor e do País também já o fizeram, com bastante competência e lisura.

Para mais informações a respeito da febre aftosa estamos disponibilizando na página da ABCZ na internet (www.abcz.org.br) um estudo da zootecnista Aryanna Sangiovani Ferreira, que traz detalhes minuciosos a respeito da doença. O trabalho, resultado de uma tese de especialização defendida na Unicamp, é recheado de números e dados técnicos, econômicos e sociais. Vale a pena conferir.

Neste número da revista, o Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos, o PMGZ, é a matéria principal. Reunimos especialistas e produtores que são referência em melhoramento, relatamos suas experiências com o Programa e buscamos mostrar o ganho obtido nos plantéis que adotaram o PMGZ.

Tratamos também sobre a questão da educação rural, atualmente tão esquecida e, muitas vezes, desprezada em nosso Brasil. É realmente motivo de indignação presenciar em diversas áreas rurais do País que crianças e adultos sofrem com a total ausência, em seus currículos escolares, de disciplinas voltadas ou que interajam com a realidade de cada um deles: o campo.

Por fim, elaboramos, a pedido do presidente Orestinho, a capa desta edição, que mostra grande parte da equipe ABCZ posando junto ao “caranguejo” localizado no jardim em frente à sede da entidade. É a nossa mensagem positiva de final de ano e de confiança no ano novo. Fiquem todos em paz e boas festas!



Órgão oficial da Associação
Brasileira dos Criadores de Zebu

Conselho Editorial

Orestes Prata Tibery Júnior, Paulo Ferolla, Gabriel Prata Rezende, Jovelino Carvalho Mineiro Filho, Luiz Antonio Josahkian, Marco Túlio Andrade Barbosa, Randolfo Borges Filho e Agrimedes Albino Onório.

Diretores responsáveis

Jovelino Carvalho Mineiro Filho (Editorial) e Frederico Diamantino Bonfim e Silva (Comercial)

Editor e jornalista responsável

Luciano Bitencourt

Repórteres

Larissa Vieira, Renata Thomazini e Laura Pimenta
Fotos (exceto as mencionadas em crédito)

L. Adolfo e Maurício Farias

Redação

(34) 3319 3826 • revista.abcz@abcz.org.br

Revisão

Sandra Regina Rosa dos Santos

Departamento Comercial

Miriam Borges (gerente), Euler José dos Santos e Vânia Weitzel

(34) 3319 3983 • meiorural@abcz.org.br

Assinaturas

(34) 3319 3848 • assinatura@abcz.org.br

Projeto gráfico

Dgraus Design • design@dgraus.com.br

Diagramação

Gil Mendes, Cassiano Tosta e Issao Ogassawara Jr.

Produção gráfica

Rodrigo Koury

Scanners

Paulo Crepaldi

Impressão - CTP

Prol Editora Gráfica

Tiragem

14.000 exemplares

Capa

Nativa Propaganda

Diretoria da ABCZ (2001-2004)

Presidente: Orestes Prata Tibery Júnior,

1º Vice-pres.: Jonas Barcellos Corrêa Filho;

2º Vice-pres.: Eduardo Biagi;

3º Vice-pres.: Paulo Ferolla.

Diretores

Aloísio Garcia Borges, Antônio Ernesto W. de Salvo, Apriário Lopes Xavier, Frederico Diamantino Bonfim e Silva, Gabriel Prata Rezende, Gustavo Garcia Cid, José Carlos Prata Cunha, José Rubens de Carvalho, Jovelino Carvalho Mineiro Filho, Luiz Cláudio de Souza Paranhos Ferreira, Marco Túlio de A. Barbosa, Nelson R. Pineda Rodrigues e Rafael Cunha Mendes.

Superintendências

Geral: Agrimedes Albino Onório. Adm-financeira: José Valtóirio Mio. Técnica: Luiz Antonio Josahkian.

Informática: Eduardo Luiz Milani. Técnica-adjunta de Melhoramento Genético: Carlos Henrique Cavallari

Machado. Técnica-adjunta de Genealogia: Carlos Humberto Lucas. Técnica-adjunta do Depto. de Jurados das Raças Zebuínas: Moacir Duarte Gomes.

Assessorias

Jurídica: Gilberto Martins Vasconcelos.

Imprensa: Luciano Bitencourt

Associação Brasileira dos Criadores de Zebu - ABCZ
Praça Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 • Bloco 1
Cx. Postal 6001 • CEP: 38022-330 • Uberaba(MG)
Tel.: (34) 3319-3900 Fax: (34) 3319-3838
www.abcz.org.br

Foto da capa: L. Adolfo



Foto: L. Adolfo

Conquistando os melhores resultados em tecnologia de seleção e criação animal.

Seleção pecuária
Dr. Francisco Jalles Neto

Nelore PO, Nelore POI, Gir PO, Gir Leiteiro PO, Girolando PO,
Boi Precoce, Tourinho Precoce e Cavalo Mangalarga.



Seção 1 - Neves Paulista-SP
Seção 2 - José Bonifácio-SP



Três Fronteiras-SP

**Sítio
Nelore**

Palmeira D'Oeste-SP



Palmeira D'Oeste-SP

Coligado à Agropecuária Fazendas Jalles
“Há um século no campo”

Índice geral

04 *pecuária no brasil*

08 Editorial

14 *cartas da índia*

20 Entrevista criador

26 AFTOSA

28 PMGZ: A sigla do Melhoramento

34 *etc & tal*

36 Conexão com o Campo

38 *meio ambiente*

40 CIB: popularizando a biotecnologia

42 *tempo técnico*

44 Expobrahman reafirma potencial da raça

48 *economia do zebu*

50 Entrevista diretor

56 Artigo Técnico

62 *campo alegre*

64 O campo chegou à sala de aula

70 *alimento de qualidade*

72 Genética em vista

74 *conexão pecuária*

78 Congresso Brasileiro de Raças Zebuínas

90 Capacitando Líderes

92 *mercado do leite*

93 Comunicado: Recessos 2006

94 Na trilha do crescimento

98 1ª Prova brasileira de Produção Leiteira

112 *Histórias de Tiãozinho Cunha*

SEÇÕES

18 cartas & e-mails

100 além da fronteira

102 além do QG

104 registro

106 atacado & varejo

108 novos sócios

110 ABCZ serviços



MARCO ANTÔNIO ANDRADE BARBOSA
NELORE
FAZENDA INDIA
Praça Rui Barbosa
300, Sala 904
CEP: 38010-240
Uberaba MG
(34) 3333 7788
maab1@terra.com.br



GUZERÁ
FAZ. UNIÃO 2000
Praça Rui Barbosa,
300, Sala 904
CEP: 38010-240
Uberaba MG
(34) 3333 7788
maab1@terra.com.br



MARCO ANTÔNIO ANDRADE BARBOSA
JUMENTOS PÉGA e MUARES
FAZENDA MULA PRETA
Praça Rui Barbosa
300, Sala 904
CEP: 38010-240
Uberaba MG
(34) 3333 7788
maab1@terra.com.br



Seu rebanho **+** eficiente

produtividade e controle animal

procan **+**

Muito mais eficiente

A mais profissional ferramenta no controle do seu rebanho.

Solicite pelo site: www.abcz.org.br/procan,
e-mail procan@abcz.org.br ou pelo telefone (34)3319 3904.



Nosso maior desejo é a paz.
Em proporções continentais.



Feliz Natal

Boas festas e um ano novo cheio
de paz, saúde e muito trabalho.



Bruno F. Jacintho

(17) 3323-3330 / Barretos - SP

fazenda.continental@uol.com.br

Brahman 1^o POI

Brahmânia
Querência

Edição VIRTUAL

15 dezembro / 20h
Canal Rural

João Martins Borges, um dos pioneiros na importação do zebu da Índia para o Brasil, enfrentou dificuldades para trazer o gado da Ásia, como revela em suas cartas.

foto: arquivo Museu do Zebu



O trabalho de pesquisa e recuperação desses documentos foi feito pela sobrinha-afim de João Martins Borges, Ida Aranha Borges

A visão da pena do **PIONEIRO**

S. S. Umfuli, 15 de outubro de 1916

Meu caro Sr. Nariman,

Espero que V. S^a esteja bem de saúde.

Amanhã deveremos estar em Durban. Tudo vai indo bem até agora. O gado está bem. Muito poucas reses estão em condições precárias. A temperatura está agradável. Dizem que a parte mais perigosa da viagem é entre Durban e Cidade do Cabo.

Eu tinha a bordo somente cerca de 4 sacos de torta e 10 de casca de algodão, de forma que estou gastando muito farelo de trigo; por causa disso vou precisar comprar mais um pouco na Cidade do Cabo. Vou comprar também torta e capim.

Embora tenha muito pouca casca de algodão, não tenho dado muito dela, porque é demasiado purgativa. Quasi toda a linhaça vai permanecer intacta. Estou dando somente uma vez por semana, e quando se dá casca de algodão a linhaça é inteiramente desnecessária. Quatro sacos de sal vão permanecer intactos. O gado não gosta dele e, além disso, o sal está em pedra, o que torna imprestável.

Espero que VS^a tenha tentado fazer o seguro do gado em Bombaim, como lhe escrevi de Colombo. Vou tentar em Durban e Cidade do Cabo, mas não tenho esperança. Nenhuma Companhia vai aceitar o seguro nesta época.*

Se lhe for conveniente, mande o Sr. Sam com algum gado em dezembro – porque é a época de clima mais favorável por estes mares – mas consiga um bom navio e devem ser providenciadas instalações adequadas; de outro modo é muito arriscado. Mande-me duas cabeças da raça gaine (1 touro e 1 vaca). Os menores possíveis. Não pague frete por eles.

A bordo há uma vaca que nunca foi selecionada por mim e eu me lembro de uma outra, branca, cruzada com gir, orelhas compridas, que aprovei e não veio. O seu

touro que falta é o gir, orelhas compridas e corpo ruim.

Meus cumprimentos à sua família.

De VS^a Cr^o e Obr^o
J. Borges

PS – Durban, 18.11.1916 – Cheguei ontem de manhã. Aqui se encontra alfafa muito boa, que é igual ao capim da América do Sul. Vou comprar alguns fardos de alfafa na Cidade do Cabo, onde é cultivada e por isso é mais barata. Este capim é muito verde e muito bom. O gado não deixa nada no chão. Aqui há também torta de coco, mas experimentei e o gado não gostou, de modo que vou comprar mais um pouco de farelo de trigo, o que com goar** e alfafa vão engordar muito o gado. Os animais estariam nas melhores condições possíveis se eu tivesse tido capim bom. Estou dando 10 libras*** por dia, mas o gado não come 5, tão ruim ele é.

De VS^a
Cr^o Obr^o
Borges

* Deve haver um engano. A carta relativa a seguro, escrita de Colombo, foi dirigida ao Sr. Nahapiet (N. da T.)

** Vide nota à página 34. (N. da T.)

*** 10 libras = 4.5392 kg. (N. da T.)

A genética da carne

O Brahman Sant'Anna não pára de crescer quando o assunto é evolução e melhoramento genético para produção de carne de qualidade. Na busca do Brahman funcional e adequado à criação extensiva, as Fazendas Sant'Anna conseguiram chegar a um plantel rústico, fértil e principalmente precoce. O que resultou em animais de excelente custo-benefício. É a genética da carne presente no rebanho Brahman das Fazendas Sant'Anna.

NATIVA Fotos RUBENS FERREIRA



FAZENDAS
SANT'ANNA

A GENÉTICA DA CARNE

www.fazendasantanna.com.br



Feliz Natal e um 2006
de alta performance.

Que a performance do próximo
ano continue abrindo janelas
para grandes conquistas.

Votos de boas festas da Fazenda
Santa Nilza a todos os amigos,
parceiros e colaboradores.

Entre em contato: (34) 3359-0075 • www.santanilza.com.br



NATIVA

Foto: JM Matos



A arte da seleção

CARTAS & E-MAILS

Equipe técnica,

Meu nome é Antonio e estou com uma dúvida sobre a tabela de peso máximo. Um animal de 23 meses tem um limite de 950 kg - caso esse pese em uma exposição 965 kg ele irá entrar em pista por estar dentro do 2% de tolerância?

Antonio,

Segundo o diretor técnico Nelson Pineda, sempre haverá 2% de tolerância em relação ao peso máximo estabelecido na tabela. Nesse caso que você especifica, um animal com limite de 950 kg poderá pesar até 969 kg, [950 + 19 kg (correspondente a 2%)].

Prezada Renata,

Estou lhe escrevendo para lhe agradecer sua reportagem (Abrasilairada, edição n.º 28). Teve uma boa repercussão na cidade. Recebi muitos elogios. Agradeço ao Luis Adolfo, pelas fotos.

Com carinho e agradecimento,
Ronald - Garça (SP)

Olá Goretti,

Peço-lhe gentilmente que, se possível é claro, mantenha-me informada sobre os próximos cursos, podendo ser sobre os mais variados temas.

Obrigada,

Patrícia de Melo Beber Zootecnia,
1º ano, UFMT/campus Rondonópolis.

Patrícia,

Na página principal do nosso site: www.abcz.org.br você encontrará todas as informações necessárias sobre os eventos da ABCZ, bem como procedimentos de como se inscrever. Se você não conseguir visualizar os banners dos cursos ao acessar o site, é só ir atualizando a página que eles encontram-se logo abaixo dos tópicos em cima. Trata-se de um banner grande que fica entre revista ABCZ e Tortuga. Nos tópicos, na parte superior da página, link eventos, você encontra a agenda dos demais eventos promovidos pela ABCZ. Será realmente muito bom contar com o prestígio da sua presença em nossas promoções.

*Permanecendo sempre à disposição
Goretti*

Ao dep. de Genealogia,

Comprei algumas vacas nelore POs da fazenda Baluarte, vacas essas que estão prenhes. Gostaria de saber todas as informações necessárias para me tornar um criador, de maneira que de agora em diante eu possa registrar os animais que irão nascer em meu nome, com a minha marca. Portanto, se possível, preciso de todas informações concernentes a preços, modalidades, prazos, procedimentos e tudo mais.

Desde já, fica o meu agradecimento.
Leonardo Canabrava Jácome -
Várzea da Palma (MG)

Leonardo,

O criador que desejar se associar a ABCZ deverá solicitar à Secretaria Geral o envio de proposta de sócio através do e-mail abcz@abczservicos.com.br. Deverá também enviar para a ABCZ Sede ou para o Escritório Técnico Regional mais próximo, as ADTs (autorização de transferência) dos animais que o mesmo adquiriu. As comunicações de nascimento de animais nascidos em sua propriedade, poderão ser efetuadas pelo Site da ABCZ (www.abcz.org.br), em comunicações on-line; na mesma página o criador encontrará a tabela de taxas e de emolumentos e também poderá fazer o Download do regulamento do Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas.

Celso Humberto Macedo
Gerente do COE

À equipe de atendimento,

Quero parabenizá-los pelos bons trabalhos prestados, bem como pela agilidade em responder aos questionamentos impostos. As ferramentas disponibilizadas para comunicação certamente foi um grande avanço em benefício ao criador associado, pois agiliza e mantém sempre o controle em dia. Devo lembrar também que no ETR/RIO, há uma equipe igualmente louvável, não menos atenciosa e ágil nos momentos em que precisei.

Atenciosamente,
Wilson Luciano
Alstom Brasil - Div. Sistemas

À equipe de suporte,

Sem nenhuma rasgação de seda, mas estamos bastantes felizes com o excelente atendimento, atenção, responsabilidade e profissionalismo que o Suporte ABCZ tem nos dado, sempre nos retornando e nos ajudando a encontrar soluções para alguns problemas.

Estamos muito contentes mesmo e parabéns a toda equipe.

Sem mais,
Maurício (Fazenda Nova Vida)

Mais elogios

Eu e minha esposa estamos entrando no mundo pecuário este ano (apesar da família dela já estar na área há 50 anos). Felizmente participamos do 54º Curso de Julgamento, em Julho passado, e do 6º Congresso Brasileiro de Raças Zebuínas, ambos simplesmente riquíssimos em informações e networking, sim networking, e fundamentais em todas as áreas. Parabenizamos a organização, em especial a atenção da Goretti, da promotora (estudante) Cíntia, dos fantásticos Nelson Pineda/Luiz Antonio Josahkian e dos demais professores/ palestrantes (em especial ao Mateus Paranhos, que fez uma palestra ótima). Ficamos mais felizes e confiantes com o apoio, suporte e nível que podemos obter junto a ABCZ. Próximo passo: nos associarmos.

Gostaríamos que alguém nos escrevesse (e-mail) passando informações de como poderemos assinar a revista da ABCZ.

Abraços,
Jorge Rys Jr e Elis Helena Vicente
M.S. Rys
Araçatuba (SP)

Sr. e Sra. Rys,

Ficamos gratos com suas palavras. O contato solicitado para a assinatura da revista ABCZ já foi enviando.

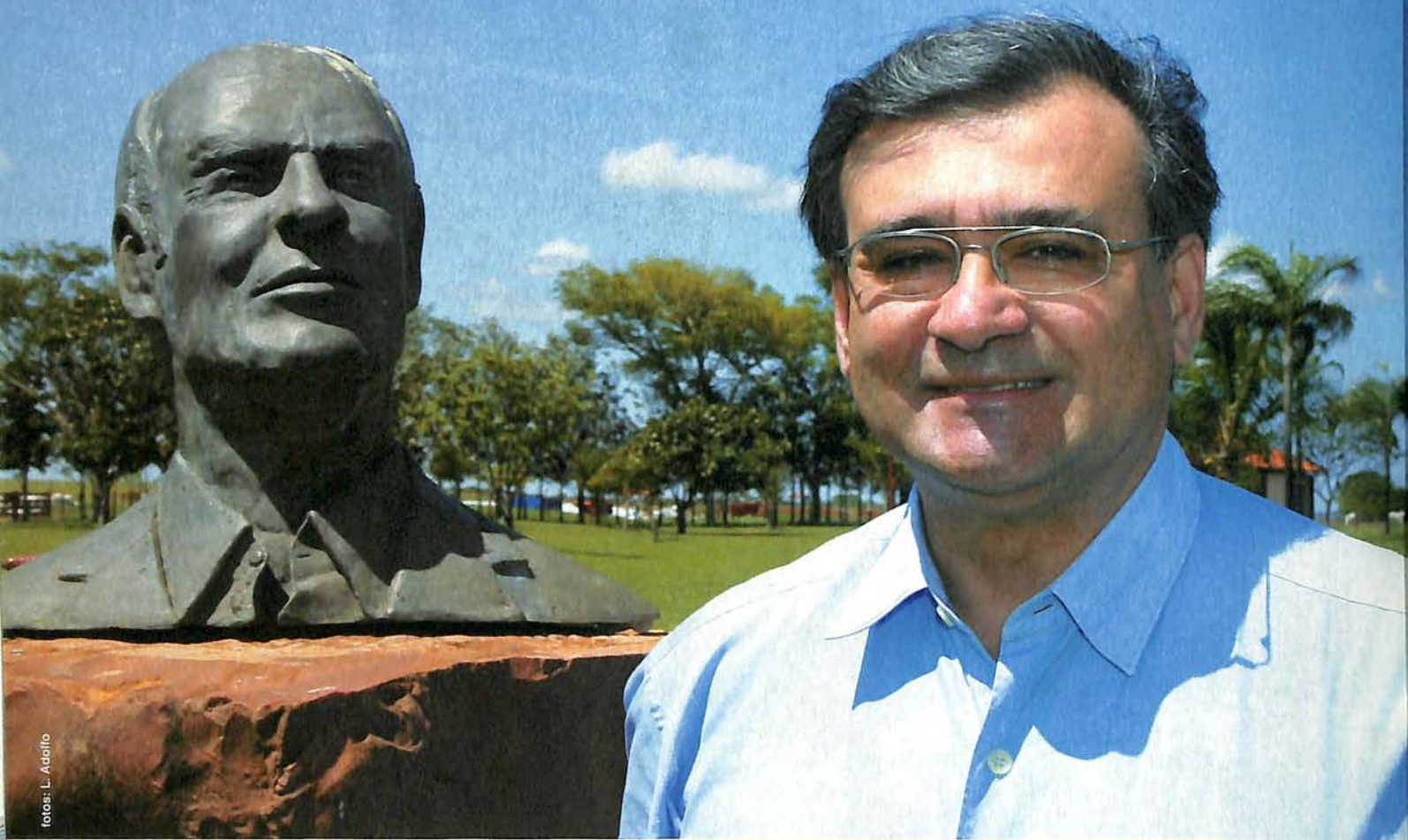
Foi tudo perfeito. A Santa Tereza agradece a todos que participaram desse dia de sonho.

2º Dia de Campo

FAZENDA SANTA TEREZA



O ambiente de amigos em clima de total confraternização, dividindo conhecimentos sob novos ares. O enobrecimento da raça e o brilho de grandes estrelas do Brahman... Tudo isso fez do Dia de Campo da Fazenda Santa Tereza uma data inesquecível, deixando a Serra com aroma de quero mais.



fotos: L. Acólio

Mais que um **Patrimônio Genético**

Laura Pimenta

Acima: Ovídio Carlos ao lado da estátua de seu tio-avô Nenê Costa, um dos importadores de zebu da Índia

Economista por formação, o uberabense Ovídio Carlos de Brito não tardou a detectar em seu DNA uma fonte valiosa para trilhar o caminho na pecuária. Oriundo de uma família que tem em suas raízes nomes de grandes importadores e selecionadores de zebu, como Armel de Miranda e Nenê Costa, Ovídio Carlos acredita que a sua ligação com a pecuária é nada mais nada menos do que o resultado de uma genética forte herdada do pai Ovídio Miranda Brito. A genética realmente parece estar aliada à tradicional marca OB. Não deve ter sido por acaso que o primeiro exemplar de nelore mocho, o touro Caburey, nasceu de forma despretensiosa nas terras da família, culminando posteriormente em um grande sucesso comercial da raça nelore, que atualmente conta com mais de um milhão de animais da variedade

mocha. Como criador e selecionador de nelore mocho e brahman em Guaporé (MT), Ovídio Carlos ressalta a importância de priorizar na seleção aquilo que dá lucro para o criador comercial. Por isso, a sua preocupação evidente com fatores como fertilidade, precocidade sexual e de acabamento, ganho de peso, qualidade de carcaça e conversão alimentar. Sempre preocupado com as questões sanitárias, o pecuarista está atualmente à frente do Fundeppec-SP (Fundo de Desenvolvimento da Pecuária do Estado de São Paulo), onde mobiliza esforços para a defesa da pecuária comercial. Sobre a aftosa, ele faz questão de ressaltar que o Brasil, como maior interessado, tem que buscar o esforço conjunto com seus países irmãos a fim de juntos catalisarem esforços para a erradicação da doença. Confira a entrevista.



ABCZ: Quando e como começou a ligação do senhor com a pecuária zebuína?

Ovídio Carlos de Brito: Antes do meu nascimento. Sou sobrinho-neto, pelo lado do meu pai, de Armel de Miranda, que fez três importações da Índia no primeiro quartel do século passado, tendo sido o brasileiro que mais trouxe gado da Índia, além de ter introduzido o zebu no México e nos Estados Unidos. São também meus tios-avôs, pelo lado materno, Rodolfo Machado Borges e Veríssimo Costa Júnior, duas das maiores referências na formação do gado zebu brasileiro. O primeiro presidente da ABCZ foi meu tio-bisavô, Fidélis Reis. Meu pai, Ovídio Miranda Brito, começou a trabalhar como empregado do Sr. Lamartine Mendes, talvez o maior mascate de zebu que o País já teve, levando touros para o Norte e Nordeste e em seguida, já como comissionado e depois sócio, vendendo na campanha do Rio Grande do Sul. A minha ligação com a pecuária zebuína acho que é praticamente genética.

ABCZ: Porque optou pela seleção do nelore mocho?

OCB: Na realidade não foi uma opção. O Caburey, primeiro touro nelore mocho registrado pela ABCZ, nasceu por puro acaso na Fazenda Santa Marina. Era filho de dois animais de chifre, Kong OM e Capanga, crioula do Sr. Neca Andrade, comprada por meu tio, Marcos Machado Borges, do Sr. Torres Homem e depois adquirida por meu pai.

Caburey foi dado de presente pelo meu pai para um amigo, Omar Rodrigues da Cunha, que não foi

buscá-lo.

Tendo o Caburey atingido a maioria, meu pai resolveu colocá-lo num lote de vacas nelore PO com chifres bananas para ver o que acontecia. Nasceu um lote de touros excelentes, a maior parte deles mochos. O sucesso comercial na venda daquele primeiro lote levou-nos a criar mocho. A opção exclusiva pelo mocho também foi do meu pai. Um dia cheguei na fazenda e fiquei sabendo que ele tinha dado a ordem para transferir para uma outra propriedade as últimas vinte vacas de chifres que tínhamos.

ABCZ: Mas, pode ter filho de animais de chifres que nasça mocho?

OB: Pela teoria genética estrita, o caráter mocho é controlado por um gene dominante. Então, a cruz de dois animais puros, de chifres, recessivos, não poderia dar mocho. Acontece que essa herança genética é bastante mais complexa, controlada por um número maior de genes. Inclusive, é uma herança ligada ao sexo e com dominância parcial, como demonstram os animais de chifres vestigiais, os famosos batoques. O Dr. Alberto Alves Santiago, no seu livro "Cem Anos de Nelore", faz um paralelismo entre o surgimento do caráter mocho no gado marca OB e no marca Taça, do Dr. Durval Garcia de Menezes. Lá, também, o mocho veio da Capanga, mãe do Amendoim, pai do Netinho, formador do gado mocho do Menezes, e que também era mocho. São mistérios da natureza.

Abaixo e nas págs.
22 e 23: Ovídio
Carlos de Brito e o
touro Espelho OB



ABCZ: *A marca OB é uma das responsáveis pela formação e pelo desenvolvimento da raça nelore mocho no Brasil. Quais foram as contribuições do nelore mocho para a pecuária zebuína?*

OCB: Na realidade, é a raça nelore que devemos exaltar. O ongole, aqui no Brasil chamado nelore, por sua adaptação espetacular ao meio ambiente brasileiro, permitiu que o Brasil se tornasse o maior exportador mundial de carne. Isso, depois de alimentarmos de carne a nossa população. O consumo per capita brasileiro é o quarto maior do mundo: 36 kg por ano! O nelore mocho tem essa facilidade enorme de poder dispor permanentemente da reserva genética do gado de chifres. Quando aparece um grande raçador no nelore padrão, a primeira coisa que os mocheiros fazem é colocar essa genética no mocho. Os dois rebanhos são geneticamente muito próximos, tanto é que são avaliados juntos nos principais sumários da raça. A contribuição do nelore mocho se confunde com a do nelore padrão. Tem mais sentido falar da grande contribuição da raça nelore ao desenvolvimento da pecuária brasileira.

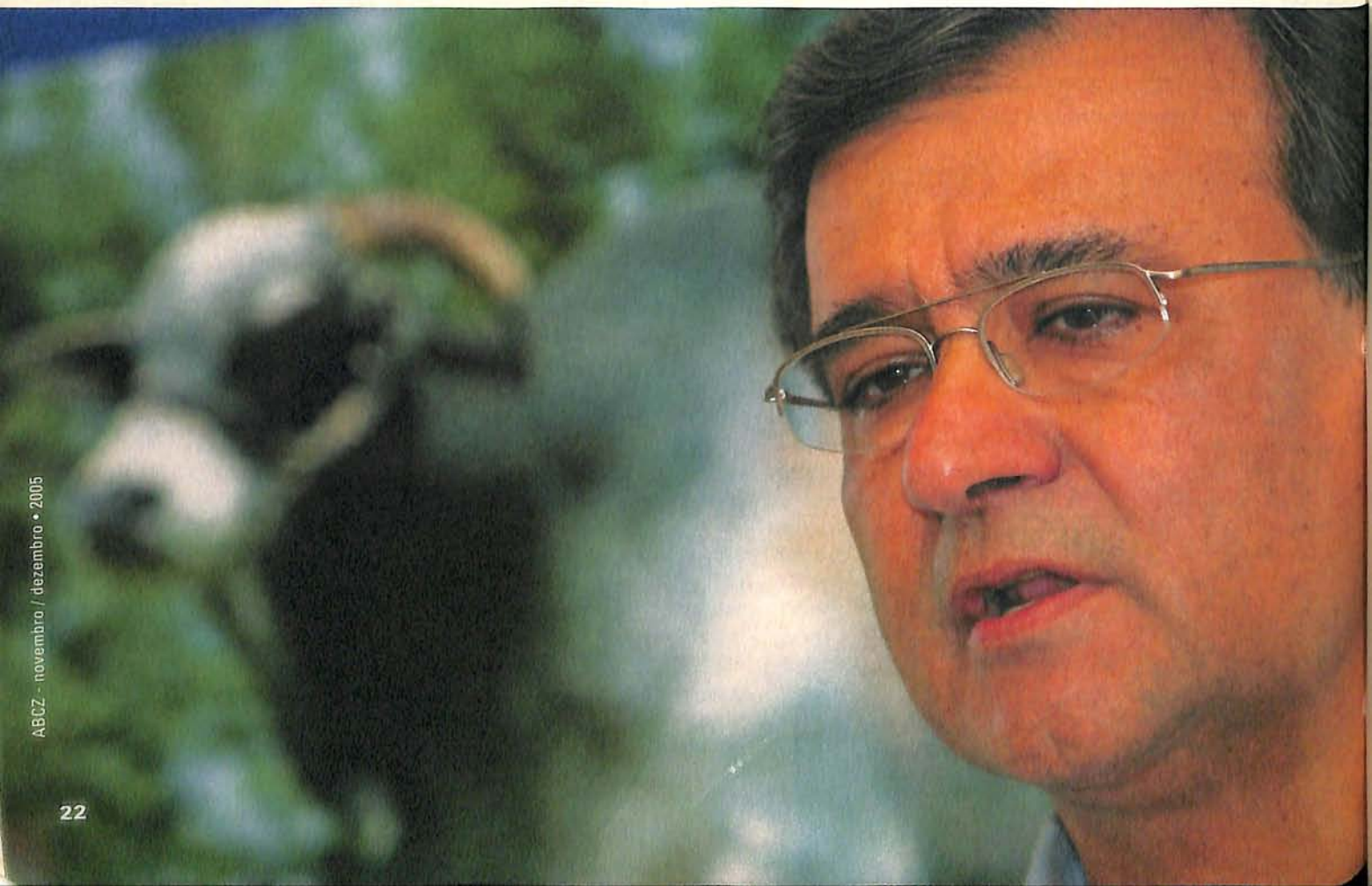
ABCZ: *Quais são as vantagens da raça nelore mocho?*

OCB: Na realidade, a principal vantagem é uma opção preferencial do criador comercial pelo animal sem chifres. E isto não é um fenômeno apenas brasileiro. Na Argentina, em Palermo, não se vê mais animais hereford de chifres, sem considerar que a principal raça de corte do mundo – o angus – é mocha.

O advento da terminação no confinamento e as pressões das associações protetoras dos animais, que já conseguiram proibir a descorna em muitos países da União Européia, permitem imaginar que a tendência para o mocho dentro e fora do Brasil será cada vez maior. No próprio gado nelore padrão nota-se uma redução importante dos chifres.

ABCZ: *Desde o nascimento de Caburey até hoje, mais de 1 milhão de animais dessa raça foram registrados pela ABCZ. A que se deve este interesse e crescimento tão vertiginoso, inclusive em outros países?*

OCB: Como eu disse antes, é a preferência do pecuarista comercial pela grande força do nelore mocho. Apesar de não alcançar as mesmas médias do nelore padrão nos leilões de elite, o nelore mocho tem crescido comercialmente por ter essa preferência da base da pirâmide.



ABCZ: A marca OB realiza constantemente um seminário com temas relevantes para a pecuária. Qual a importância deste tipo de evento?

OCB: O objetivo destes seminários é buscar consensos em relação a temas relevantes para a pecuária. Ora é a questão do melhoramento, onde se busca entender quais são as Deps mais importantes para a rentabilidade do criador comercial; como usar esse receituário das Deps para um determinado rebanho; e quais touros são considerados melhoradores para tais e quais características.

Ora é a percepção do quanto é importante que batalhemos para finalizar este trabalho de avanço sanitário que tem sido conduzido pelos pecuaristas brasileiros, principalmente em relação à aftosa, de forma que possamos acessar os mercados internacionais que pagam mais pela carne, dos quais estamos alijados devido ao fato de ainda não a termos erradicado.

Na realidade, os seminários da marca têm sido um grande sucesso por terem, de forma consistente, buscado permanentemente os caminhos para uma maior lucratividade dos pecuaristas. As palestras têm sido excelentes e quem quiser vê-las basta entrar no nosso site www.omb.com.br, solicitar o CD, que teremos a maior satisfação em remetê-lo sem nenhum custo.

ABCZ: Os animais OB sempre conquistam títulos importantes nas principais pistas de julgamento do País. Em que é baseado o seu trabalho de melhoramento genético? Existe algum segredo de preparação dos animais para as exposições?

OCB: A genética de base OB tem, com animais próprios ou de terceiros, conseguido resultados impressionantes nos sumários de melhoramento genético. No sumário Embrapa/ABCZ tivemos um touro, de genética fechada OB, que liderou as Deps de peso.

No quesito fertilidade e leite, a marca OB tem tido um papel de destaque por anos a fio. Agora, em 2005, além da fertilidade, o líder para Dep 550 dias no Nelore Brasil, foi o Everest da Santa Marina, filho de uma vaca OB, filha do lendário Ocipital do Brumado e neta de Godavary Imp. O líder para PAC fazem três anos que é um touro da marca OB. No leite, lideram três touros de genética de base OB, nascidos em três diferentes Estados da Federação, pertencentes a três diferentes criadores.

A marca OB está avançada na questão do melhoramento da carcaça, além de estar trabalhando a todo vapor na criação de linhagens de nelore de carne marmorizada e macia. Pesquisas feitas pela marca OB, em convênio com as mais importantes Universidades, têm revelado animais nelore que



fotos: L. Adollo

chegam a marmorizar a carne melhor que o angus. O nelore ainda reserva muitas surpresas para os próprios neloristas. Quando vejo estes resultados, lembro que meu pai dizia sempre: "é difícil imaginar até onde poderá chegar a raça nelore". Estamos iniciando também um esforço na seleção para conversão alimentar, que, acredito, será mais um trabalho de vanguarda feito pela marca OB em prol da pecuária brasileira.

ABCZ: Como o senhor avalia o atual momento da seleção de zebuínos no Brasil?

OCB: Emocionante por termos de nos adequar, com o nelore, ao papel de liderança que a pecuária de corte brasileira assumiu. É hora de mostrarmos que o zebu, quando bem selecionado, tem condição de atender aos mercados mais exigentes.

ABCZ: O Banco Genético da marca OB conta com 16 diferentes tipos de linhagens da raça nelore. Qual a importância de se preservar essas linhagens e quais os cuidados são tomados para preservar um dos maiores rebanhos de gado PO registrado do Brasil?

OCB: A marca OB optou por preservar a variabilidade genética do nelore. Foi guardado sêmen de filhos diretos dos principais touros importados da Índia em 1962. Só de filhos do Golias, a marca OB guardou sêmen do Grado, do Freguês, do Fabuloso, do Ediri, do Fauji e do Faulad, sendo os três últimos POI. Do Godavary, ficou o sêmen do seu melhor filho, o Ocipital, de um lote de 30 filhos que meu pai comprou da fazenda Brumado, do grande melhorista Rubens de Andrade Carvalho, a quem tanto deve a pecuária brasileira.

O Ocipital é avô do Everest, que deu o grande campeão e a grande campeã mochos deste ano na Expoinel. É também avô do Dalamu, cuja prole vem se destacando nos sumários e nas pistas. Para completar, o touro líder para fertilidade pelo

Abaixo e na página seguinte: o selecionador da marca OB e também presidente do Fundeppec-SP

critério da PAC, que mede a quantidade de quilos de bezerros desmamados por ano de vida útil no rebanho, pelo sumário Nelore Brasil, é o Caeté, filho de Ocipital. Basta este fato: ter produzido o Caeté, o touro que dá as vacas mais férteis do nelore brasileiro, com este material genético preservado, para ter valido a pena este esforço de conservação e preservação.

Quanto à importância de ter preservado este material genético, os principais geneticistas brasileiros afirmam que sem variabilidade genética fica mais difícil fazer melhoramento. Neste momento em que a marca OB tem se empenhado em ensaios de pesquisa que permitiram mostrar linhagens de nelore transmitindo mais marmoreio do que o angus, ou abrindo o leque de busca de melhor conversão alimentar, fica claro que a marca OB e todos os companheiros que têm buscado preservar linhagens e famílias dentro do nelore brasileiro prestam um grande serviço à pátria.

ABCZ: *O senhor atua amplamente à frente do Fundeppec-SP e também participa de outras entidades ligadas ao desenvolvimento da pecuária, como o SIC. Qual a importância da participação dessas entidades classistas?*

OCB: Queixada fora do bando é comida de onça. Assim se expressa um dos principais líderes do agronegócio brasileiro. E, na minha opinião, é a mais pura verdade.

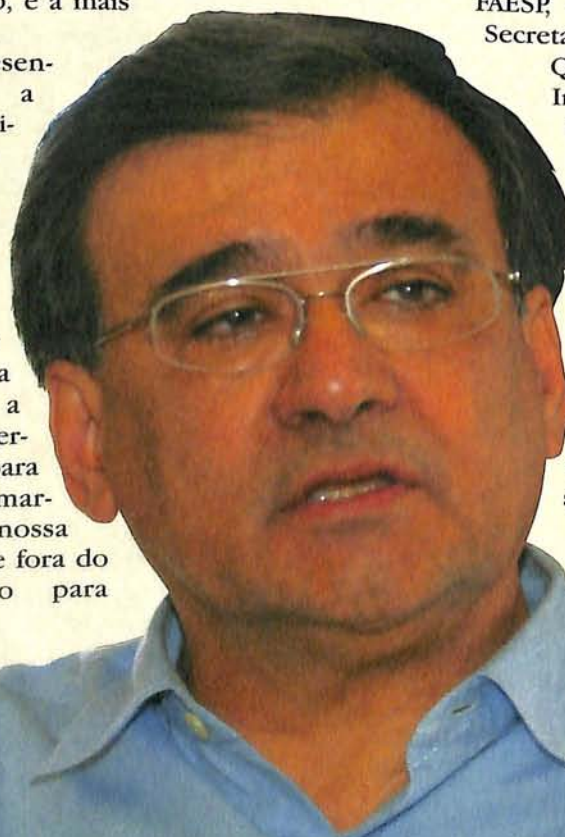
Para desenvolvermos a nossa rentabilidade, o principal insumo é união. União para acabar com a aftosa. União para acabar com a brucelose, a raiva, a cisticercose. União para fazermos o marketing da nossa carne dentro e fora do Brasil. União para defender-

mos o direito de propriedade e o Estado de Direito, sem o quê acaba a civilização e caímos na barbárie. Felizmente, temos as instituições em torno das quais nos unir. Esse orgulho nacional que é a ABCZ, bem como a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, com suas federações estaduais e milhares de Sindicatos pulverizados por todo o Brasil, catalisando e unificando o discurso do agronegócio brasileiro. Existem ainda as cooperativas, tão importantes na sua ação de viés empresarial.

Tive a oportunidade de estar sempre atuando junto com meus companheiros. Na Rural, um núcleo de inteligência e de princípios, na Nelore, na Brahman, na ABCZ, na FAESP, que agora vem abrigar o Fundo de Desenvolvimento da Pecuária de Corte do Estado de São Paulo, o Fundeppec - SP.

O Fundeppec-SP, onde tenho me dedicado mais ultimamente, é como um irmão mais velho que agora se rejuvenesce e fortalecerá tal como os outros Fundos Pecuários e Fundeppecs dos outros Estados da Federação, muito mais fortes e consolidados, a exemplo do Fundeppec de Goiás, fundado pelo grande batalhador da pecuária brasileira, Antenor Nogueira, presidente do Fórum da Pecuária de Corte da CNA. A OIE exige a criação destes fundos indenizatórios para a defesa da pecuária comercial nos respectivos Estados. Em São Paulo, temos que destacar a capacidade de sintonia do setor privado, representado pela FAESP, e do setor público, representado pela Secretaria da Agricultura.

Quanto ao SIC, que é o Serviço de Informação da Carne, este configura um esforço de união da pecuária para promover a carne bovina dentro e fora do Brasil, com a participação de "todas" as entidades da pecuária de corte, sob a presidência do Carlos Viacava, o nome certo para o lugar e o momento certos. Vale a pena entrar no site www.sic.org.br e ver o que nós pecuaristas, com união e competência, conseguimos realizar. A promoção da nossa carne não pode ficar para trás da que é feita pelos nossos concorrentes. Nós já somos os maiores exportadores de carne no mundo. O próximo passo é sermos os melhores. A comunicação faz parte deste projeto.



ABCZ: Recentemente, o surgimento de focos de febre aftosa no Brasil trouxe novamente à tona a discussão dos investimentos na área de defesa sanitária. Qual seria a melhor maneira para gerenciar a crise desencadeada pelo aparecimento da doença no rebanho?

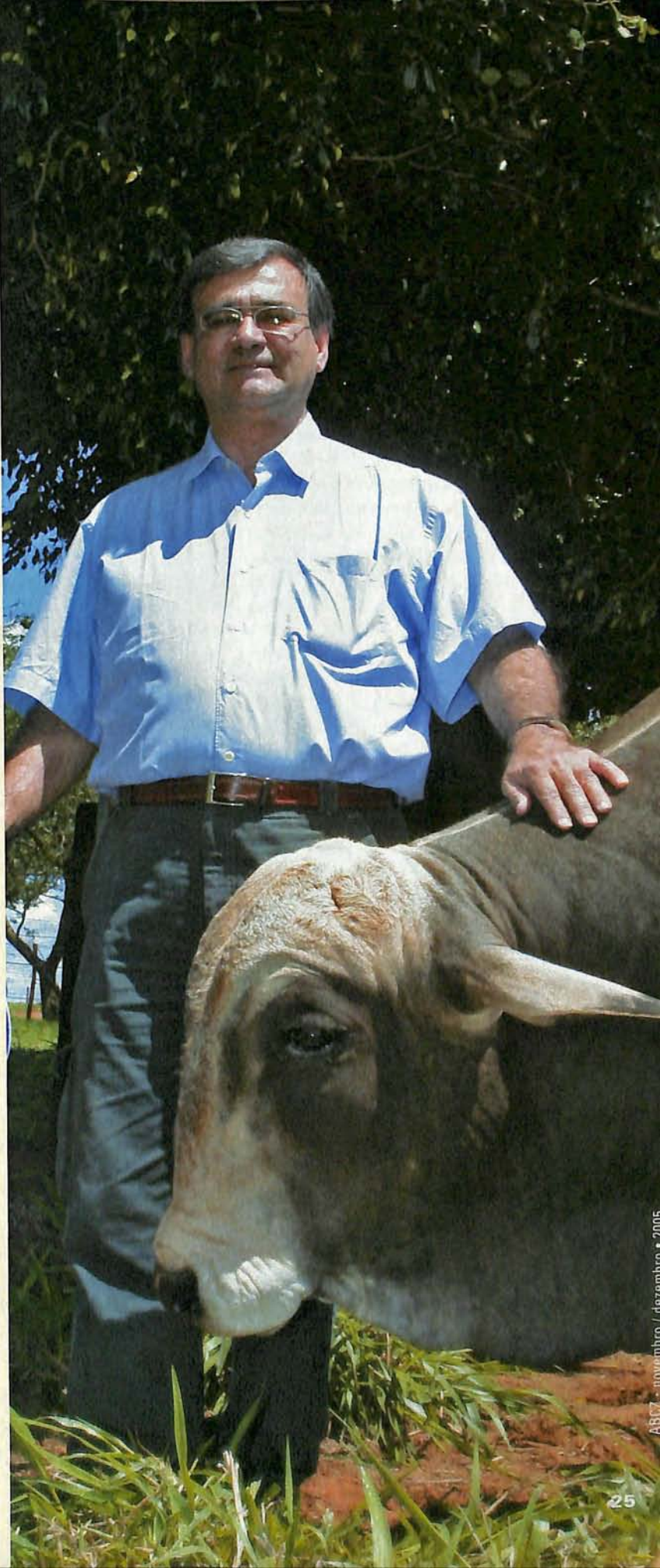
OCB: Logo que surgiu a crise, liguei para o João Cavallero, presidente do Iagro, Agência de Defesa Agropecuária do Mato Grosso do Sul, que já foi também Secretário Nacional de Defesa Pecuária do Ministério da Agricultura. O João me falou: "Ovídio, é o mesmo vírus O1 que apareceu em Murtinho, no ano 2000, depois em Naviraí, Jóia, no Rio Grande do Sul, e, agora, em Japorã." E completou: "Só vamos acabar com a aftosa no Brasil no dia em que houver um programa de erradicação integrando o continente sul-americano".

Para quem conhece as fronteiras secas do Brasil com o Paraguai e a Bolívia, sabe que esta afirmação do João é a pura verdade. Felizmente, os cientistas andaram na frente: já existe um plano para erradicação da aftosa elaborado pelo Centro Pan-Americano da Aftosa, o Panaftosa, onde está definido o quê fazer, quanto, quando e onde para a erradicação da aftosa na América do Sul.

A coisa não está tão difícil. São necessários US\$50 milhões para serem gastos em 5 anos. E os americanos estão dispostos a bancar uma parte. À frente deste esforço está o Sebastião Guedes, que, simultaneamente, preside o Conselho Nacional da Pecuária de Corte e o Giefa - Grupo Interamericano de Erradicação da Febre Aftosa. O Guedes acaba de acompanhar o ministro Roberto Rodrigues em reunião de todos os ministros de agricultura em Santa Cruz de la Sierra, onde a principal missão é viabilizar a implementação deste plano de erradicação continental da aftosa. Se tudo der certo, em 2010 estaremos vendendo a nossa carne, no mínimo, pelo mesmo preço do México, onde um boi de 18 arrobas vale US\$ 800.

ABCZ: Qual deveria ser a posição do Brasil com relação ao combate da febre aftosa diante dos países que fazem fronteira com o nosso?

OCB: Como já disse anteriormente, o papel do Brasil tem que ser semelhante ao desempenhado pelos Estados Unidos, que catalisaram o esforço de erradicação no México e no Canadá. O Brasil, como maior interessado, tem que buscar o esforço conjunto com seus países irmãos, numa posição de igualdade, abrindo seu território para as auditorias de outros países e buscando de forma harmônica e fraterna esse sonho de todos os povos sul-americanos.



A FEBRE DA PECUÁRIA

Foco de aftosa confirmado no Mato Grosso do Sul atingiu em cheio o mercado bovino

O Brasil ainda contabiliza os estragos causados pelos casos confirmados de febre aftosa no Mato Grosso do Sul. O número de animais abatidos desde quando foi anunciado o primeiro foco, no início de outubro, na cidade de Eldorado, já passa de 14 mil bovinos. Nas últimas semanas de novembro, a média diária de sacrifício foi de 600 animais, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. A quantidade de países que anunciaram restrições parciais ou totais ao Brasil em função da ocorrência de febre aftosa no Mato Grosso do Sul e das suspeitas da doença no Paraná chegou a 51.

A proibição da ocorrência de feiras e leilões em alguns Estados também causou prejuízos aos produtores. No dia 11 de novembro, o presidente da ABCZ, Orestes Prata Tibery Júnior, enviou uma carta ao ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, solicitando a autorização de leilões, exposições e trânsito de animais no Estado do Paraná. Ele também solicitou cópias dos laudos dos exames labora-

toriais dos animais que foram submetidos às avaliações clínicas para febre aftosa e que resultaram negativos. O Departamento de Sanidade Animal informou no dia 28 de novembro que os casos sob investigação estão limitados a nove propriedades rurais e não foram observadas novas suspeitas da doença.

Logo que o Mapa divulgou a confirmação da doença, em outubro, Orestinho lamentou a ocorrência do foco e reforçou: "Nos meus dois últimos pronunciamentos, durante a ExpoZebu e a Expoinel, nas últimas visitas ao presidente Lula, na imprensa e nos órgãos oficiais de divulgação da ABCZ a cobrança por maior atenção com relação à aftosa sempre esteve entre as nossas solicitações". Em maio, durante a ExpoZebu, o presidente da ABCZ entregou ao vice-presidente José Alencar, que representava o presidente Lula, a Carta de Uberaba. Neste documento consta todas as reivindicações mencionadas por Orestinho.



0800 0116262 www.tortuga.com.br

Garanta seu estilo de vida com a Tortuga

Com seu rebanho saudável e bem nutrido, sua vida ganha mais segurança e tranquilidade. Uma simples decisão pode fazer toda diferença.

Não seja mais um. Seja diferente.



Mais tecnologia. Mais resultados.



PMGZ:

a sigla do melhoramento genético

Programa da ABCZ caracteriza a genética do zebu; banco de dados é o maior do mundo

Luciano Bitencourt

Ricardo José e Epaminondas Andrade (acima): pioneiros no uso do PMGZ

Epaminondas de Andrade ainda era um principiante na lida com a pecuária, em meados da década de 1970, quando já se preocupava em responder à pergunta: como se fazer o melhoramento genético de zebuínos? “Naquela época, um amigo criador, bem mais antigo do que eu, e com mais experiência, me disse que, se para selecionar gado PO, tivesse que fazer o Ponderal, ele preferia parar de criar. Fiquei assustado, surpreso”, lembra o pecuarista ao recordar-se das provas iniciais de ganho em peso da ABCZ, em 1968.

Atuante na região Norte do Brasil, Epaminondas disse notar que, a exemplo do passado, muitos criadores da atualidade ainda não se atentaram para o valor dos programas de melhoramento genético como ferramenta de trabalho. “Existe, e prevalece, a cultura antiga do olho, da pessoa que utiliza o touro registrado, grande e bonito, com um grupo de vacas registradas, e que acredita estar fazendo seleção”,

disse o criador, proprietário da fazenda Vale do Boi, no município de Carmolândia, no Estado de Tocantins.

Na sua propriedade, o selecionador de gado nelore sempre registrou – outrora no papel, hoje no computador – todas as informações de seu rebanho, até mesmo dos animais cara limpa. “É o que chamamos atualmente de valor agregado”, ressaltou, ao comentar que traz consigo esse conceito a partir de sua experiência como administrador de empresas. “Sabemos a habilidade materna de cada vaca da fazenda, inclusive, do rebanho comercial”, disse Ricardo José de Andrade, filho do criador.

Pioneiro na utilização do Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ), Epaminondas de Andrade afirma que custos, receitas e índices de produtividade são termos incorporados ao seu negócio desde o início de sua atividade como pecuarista. “O rebanho evolui com mensuração”.

A Ótica de trabalho do criador mineiro radicado no Tocantins rendeu dois pontos importantes em seu empreendimento. O primeiro deles é que, mesmo sem participar de pistas de julgamento, a genética da Vale do Boi está presente nos reprodutores que lideram o Sumário de Touros ABCZ/Embrapa; em segundo lugar, animais nascidos e criados na fazenda consagraram-se campeões em dois abates técnicos, na categoria Lote de Carcaça, realizados pela Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB), em Tocantins.

“O PMGZ permite com bastante precisão, baseado em critérios técnicos, identificar os melhores animais do rebanho, e direcionar cada grupo e característica dos mesmos de acordo com o mercado específico que o produtor quer atingir. São várias as características observadas pelo Programa, que busca atender as mais variadas demandas da pecuária”, afirmou Nelson Pineda, diretor Técnico da ABCZ.

“Seleção não é descartar um animal que nasce mancando de uma perna. Não é tão simples assim”, emendou Epaminondas de Andrade, ao se declarar um aprendiz de genética com base na teoria da “ervilha de Mendel”, e assumir que ocorreram diversas mudanças na área científica nesses seus mais de 30 anos como pecuarista. “Alguém pode até dizer que alcança algum avanço genético sem programa de melhoramento, mas é um avanço irrelevante para a pecuária atual”, afirmou.

Ciência

Com o mundo cada vez mais conectado entre si, a influência direta da economia global no destino do setor produtivo é ainda maior; tendência que leva à equação: aumento de produtividade versus redução de custos. “Incorporar tecnologia é fundamental para que os pecuaristas aumentem o ganho na seleção de seus rebanhos”, salienta Carlos Henrique Cavallari Machado, superintendente técnico-Adjunto da ABCZ.

Segundo ele, a pressão diária do mercado cobra maior eficiência dos criadores e, conseqüentemente, mais perspicácia no processo de produção. “O PMGZ identifica os melhores animais com maior probabilidade de acerto. Com isso, o ganho genético é mais acelerado. Aumenta-se os genes favoráveis no rebanho e diminui-se os não desejáveis”, explica o diretor Pineda, que vê nas estimativas de valores genéticos (VG) uma das grandes ferramentas geradas pelo PMGZ ao selecionador.

O ganho genético a que Pineda se refere foi o que o gerente da fazenda Morada da Prata, Fernando Garcia de Carvalho, objetivou para o plantel tabapuã da propriedade quando adotou o PMGZ. Na época, Carvalho era diretor técnico da Associação Brasileira dos Criadores de Tabapuã (ABCT) e foi encarregado, também, de escolher qual o programa que seria adotado para raça com a oficialização da sua entidade.

“A base de dados do PMGZ é uma das suas grandes vantagens. Podemos comparar a tabapuã com outras raças zebuínas”, comentou o gerente da Morada da Prata, fazenda que completa sua 28ª Prova de Ganho em Peso, pela ABCZ. Atualmente, cerca de 25% dos animais tabapuã avaliados pelo PMGZ são pertencentes à Morada da Prata – a propriedade, localizada próxima à Batatais (SP), comporta 1.200 animais no total, sendo 500 deles matrizes.

“Existem clientes que querem animais com valor agregado. Os criadores geralmente são bons na seleção do ‘olho’, mas o PMGZ não faz seleção e, sim, melhoramento genético”, afirmou Fernando Carvalho, que há 13 anos atua na fazenda do interior paulista. Segundo ele, é importante o criador aliar o PMGZ ao Procan +, bem como incentivar e participar dos dias de campo promovidos pela ABCZ.

Abaixo: Carvalho, gerente da Morada da Prata





Carne e leite

Acima: Haroldo e Carlos Fontenelle, que trabalham a seleção do guzerá; abaixo, o também guzeratista Roberto Franco

O capixaba Carlos Fernando Fontenelle Dumans divide seu tempo entre o petróleo e a pecuária, mais precisamente com o guzerá NF. Engenheiro, Carlos Fernando trabalha na Petrobrás e ajuda a administrar a fazenda Fontenelle, localizada em Baixo Guandu (ES). Segundo ele, os animais da propriedade são todos provados em conformidade com os regulamentos das Provas de Leite da ABCZ. "Nos três currais da fazenda, uma vez por mês, é feita a pesagem oficial do leite por técnico da ABCZ para registro da produção leiteira", comentou.

Adepta ao PMGZ, a marca NF tem sido destaque no Concurso Leiteiro da ExpoZebu desde 1992 quando atingiu produções como a das fêmeas Alvura NF (Reservada Grande Campeã), com 25 kg de leite/dia, sem ajustes, e Traíra NF (Campeã Vaca Adulta), com 31 kg/dia, ajustados para 4% MG.

Para reforçar o potencial de produção leiteira da raça guzerá, Carlos Fernando evidencia outros criatórios e cita como exemplo a quebra de recorde mundial do Concurso Leiteiro da ExpoZebu 2005, onde a fêmea Nagoia Taboquinha, registrou a maior produção de leite em torneios públicos da raça, com a produção média de 37,100 Kg/dia.

"Programas como o PMGZ são peças importantes para a seleção. Dão ao criador condição de verificar informações que vão servir para avaliar com maior eficiência as possibilidades de melhoramento genético do rebanho. É preciso dispor dessas informações para se melhorar a produtividade. Sem esse tipo de programa é muito mais complicado trabalhar com seleção", reforçou Haroldo Fontenelle, que é tio de Carlos Fernando, proprietário da marca NF e ex-integrante do Conselho e do Colégio de Jurados da ABCZ.

Ambos acreditam que o gado guzerá desempenha bem a função de produzir carne e leite. Embora, o trabalho de reconhecer na seleção a dupla aptidão, segundo Carlos Fernando, não seja fácil. "É um

desafio que programas como o PMGZ têm que superar", sugeriu o engenheiro, "pois melhorar geneticamente o guzerá é um desafio permanente", emendou.

Roberto Franco, criador de guzerá em Sales de Oliveira (SP) e Jussara (GO), reforça a tese de que o uso de um programa de melhoramento é peça indispensável para se fazer genética. "A base de dados da ABCZ é muito rica e as informações muito detalhadas. Isso nos dá tranquilidade ao realizarmos a seleção dos animais da propriedade. É importante ter parâmetros detalhados quando se quer resultados eficientes e comprovados", ressaltou.

Para Roberto Franco, que utiliza o PMGZ desde o seu lançamento, o programa tem evoluído muito, pois, atualmente, o criador tem acesso aos dados com maior facilidade. "É preciso saber como cruzar ou acasalar os animais para não correr o risco de descaracterizar o potencial do produto. E não adianta querer cruzar sem saber o que se está fazendo porque pode-se descaracterizar até a raça pura com



isso”, alertou.

É para esse ponto que o diretor Técnico da ABCZ, Nelson Pineda, chama atenção, esclarecendo que as estimativas das DEPs em gado de corte e as PTAs em gado de leite, que correspondem a metade do VG, são o indicativos da probabilidade de um animal transmitir as suas qualidades a outro exemplar. “Participar do PMGZ, por si só, não significa que haverá progresso genético do plantel. Os dados utilizados e os reprodutores e matrizes eleitos são fundamentais no resultado”, recomendou Pineda. Segundo ele, uma coleta de dados sem precisão, e seriedade, é inválida e altamente prejudicial.

Importância do PMGZ

O banco de dados zootécnicos da ABCZ possui atualmente informações referentes a mais de 1.908.758 milhões de animais. É o maior arquivo do mundo no que diz respeito a dados técnicos de bovinos. “Inicialmente, o controle desses animais restringia-se a avaliações de características de padrão, como o tamanho das orelhas na raça indubrasil, nas primeiras décadas do século XX”, lembrou o presidente da ABCZ, Orestes Prata Tibery Júnior.

Percebendo a necessidade de ampliar as características avaliadas no zebu, a ABCZ iniciou, em 1968, as suas provas zootécnicas com a implantação do Controle de Desenvolvimento Ponderal (CDP), que trabalhou com medidas de quantidade, como os pesos em diferentes idades – através das Provas de Ganho em Peso (PGP). Naquela época, foram inscritos 996 animais, 448 machos e 548 fêmeas, sendo 531 da raça gir, 98 guzerá, 117 indubrasil e 250 nelore. No ano passado, a entidade contabilizou 142.279 animais inscritos no CDP, sendo 72.684 machos e 69.595 fêmeas.

Ao longo dos anos, a avaliação dos animais passou a levar em consideração características de valor econômico da produção, com vistas nos aspectos ambientais e sociais, o que incorporou ao PMGZ uma série de dados como a relação ossos/músculos, maciez e percentual de gordura na carne, fertilidade, resistência, avaliações de tipo (método EPMURAS) e outros. “Essa evolução do Programa demonstra o quanto nos preocupamos em atingir nosso objetivo, que é o de oferecer uma ferramenta ao criador que o auxilie na busca de um retorno econômico, aliado com maior contribuição social e menor impacto ambiental”, disse o superintendente Técnico da ABCZ, Luiz Antonio Josahkian.



foto: M. Farias



Acima : Carlos Henrique e Josahkian, superintendentes da ABCZ, que coordenam o PMGZ; abaixo, Luiz Otávio, da Embrapa Gado de Corte

Nova Fase

Há 26 anos, a Embrapa Gado de Corte é parceira da ABCZ, junto com o MAPA, na elaboração dos sumários de touros das raças zebuínas. O propósito dessa iniciativa foi disponibilizar, para as fazendas participantes do CDP, as avaliações de suas matrizes e animais jovens (machos e fêmeas). “Agora, evoluímos nessa parceria”, disse Luiz Otávio Campos da Silva, responsável pela equipe de melhoramento animal da Embrapa Gado de Corte, em Campo Grande (MS).

Segundo ele, ABCZ e Embrapa vão trabalhar em conjunto no sentido de “unir” as informações disponíveis nos sumários de touros existentes no mercado. “A idéia é que, desta forma, além de ser oportunizado maior entendimento dos resultados das avaliações genéticas que aparecem nos sumários, haja um entendimento do processo do melhoramento como um todo”, reforçou Luiz Otávio.

De acordo com o especialista da Embrapa, o trabalho, entendido como uma prestação de serviço, será baseado na sinergia entre o corpo técnico da ABCZ e o corpo de gerência e manejo das fazendas, podendo se dar de forma isolada ou agrupada.

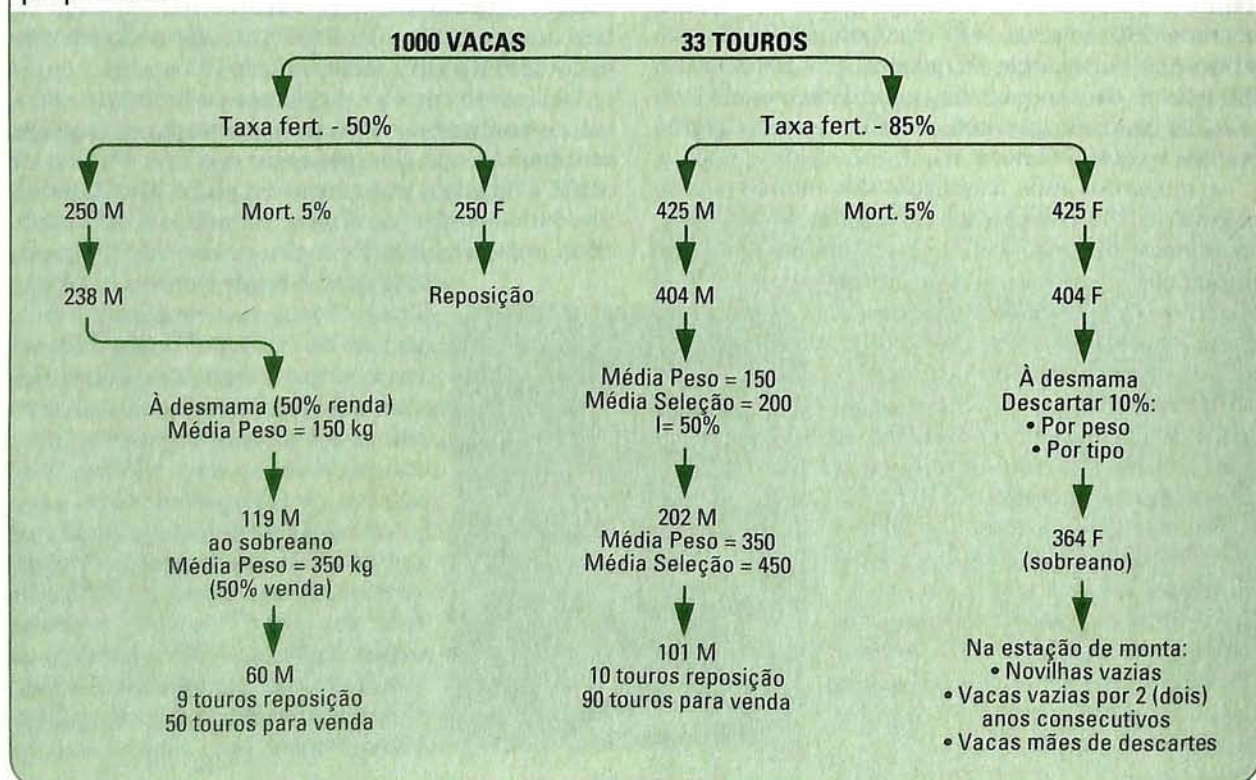
“Esta união viabilizará a melhoria de todo o processo que se estende desde a definição dos objetivos, passando pela eleição do conjunto de características a serem trabalhadas, coleta dos dados, seguindo até a utilização das informações geradas, assim como na aplicação de critérios de seleção”, informou Luiz Otávio.

A maior otimização do Programa entusiasmou ainda mais o pecuarista Epaminondas de Andrade, que fez uma ressalva sobre a evolução das avaliações técnicas da ABCZ: “Hoje, aquele meu amigo que era resistente ao Ponderal, utiliza o PMGZ”.

Passos para instalação de um programa de melhoramento genético

- Identificar todos os animais com numeração única e permanente;
- Definir o número de matrizes do rebanho;
- Definir o número de touros necessários;
- Definir os critérios de seleção a serem adotados, consoantes com as tendências e exigências do mercado;
- Estabelecer uma estação de monta, sendo sugerido a de 90 dias ou menos;
- Introduzir, quando necessário, variabilidade genética, evitando consangüinidade inicial;
- É ideal que se descarte as vacas e novilhas vazias, sendo outra opção o descarte das vacas que falharem duas vezes em três anos ou ainda, implacavelmente, as que falharem por dois anos consecutivos;
- Avaliar o desempenho de todos os animais nascidos, mesmo que portadores de defeitos; Subdividir o rebanho em categoria de sexo e idade para facilitar o manejo;
- Manter sempre os animais até o momento da seleção em grupos de contemporâneos;
- Usar a balança para medir;
- Subdividir as pastagens para receber os lotes de acasalamento, maternidade e desmama;
- Proceder a uma desmama organizada;
- Criar índices próprios de seleção, atendendo demandas genéticas específicas;
- Cuidar para reduzir o intervalo entre gerações, usando touros e vacas jovens na reprodução e substituindo, sempre que possível, as vacas mais velhas por novilhas melhoradas;
- Selecionar os animais pelo desempenho individual, procurando sempre conciliar os maiores diferenciais de seleção (no caso de seleção para peso, kg acima da média do grupo de contemporâneos) com outros critérios de seleção;
- Não usar somente touros aparentados entre si na reprodução, evitando dessa forma con-sangüinidade em níveis prejudiciais;

A título de ilustração, vamos considerar dois sistemas de exploração: um, utilizando os valores médios de reprodução do rebanho controle, e outro, os valores do rebanho seleção. Siga o raciocínio e observe como o melhoramento genético pode alterar, substancialmente, a baixos custos o perfil econômico da propriedade:



Totais de carne produzidas somente por machos (ton.) nos sistemas:

ITEM	1* Sem seleção (50% de fertilidade)	2 Sem seleção para peso (85% de fertilidade)	3 Com seleção para peso (85% de fertilidade)	Diferença	
				1 - 3	2 - 3
Bezerro (à desmama)	17,9	30,3	31,1	13,2	0,8
Bois Magros	20,6	35,4	36,4	15,8	1,0
Total	38,5	65,7	67,5	29,0	1,8

1* - Não inclui os touros de venda, nem fêmeas de descartes

Vantagens do PMGZ

- Melhora a fertilidade do rebanho
- Evidencia os animais, mais precoces
- Melhora os índices de ganho de peso
- Diminui o intervalo entre gerações
- Coloca à venda animais testados, agregando valor aos mesmos
- Proporciona aos criadores produzirem animais prontos para abate mais jovens
- Proporciona ao consumidor carne de melhor qualidade
- Diminui o custo de produção por unidade de produto ou melhora a relação custo/benefício
- Otimiza os recursos da propriedade
- Aumenta a lucratividade

Controle Leiteiro

O criador que deseja iniciar o controle leiteiro em seu rebanho deverá entrar em contato com a ABCZ, através de nossos escritórios ou filiais. Há também o sistema de credenciamento de controladores, que permite ao criador indicar técnicos de sua região para executar os controles mensais na propriedade, reduzindo em grande parte os custos do processo.

São requisitos básicos para iniciar o controle leiteiro em uma propriedade:

- Toda matriz deve possuir identificação (RGN ou RGD)
- A matriz deve estar com no máximo, 75 dias de parida no primeiro controle
- O primeiro controle deve ser feito após o 5º dia de parição
- O intervalo entre controles deve ser no mínimo 15 e no máximo 45 dias

Ao final de toda a lactação com mais de três controles, é emitido pela ABCZ o Certificado de Produção em Controle Leiteiro Oficial. Nesse relatório são demonstrados todos os controles realizados, o que permite apresentar um gráfico onde podem ser visualizadas a curva e a persistência da lactação. É demonstrada também a produção de leite em até 305 dias e produção de leite em até 365 dias de lactação.

Aftosa, Amazônia, Sisbov, Mapa, ETC

*Carta Aberta a Pecuaristas e Técnicos**

Meus caros amigos:

Agradeço penhorado a vocês pelo interesse por minha crônica "Notícia Alvis-sareira" sobre os 13 visitantes do exterior. Fico sensibilizado pelas palavras tão amáveis e gentis, eventualmente orientadas mais como homenagem carinhosa a um agrônomo sênior, do que pelo mérito das opiniões emitidas.

De qualquer modo, suas cartas abordam matéria que merece ser esclarecida.

Se "o Mapa agiu à revelia dos principais interessados" [no caso do Sisbov] talvez seja porque eles não se interessaram como deviam. A "falta de liderança do produtor" se explica em parte pela dispersão das fazendas e dos pecuaristas, o que dificulta reuniões e ação conjunta. Existem associações da classe é certo, mas elas são dirigidas pelos criadores de gado fino, cujos problemas são muito diversos dos enfrentados pelos pecuaristas do "sertãozão". Daí meu apelo para que os últimos tomassem a iniciativa de acompanhar os 13 visitantes que estão chegando do exterior.

Foi mencionada, com razão, "a dificuldade de colocar brincos em 15.000 bezerros" paridos ao léu e recolhidos, às vezes, só na desmama. Será que as entidades, que correram para obter renda com certificação, sabem disso? Talvez só pensem em animais de pista criados na sombra e tratados a pão-de-ló. Ou estariam avaliando como aplicar brinco nos bois do mercado de futuros... Brincadeiras de lado, não tenho notícia de uma só associação de pecuaristas que tenha feito oposição ao Sisbov!

Disseram que "tem muita gente levando vantagem". Certíssimo, só que essa gente se mexe e trabalha nos bastidores, admitin-

do-se que até despertem e incentivem a exigência de rastreabilidade com brincos, botões, computadores gigantes, operadores dessas máquinas, além da papela-da emitida pelos certificadores e licenciadores, pois têm interesses em cada um desses itens. Anjos e santos estão todos no céu.

Preocupam-se com a "Amazônia", com razão. Eu também, só que a conheço de perto e já tomei uma malária que quase me levou. Mencionei argumentos pensando nas explicações aos 13 visitantes estrangeiros. Que falar a eles quando constatarem os milhões de bois em Mato Grosso e no sul do Pará? Falar mal de nossos patrícios que lá estão produzindo? Dizer que esses pecuaristas não deviam ter feito o que fizeram? Então é melhor condenar de uma vez a produção de carne vermelha que bate recorde a cada ano. Coloquei-me na posição de quem fosse dar explicações aos visitantes dos 13 países que querem comprar nosso produto, para que, no futuro, não venham a discriminar nossa carne porque vem em parte de pastos formados em terra de mata, a exemplo do que já aconteceu com nossa madeira.

"Devíamos recuperar pastos degradados e não formar capim em terras novas". Bem, é uma questão de fazer contas e avaliar riscos. Tome-se R\$1 milhão para investir na pecuária e calcule-se a perspectiva de retorno sobre o capital em duas situações: a) terra degradada, praguejada, que requer correção, adubação e reforma, próxima mas cara, por vezes não agricultável, com seca quente de 4/6 meses; b) terra de mata, despraguejada, fértil, barata, boa para soja quando os tocos apodrecerem, longínqua mas onde



Fernando Penteado Cardoso é engenheiro-agrônomo e presidente da Fundação Agrisus

o capim não seca. Façam as contas e tirem suas conclusões. Vão ver que os pecuaristas do sertão são bons no lápis.

Ao mencionar "o gado de cocheira", eu estava pensando como é fácil "brincar e abotoar" esses animais. Se os 13 visitantes do exterior só conhecerem esse criatório, poderão, inclusive, pensar que nossa pecuária é baseada no cocho e não no pasto. Daí, vai dar confusão. Um melhoramento genético em ambiente de campo pode trazer progresso. Tenho minhas dúvidas quanto às linhagens superalimentadas e protegidas por gerações e gerações sucessivas. Vai acabar se tornando um gado super-eficiente para o ambiente em que foi selecionado, inclusive onde as fêmeas serão "boas doadoras" e não mais "boas parideiras" e "boas criadeiras".

Finalmente, estou de pleno acordo que se deva cuidar de proteger a saúde do consumidor brasileiro. Só que, no caso da carne de boi, acredito mais em uma severa, eficiente e metódica inspeção a nível de abatedouros, do que confiar na sanidade bovina baseada em animais com brincos, botões e licenças de toda ordem, controlados por bilhões de dígitos nos computadores do Mapa,

"bits" que não servem para nada, que acabam sendo esquecidos e desperdiçados. Isso tudo vai custar um bom dinheiro à pecuária e à sociedade.

Fiquem todos certos de uma coisa: "se, por azar nosso, ocorrer um surto de aftosa, vai dar uma encrenca dos diabos" em que pese todo o empenho com petrechos, certificações, digitações, bem como toda a perda de tempo com discursos, opiniões, etc. etc. relacionados ao Sisbov e suas exigências. Só que falta coragem para dizer isso para nós mesmos e para os "gringos" que ora nos visitam.

Agradecendo mais uma vez e torcendo para cuidemos mais de "alimentar na seca" do que de gastar com brincos e certidões, recebam todos meu Cordial abraço.

**Publicado no site Beefpoint em 13.09.05, em resposta conjunta às cartas recebidas dos Srs. Adriano Apolinário Leão de Oliveira, Adilson Perdiza Villas Boas, Enir de Souza Pinto, Alexey Heronville Gonçalves da Silva, Carlos Affonso Junqueira Neto, Iracema C.P.Foz, Fábio Andreazza, Ladislau Cesar Rodrigues, Jose Luiz Couto Pedreira, Jose Sergio Garcia, João Francisco S. Vaz, Renata Romaguera.*

Troncos MASTER III

A revolução em troncos

Portão lateral móvel.

Exclusivo sistema salva-vidas.

Maior praticidade e segurança
na imobilização e pesagem dos animais.

Equipado com Balança Eletrônica de barras.

Entrega imediata

vendas@balancasacores.com.br
www.balancasacores.com.br

EXCLUSIVO

PROMOÇÃO
10x
sem juros
Entrega imediata

Acôres®

BALANÇAS
Tecnologia do Futuro

Ligue agora

43 3254-1331



Melhoramento conectado com a tecnologia

Informações referentes aos associados e animais registrados pela ABCZ em breve farão parte de um único banco de dados, localizado na sede. Setor de Informática da entidade garante que o processo é espelhado nos moldes das grandes instituições financeiras

Renata Thomazini

Acima: usuários do Procan + em aula de treinamento

Investimentos cada vez mais voltados a uma interligação eficiente e estreita entre a ABCZ e seu associado. Essa é a filosofia da Diretoria da entidade, que quer inaugurar, já para o próximo ano, uma estrutura totalmente remodelada em termos de Tecnologia da Informação. Tanto que os sistemas, softwares (programas) e comunicações feitas on-line para o banco de dados da ABCZ serão amplamente reestruturados. Entre as novidades está a unificação do banco de dados central com os escritórios regionais. Ou seja, tudo o que for comunicado de qualquer lugar do País será imediatamente registrado e a mesma informação estará disponível em todos os escritórios ao mesmo tempo. As ADTs (Autorizações de Transferência) e as ADTs On-line, por exemplo, serão muito mais rápidas, facilitando a comunicação e integrando os sistemas em todo o território nacional.

De acordo com o diretor de Informática e Financeiro, Aprígio Lopes Xavier, este salto na comunicação é em prol do atendimento cada vez mais eficiente ao associado. “A disponibilização de dados on-line agiliza o atendimento ao criador. Quando o Sigennet (sistema de transferência de dados que é feito diretamente do lap top do técnico, na propriedade, ao banco de dados central) foi implantado, a ABCZ viabilizou com precisão e rapidez o atendimento técnico às propriedades. Para se ter uma idéia, após o atendimento no campo, os dados são transferidos pela Internet, direto para o banco de dados da sede. Antes, o técnico repassava esses dados para um atendente no ETR para que digitasse e encami-

nhasse para a sede. Isso demandava tempo, correndo-se o risco de perda dessas informações”, explica o diretor. Entre as novidades para 2006, de acordo com o diretor, está, ainda, um trabalho de conscientização do pecuarista sobre a importância da Tecnologia da Informação para otimizar seu empreendimento. “Nós estamos engajados em ampliar a utilização das comunicações on-line pelo criador. Na próxima ExpoZebu faremos todo trabalho voltado a esse estímulo. Queremos que o pecuarista entenda que tudo na sua propriedade pode ser mais eficiente se estiver informatizado”, afirma Eduardo Milani, superintendente de Informática.

Ponte com a informação

Uma janela aberta onde o criador pode acessar inúmeros serviços, o site www.abcz.org.br contém, entre os mecanismos disponíveis, consultas sobre a situação do rebanho e acompanhamento de processos junto à ABCZ. Todas as comunicações têm uma primeira conferência feita por meio da digitação realizada pelo criador, passando pela checagem no banco de dados da entidade. Esse procedimento facilita o processo, eliminando os erros de digitação de dados, como informa o superintendente Eduardo Milani. “O criador recebe o protocolo da entrada do serviço na ABCZ pelo seu e-mail e, na sequência, o documento passa por uma segunda checagem, mais profunda, para validação do serviço, que também é relatado por e-mail para acompanhamento do criador”, explica Milani.

As Autorizações de Transferências, chamadas de

fotos: divulgação

ADTs, precisam da assinatura do pecuarista em um contrato onde é criada uma assinatura eletrônica para as futuras transações via Internet. Esse é o único serviço que necessita que o criador assine papéis e pode ser efetuado em qualquer órgão executor (filiadas ou ETRs), para validar uma senha como assinatura digital. "As ADTs já realizadas também podem ser consultadas a qualquer momento", lembra Sandra Barbosa, gerente de Suporte de Informática. Sandra ressalta que existem várias comunicações que podem ser feitas on-line. "As Comunicações de Cobertura (CDC) são divididas em coberturas de monta natural, monta controlada e inseminação artificial. Também podem ser feitas as comunicações de nascimento (CDN) e de morte. No item 'atendimentos' podemos observar várias modalidades de consultas, facilitando a conferência", avalia a gerente.

SigenNet

O criador que for atendido por um técnico equipado com computador portátil (notebook) vai perceber que os dados dos animais são enviados rapidamente para o órgão executor responsável e disponibilizados na página da ABCZ para consultas e acompanhamento do processo. "A agilidade e transparência neste momento é fundamental", afirma o diretor de Informática da entidade, Rafael Mendes, que menciona outra facilidade na consulta de dados via Internet. "A consulta sobre os animais nascidos pode ser feita pelo número do documento de CDN ou pelo número do protocolo, de forma rápida e fácil. Podemos, ainda, reconstituir o documento original para consulta do criador", informa. Com opção de intervalo de nascimento ou por intervalo de registro, o criador poderá analisar seu rebanho cadastrado no banco de dados da ABCZ e verificar os dados básicos, com toda a rotina e o histórico armazenados, além de verificar pendências.

"Existem algumas dúvidas em relação aos dados de touros utilizados na inseminação, tais como nome do pai, mãe ou se o animal está liberado pelo Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) para comercialização. Por isso, foi disponibilizada a lista de touros de inseminação liberados pelo Ministério. Essa era uma



solicitação antiga feita pelos criadores", conta Rafael Mendes. O diretor explica que o criador também pode consultar séries alfabéticas já utilizadas por outros pecuaristas, esclarecendo dúvidas. De acordo com o superintendente Eduardo Milani, o acesso a essas informações é completamente seguro porque é utilizada a Certificação Digital, com os mesmos padrões adotados pelas instituições bancárias.

Procan +

Criado para ser uma ferramenta do PMGZ (Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos), o "Procan +" auxilia nas decisões gerenciais e na organização dos trabalhos de campo, além de contribuir para o manejo genético, nutricional e sanitário do plantel. Escrituração zootécnica, extração de relatórios gerenciais, controle leiteiro, acompanhamento da vida reprodutiva dos animais, produtividade são alguns dos serviços oferecidos pelo software. Desde 1993, o programa tem acompanhado as necessidades aprovadas pela maioria de seus usuários, sempre visando atender às necessidades da coletividade. O Procan+ tem mais de 2.100 unidades vendidas no Brasil e exterior. A partir da ExpoZebu 2005 foram adotados cursos teóricos e práticos de operação, visando explicar e orientar a aplicabilidade do software em relação ao rebanho.

"Entre as rotinas implantadas durante aquela ExpoZebu estão as comunicações eletrônicas realizadas diretamente do sistema Procan+ com o sistema de banco de dados da ABCZ", afirma Rafael Mendes. Para o diretor isso fez com que o processo se tornasse mais fácil e seguro, além de disponibilizar rapidamente na página da ABCZ, na Internet, as movimentações e seus resultados. "Esse programa, além de levar a credibilidade da marca ABCZ, tam-

bém é visto no mercado como um software onde os usuários, a cada ano, têm a oportunidade de dar sugestões ou criticar determinadas situações que envolvem o processo", revela o diretor, que ressalta a importância de saber a opinião do usuário na hora de definir os rumos da aplicação da tecnologia no campo, sempre respeitando o regulamento da entidade. Além do módulo de escrituração zootécnica, é oferecida no mesmo sistema a integração com o PMGZ e Controle Leiteiro da entidade.



Ao lado:
Milani, que é
superintendente
de Informática da
ABCZ; abaixo, o
diretor Rafael
Mendes

A questão da água: usos e abusos

Dentre os aspectos mais relevantes e prementes inseridos na discussão ambiental do final do século XX e início do século XXI, a questão da água permanece como uma questão central. A discussão envolve a preservação dos recursos hídricos, a poluição, os vários usos e a qualidade.

Diversas mudanças referentes às concepções e práticas a respeito do uso da água ocorreram nos últimos 30 anos. Organismos internacionais falam na guerra da água como uma das tensões geopolíticas contemporâneas. Conflitos já estão ocorrendo, por exemplo, entre Egito e Sudão, na África, por causa do rio Nilo, e entre os países por onde passa o rio Mekong, no sudeste asiático.

Recentemente, pesquisadores como Tundisi (2003) e Rebouças (2004) levantaram importantes dados sobre a questão na atualidade. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) bem como outros órgãos do governo e da sociedade civil também se preocuparam em discutir e regulamentar o assunto.

Nos jornais e revistas de circulação nacional e local, Washington Novaes, Liana John e outros jornalistas identificados com o jornalismo ambiental, destacaram-se por seus artigos sobre o assunto. A criação dos comitês de bacias hidrográficas é uma iniciativa nova que será mais bem avaliada neste início de século.

Neste quadro, a contaminação das águas superficiais e as enchentes são alguns dos problemas mais sérios verificados no século XX, e até antes, mas que se agravaram muito nos últimos anos. Vários municípios realizaram ações e estudos visando conhecer e proteger os mananciais. A população e os governantes reconheceram a importância da qualidade das águas das cidades e sabem que precisam tentar garantir sua oferta constante.

Desde o início da história da civilização, as cidades comumente se localizavam junto às águas. De fato, observa-se que, das cidades da Mesopotâmia (localizadas na bacia aluvial dos rios Tigre e Eufrates) às do Egito (localizadas às margens do rio Nilo), a água dos

rios e canais construídos delimitava as cidades e permitia transportar por toda parte produtos e matérias-primas. Isso se aplica igualmente às cidades da civilização greco-romana, a Roma, no curso inferior do rio Tibre, ou às civilizações do Extremo Oriente, localizadas próximas aos impetuosos rios do Himalaia.

Com a urbanização e a industrialização, a poluição hídrica tornou-se um dos mais graves problemas mundiais. Foram séculos de degradação dos recursos hídricos e muito pouco se fez até a década de 1970. A deterioração das águas atingiu níveis insuportáveis.

Acompanhando, quase sempre, o crescimento urbano acelerado verificado nos últimos 30 anos, os problemas ambientais não são, entretanto, resultado apenas do processo de urbanização. O desenvolvimento histórico, econômico e social brasileiro é que propiciou o aparecimento de inúmeros problemas e o agravamento das agressões ao meio-ambiente.

Não se pode desvincular a questão ambiental da questão política, de modo que é na história e na cultura dos povos que devem ser buscadas as causas de inúmeros problemas ambientais existentes na atualidade. Entre estes podem ser identificados: a ausência de atitudes individuais e coletivas, públicas e privadas, de cuidado com o ambiente; a falta de uma visão governamental estratégica e de longo prazo voltada para a proteção ambiental, mesmo quando já havia advertências sobre as consequências; o êxodo rural; a carência de estudos sobre os processos de ocupação do território; entre outras causas que devem ser consideradas. A falta de informações e o não acompanhamento dos problemas ambientais que afetam a comunidade são obstáculos que dificultam uma interpretação eficaz quando ela se faz necessária.

Para a pecuária, esse é um assunto de crucial importância, afinal bois, vacas, cavalos e outros animais, como os seres humanos, não sobrevivem sem água. O que se sabe, dentre tantas incertezas, é que as soluções passam pela continuidade do debate.



Renato Muniz Barretto de Carvalho é geógrafo e professor universitário em Uberaba (MG)

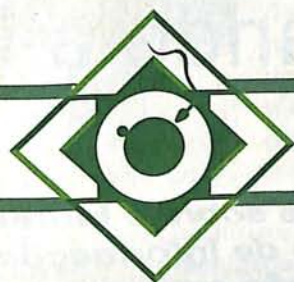
SEU REBANHO RUMO AO FUTURO EM 2006!

Para nós da Vitrogen, é motivo de orgulho contribuir para a evolução do rebanho nacional e ter nossos clientes como companheiros desta conquista.

Final, escolher a empresa certa para cuidar de seu patrimônio é coisa muita séria.

Esperamos encontrá-los em uma de nossas unidades em 2006!

Obrigado a todos nossos clientes e parceiros.



Segurança

• Solidez

• Transparência



VITROGEN

CENTRAL ADMINISTRATIVA
Cravinhos (SP) 16. 3951 92 55

LABORATÓRIOS BRASIL
Cravinhos (SP) - F. 16. 3951 42 66
Campo Grande (MS) F. 67. 384 28 85
Goiânia (GO) F. 62. 3229 27 58
Uberaba (MG) F. 34. 3314 92 88

LABORATÓRIO COLÔMBIA
Monteria - Colômbia (CO)
F. 57.4.785 39 05 / 785 39 06
(correo@vitrogenco.com)

CENTRAIS VITROGEN
Cravinhos - (SP) - F./Fax: 16. 3951 7175
Uberaba - (MG) - F. 34 3316 84 61
Rio Verde - (GO) - F. 64 3613 92 65/3613 36 38

CIB:

Popularizando a Biotecnologia

Divulgar informações sobre a biotecnologia e seus benefícios é a tarefa do Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), uma organização não governamental, sem fins lucrativos que está conseguindo popularizar as descobertas técnico-científicas, que contribuem para o progresso da medicina, direito, agricultura e também da pecuária

Laura Pimenta

Nas últimas décadas, a biotecnologia deixou de ser uma realidade restrita a laboratórios de pesquisa, universidades, hospitais e organizações científicas. Palavras como transgenia, células-tronco, DNA, segurança alimentar, clonagem, organismos geneticamente modificados passaram a ser assuntos calorosamente discutidos não só entre cientistas e pesquisadores, mas também entre empresários, políticos, profissionais de vários segmentos, produtores e pessoas comuns que apostavam ou não no potencial produtivo e econômico que a tecnologia aplicada à vida poderia gerar em forma de benefícios para a população mundial.

Na pecuária, especificamente, o uso da biotecnologia colaborou para algumas façanhas como o nascimento dos primeiros bovinos gêmeos idênticos do Brasil por bipartição de embriões, em 1987; o primeiro zebuino de “proveta”, em 1994; o primeiro bovino obtido pela produção “in vitro” de embriões, utilizando ovócitos de uma bezerra de 3 meses de idade, em 2000; até chegar ao primeiro clone brasileiro por transferência nuclear, em 2001. Todos estes trabalhos, realizados sob a chancela da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, colaboraram para o significativo avanço tecnológico, principalmente no que diz respeito à área de genética, sanidade e nutrição animal, assim como podem ser destacados o trabalho de outras institu-



Foto: L. Adolfo

ições como o Instituto Biológico, de São Paulo.

Mas apesar de tantas conquistas e de várias descobertas importantes, poucas haviam sido as vezes em que o assunto biotecnologia tinha sido tratado com o embasamento científico necessário, principalmente quando divulgado pela mídia. Em 1995, com a criação da Lei de Biossegurança, a biotecnologia passou a ganhar maior destaque nos meios de comunicação, entre os produtores e consumidores mundiais. Mas ao mesmo tempo que aumentava a discussão sobre o assunto, progressivamente aumentava a desinformação e consequentemente a distorção de conhecimento.

Diante da necessidade de informar sobre a biotecnologia e seus benefícios com base em informações técnico-científicas, a organização internacional Croplife criou no Brasil em 2001, o Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), uma organização não-governamental, já existente em outros países da América Latina, Europa, Ásia e América do Norte.

“Como a falta de informação sobre o assunto era muito grande, o CIB surgiu com a finalidade de estimular a divulgação desses conhecimentos. Com o tempo, acabamos nos estabelecendo como fonte de informações para jornalistas, pesquisadores, empresas e instituições interessadas em biotecnologia.”, lembra Alda Lerayer, engenheira agrônoma e secretária executiva do CIB.

Para fornecer os dados científicos, o conselho de informações conta com o apoio de professores universitários, pesquisadores, profissionais de diversas áreas e empresas ligadas à biotecnologia, os chamados conselheiros. Hoje, o corpo de parceiros do conselho tem 75 profissionais, entre médicos, químicos, físicos, nutricionistas, farmacêuticos, veterinários, zootecnistas, engenheiros, advogados, biólogos, etc.

O principal meio de divulgação do CIB tem sido o site www.cib.org.br, onde são publicadas diariamente novas notícias, artigos científicos, esclarecimento de dúvidas e apresentações técnicas. Outro site utilizado para divulgar as novidades sobre

biotecnologia é o www.biotecpragalera.org.br, direcionado para o público jovem. “O site do CIB recebe uma média 50 mil acessos por mês, atingindo picos de 100 mil acessos quando algum assunto relacionado a biotecnologia ganha destaque”, afirma Lerayer.



foto: divulgação

A secretária executiva do conselho, ressalta que as pesquisas e artigos selecionados geralmente já foram publicados em alguma revista científica de renome internacional e para serem divulgadas pelo CIB seguem outra série de critérios. A pesquisa deve ter, por exemplo, um bom delineamento experimental estatístico e para serem publicados na íntegra os dados devem

ser conclusivos.

A divulgação feita pelo CIB vai além dos sites da entidade. Constantemente, o conselho promove cursos e workshops de atualização para jornalistas e empresas, especialmente aquelas que possuem o SAC (Serviço de Atendimento ao Consumidor), além de fornecer informações aos

órgãos governamentais. Para 2006, a meta é aumentar o programa educacional do conselho, permitindo atingir através de palestras, maior número de alunos e professores das escolas públicas e privadas, com a finalidade da biotecnologia ganhar também o

interior das salas de aula.

E a principal lição que a biotecnologia deverá continuar ensinando a todos pode ser perfeitamente resumida na frase do escritor norte-americano Lewis Mumford: “A tecnologia ensinou uma lição à humanidade: nada é impossível.”

Ao lado: Alda Lerayer, secretária executiva do CIB; pág. anterior, pesquisadora atua em laboratório de biotecnologia

“O site do CIB recebe uma média 50 mil acessos por mês, atingindo picos de 100 mil acessos quando algum assunto relacionado a biotecnologia ganha destaque”

Entre em contato com o CIB:

R. André Ampère, 34 conj 12
Ed. Aruanda Brooklin Paulista
CEP: 04562-080 São Paulo - SP
Telefax: (11) 5502 9744
Site: www.cib.org.br

Febre Aftosa:

135 anos no Brasil

O recente reaparecimento da febre aftosa no município de Eldorado, no Mato Grosso do Sul, acordou o País de um estado de quase letargia contra essa doença. Logo ela, que aparentemente estava sob controle na dificilmente conquistada zona livre com vacinação. Com a origem ainda sob investigação das autoridades sanitárias, o fato chacoalhou toda a opinião pública. A imprensa nacional noticiou o caso de forma até um pouco alarmante (não que não devêssemos achá-lo normal), mas gerou muitas dúvidas no público em geral. Até confusões com outras doenças humanas assemelhadas começaram a ser questionadas como possíveis transmissões a humanos. É bom lembrar que a febre aftosa é uma doença de risco somente para animais biungulados (de casco rachado) e isso envolve, infelizmente também, algumas espécies silvestres, de difícil controle pelas autoridades sanitárias. Em virtude do foco, o mercado mundial logo se posicionou. Em cadeia, vários países importadores de carne bovina brasileira fizeram restrições aos nossos produtos, como é usual acontecer nessas situações. As ações dos órgãos de defesa sanitária animal dos Estados estão permitindo uma reconquista paulatina desses mercados. Mais do que isso será preciso fazer, se pretendemos nos inserir definitivamente no comércio mundial de carnes. Todo produtor rural tem um dever muito claro a cumprir: vacinar. O mais provável é que o vírus da febre aftosa, em suas três diferentes formas que ocorrem no território brasileiro (O, A e C), continuem por aí, invisíveis, estocados em diferentes níveis e em diferentes espécies. A transição entre zona livre com vacinação e livre sem

"Todo produtor rural tem um dever muito claro a cumprir: vacinar!"

vacinação, seguramente é uma das etapas mais difíceis no processo de erradicação da doença. Já

tivemos exemplos disso antes, como foi o ressurgimento da doença no Rio Grande do Sul em agosto de 2000 (município de Jóia, entre outros), três meses após a suspensão oficial da vacinação, já que a região se preparava para ser reconhecida como zona livre sem vacinação. O Rio Grande do Sul não apresentava, naquele momento, nenhuma ocorrência de foco por um período aproximado de 6,5 anos.

O Brasil, com um rebanho de 195 milhões de cabeças de gado bovino, o que representa 19% do total mundial, associado ao fato de deter a maior área agrícola disponível do mundo, tem uma responsabilidade – e principalmente, uma oportunidade – implícita no seu futuro: produzir proteína para alimentar um mundo em crescimento demográfico acelerado. Projeções da FAO apontam para quase sete bilhões de pessoas vivendo no planeta em 2010. O hemisfério norte já está no seu limite de produção, países da África (em sua maioria) têm restrições edafo-climáticas que também se estendem, em boa parte, à Austrália, nosso grande competidor. Produzimos 8,4 milhões de toneladas de carne em 2004 e exportamos 1,9 milhão (20% do volume mundial exportado), que geraram divisas da ordem de US\$2,4 bilhões. Produzimos a um custo extremamente competitivo. Um quilograma de carne (em equivalente carcaça) no Brasil tem um custo estimado de US\$0,90, enquanto que a Austrália tem um custo de US\$1,80 (o dobro), os EUA US\$1,90 e nossa crítica Irlanda (agarrando-se aos subsídios europeus) tem um custo de US\$3,00 (o triplo).



Luiz Antonio Josahkian é superintendente-técnico da ABCZ

"Manter a doença sob controle com vistas à uma erradicação total é uma questão que pode ser entendida até como de soberania nacional"

Com tudo isto a nosso favor, ainda somos capazes de cometer esses erros e gerar retrocessos em toda a cadeia. Vacinar é a palavra de ordem. A evolução do volume das exportações mostra claramente um comportamento inverso ao aparecimento de focos de febre aftosa: desde 1997 a escala é crescente e o período pós-reconhecimento de zonas livres de aftosa no Brasil (2001) pela OIE (Office International des Epizooties), mostra um crescimento do nosso produto no mercado externo sem precedentes. Entretanto, muito há para ser feito. Ainda não acessamos os principais mercados internacionais. Dados da Abiec mostram que, dentre os 20 maiores mercados importadores de carne bovina (EUA, Rússia, Japão, México, Coreia, EU-15, Canadá, dentre outros) só atingimos 39%. Não exploramos ainda nem a metade do potencial de compra dos mercados internacionais. Destes, 61% não entram na nossa agenda de trabalho e as razões são sanitárias (ou pelo menos as razões que podem ser alegadas dentro da OMC).

E foi assim: até setembro de 2005 estávamos confortavelmente com nosso status de zona livre com vacinação intacto. Em outubro, a ocorrência de focos no Mato Grosso do Sul e as suspeitas no Estado do Paraná colocaram em xeque 4,1 milhões de km² (alguém se lembra do distante foco no Amazonas? Uma zona não livre, mas que serviu de embargo pela Rússia às exportações brasileiras?) e respingaram em 1,9 milhão de rebanhos com 161 milhões de cabeças. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento divulgou uma lista dos países que imediatamente fizeram restrições comerciais às impor-

tações do Brasil: nada mais nada menos que 50 países. A lista é longa, mas vale a pena transcrevê-la e imaginar de que forma e em que medida perdemos um pouco da confiança dos consumidores desses países: África do Sul, Argentina, Bolívia, Chile, Cingapura, Colômbia, Cuba, Egito, Indonésia, Israel, Moçambique, Namíbia, Noruega, Paraguai, Peru, Romênia, Rússia, Suíça, Ucrânia, EU - 25 países, Uruguai, Bulgária, Angola, Cabo Verde, Malásia e Líbano. As restrições são variadas e vão desde a interdição de importações de qualquer região do País ou especificamente do MS, PR e SP (este por conta da situação geográfica e nível de trânsito) abrangendo, em alguns casos, outras espécies, como os suínos, até a posição, no mínimo curiosa, da Malásia, que estendeu o embargo à equipamentos, maquinaria e medicamentos. Imaginem como a imprensa local de cada um desses países noticiou o fato à população. Conquistar a confiança dos consumidores não é tarefa fácil. Não dá para explicar para cada um as reais dimensões do problema. É uma questão de imagem, que se constrói por atacado. Manter a doença sob controle com vistas à uma erradicação total é uma questão que pode ser entendida até como de soberania nacional. Nunca é demais lembrar que o vírus da febre aftosa entrou na América do Sul em 1870, vindo da Europa, onde é conhecido desde 1546. São 135 anos de penetração nos nossos sistemas de produção e na vida dos animais silvestres. Remonta a 1919 o início de combate à doença de forma organizada no Brasil. Depois de tantos avanços, principalmente nos anos recentes, não parece ser razoável retroagir, por isso, vacinem!



PASTOBRAS[®]
SEMENTES

CONTÉM

- Brizantha
- Decumbens
- Humidicola
- Dictioneura
- Xaraés (MG-5)
- Ruziziensis
- Tanzânia
- Mombaça
- Massai
- Setária
- Pojuca
- Aruana
- Pensacola
- Sorgo Forrageiro
- Stylo Campo Grande

Fone (16) 2111 1500
www.pastobras.com.br
Ribeirão Preto SP
Pastobras, garante o que fa-

Grandes Campeões da **Expobrahman**

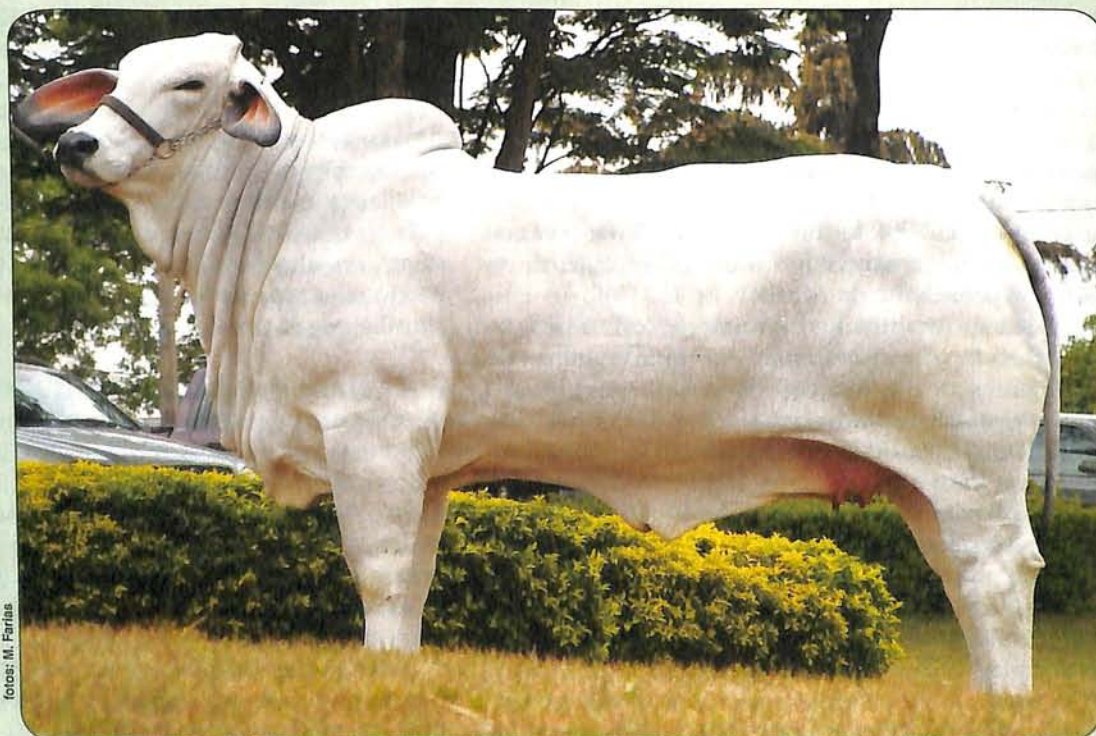
Duny POI TE Baronesa

Expositor: Luiz Humberto di
Martino Borges
RG: LILB 166
Nascimento: 29/09/04
Fazenda: Fazenda Baronesa
Município: Uberaba - MG
Idade: 14 meses
Peso: 580 Kg



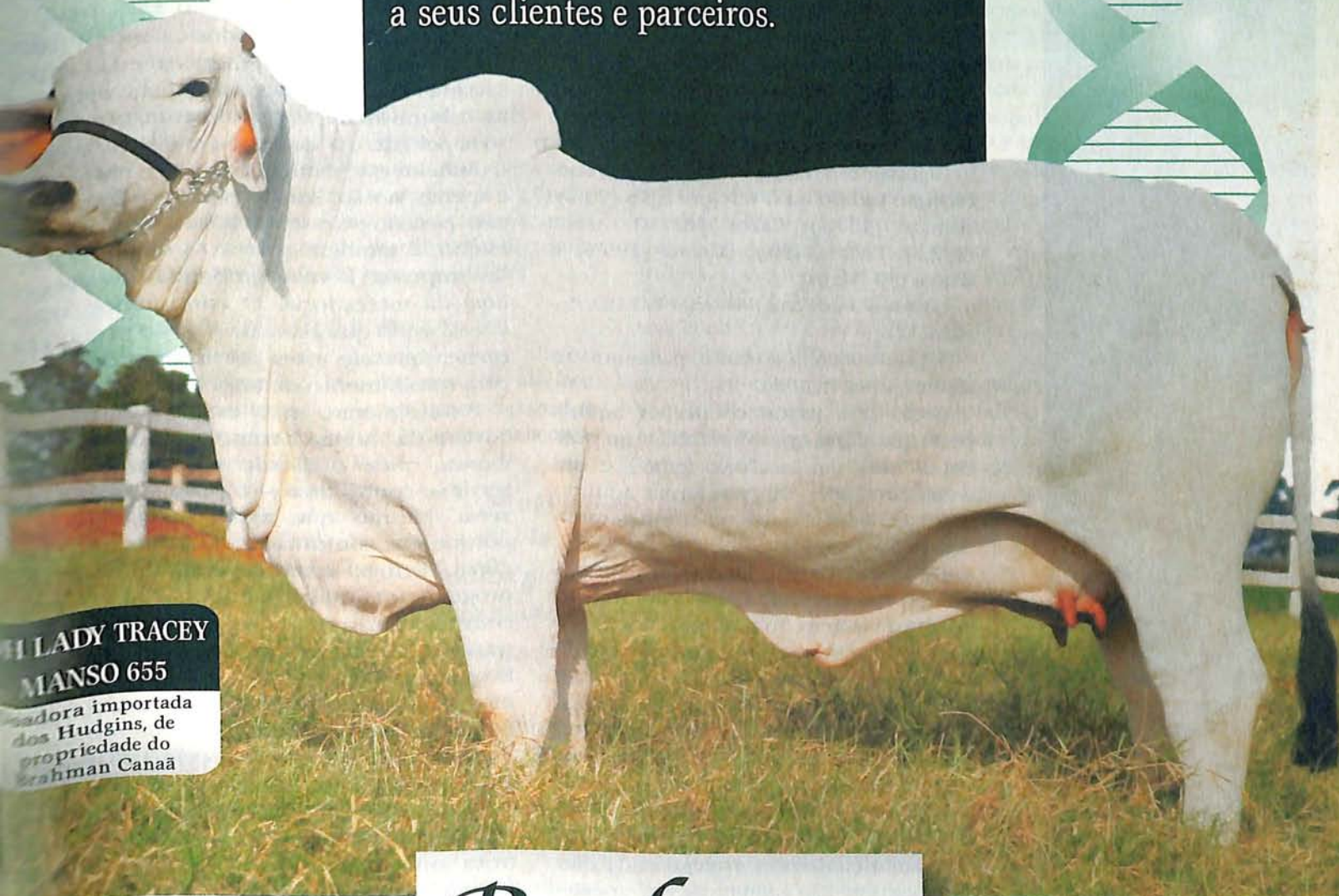
Eiva POI Baronesa

Expositor: Luiz Humberto di
Martino Borges
RG: LILB 110
Nascimento: 23/01/04
Fazenda: Fazenda Baronesa
Município: Uberaba - MG
Idade: 22 meses
Peso: 710 Kg



fotos: M. Farias

Produção de genética da melhor qualidade, associada a um manejo adequado e cuidado na seleção das linhagens faz do **Brahman Canaã** um criatório respeitado, diferenciado e que procura levar cada vez mais resultados a seus clientes e parceiros.



MISS LADY TRACEY
MANSO 655
adadora importada
dos Hudgins, de
propriedade do
Brahman Canaã

Brahman
C a n a ã

Genética aplicada à geração de resultados

ExpoBrahman

reafirma potencial da raça

Segunda edição da feira dedicada exclusivamente à exposição e julgamento de animais brahman apontou avanços no melhoramento genético e destacou o excelente mercado de leilões, com faturamento superior a R\$ 7 milhões

Laura Pimenta

Pelo segundo ano consecutivo, a pista de julgamento do Parque Fernando Costa recebeu, entre os dias 18 e 23 de outubro, os destaques de uma seleção recente mas que vem conquistando criadores e adeptos em praticamente todas as regiões do Brasil. Mais de 600 animais da raça brahman passaram pelo crivo dos jurados brasileiros Luiz Martins Bonilha Neto e Ricardo Gomes de Lima, ambos pertencentes ao quadro de jurados da ABCZ, e do colombiano Omar Rangel Espinosa, da Asocebu, durante os seis dias dedicados à 2ª ExpoBrahman.

O evento, promovido pela ACBB (Associação dos Criadores de Brahman do Brasil) em parceria com a ABCZ, levou à exposição um número 50% superior de animais inscritos se comparado ao ano anterior, quando 400 exemplares ficaram expostos nos pavilhões. "O melhoramento genético do brahman está evidente. Conseguimos corrigir o umbigo penduloso e os aprumos característicos do brahman americano. Podemos afirmar que já formamos a raça com características desejáveis para o Brasil", avalia Gabriel Prata Rezende, presidente da ACBB.

Além das provas de julgamento, os criadores

acompanharam também a final do ranking da raça brahman, após a somatória dos pontos das outras 18 exposições que compõem a classificação. Os resultados finais, tanto no julgamento como na ordem geral do ranking, coroaram a seleção do pecuarista Luiz Humberto Di Martino Borges, de Uberaba, que foi eleito o melhor criador e o melhor expositor da raça em 2004/2005. Os grandes campeões, conhecidos na manhã do dia 23 de outubro, também pertencem ao rebanho do selecionador de Uberaba. Entre as fêmeas, o título ficou com Eiva POI Baronesa. Já o reprodutor Duny POI Baronesa venceu entre os machos.

A movimentação financeira dos leilões surpreendeu ao superar o faturamento de 2004, alcançando um total de R\$ 7.305.340,00 contra os R\$ 5.135.900,00 do ano anterior. Nove remates foram realizados durante a 2ª ExpoBrahman, dois a mais do que na sua primeira edição. O primeiro leilão promovido durante a feira foi o União Brahman, realizado no dia 18 de outubro. O evento movimentou R\$ 851.200,00 com a venda de 29 lotes, que alcançaram média de R\$ 29.351,72.

O leilão Brahman Baby e convidados, realizado

no dia 19/10, teve movimentação de R\$ 1.164.100,00 com a venda de 33 lotes, alcançando média de R\$ 35.275,75. O destaque desse leilão foi a venda de uma bezerra para os Estados Unidos.

O 6º Leilão Núcleo Brahman Rio Preto contou com 23 lotes, comercializados por um total de R\$ 403.900,00, com média de R\$ 17.560,87. Já o 2º leilão Organização Mamede Mussi teve movimentação financeira geral de R\$ 975.800,00, com a venda de 36 lotes, com média de R\$ 27.105,55.

Os 27 lotes do leilão Aspirações Nacional Brahman atingiram média de R\$ 40.600,00 e faturamento total de R\$ 1.096.200,00.

O sétimo remate da ExpoBrahman, o Aliança Brahman Machos, atingiu total de R\$ 161.840,00 ao vender 52 lotes, tendo como média R\$ 3.112,31. O Aliança Brahman Fêmeas também alcançou bons resultados com a venda de 32 lotes, com média de R\$ 39.418,75 e faturamento total de R\$ 1.261.400,00. Já o 4º Leilão V8 Nova Índia vendeu R\$ 949.900,00, tendo os 27 lotes alcançado média de R\$ 35.181,48.

O remate que encerrou as comercializações da feira, o 1º Leilão dos Meninos e das Meninas, teve faturamento de R\$ 441.000,00 com a venda de 32 lotes, e média de R\$ 13.781,25.

Atrações

Entre as atrações da 2ª ExpoBrahman estava a Exposição de Cavalos Mangalarga Marchador. Duzentos animais participaram das provas de julgamento, que aconteceram de 18 a 23 de outubro. Dois juízes ficaram responsáveis pela escolha dos campeões de cada uma das categorias, levando em conta a avaliação da parte morfológica dos animais e o andamento. Os resultados dos julgamentos podem ser conferidos através do site www.3barras.com.br. "A exposição de cavalos mangalarga marchador foi um sucesso. É uma parceria que desejamos manter junto com o brahman", revelou o presidente da ACBB.

A 2ª ExpoBrahman contou ainda com o projeto "Crescendo com o Brahman", no qual centenas de estudantes de instituições de ensino de Uberaba participaram assistindo explicações dos alunos das Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu) sobre a pecuária brasileira e o gado originado nos Estados Unidos. Promovido pela Associação dos Criadores de Brahman do Brasil, ABCZ, Museu do Zebu e Fazu, o projeto também envolveu um concurso de trabalho dos alunos, com premiação, que aconteceu no dia 20 de outubro. Os primeiros colocados receberam brinquedos educativos.

A feira, não se restringiu apenas às atividades técnicas, educativas e comerciais. Durante o evento, foi



realizada na Sala Vip do Parque Fernando Costa, uma mostra com algumas das ilustrações feitas pelo zootecnista José Otávio Lemos para o primeiro livro dedicado exclusivamente à raça brahman no Brasil, que será lançado oficialmente durante a ExpoZebu 2006.

A mostra contou com as ilustrações do capítulo IV – Os Grandes Campeões Nacionais. Foram 26 aquarelas retratando todos os grandes campeões da ExpoZebu, num total de 24, e os dois grandes campeões da I ExpoBrahman. São machos e fêmeas que, desde 1994, ano em que a raça foi oficialmente introduzida no Brasil, conquistaram os prêmios máximos dos mais importantes certames acontecidos em Uberaba. Muitos deles já se tornaram raçadores e já tiveram filhos também premiados com o mesmo título que seus pais obtiveram anteriormente. Em alguns casos de fêmeas grandes campeãs, seus netos já conquistaram as referidas premiações.

O trabalho de pesquisa baseou-se na literatura técnica conseguida em livros e periódicos, em catálogos da exposições e muitas entrevistas com criadores brasileiros e americanos. "Muitos artigos publicados pela revista ABCZ serviram de fonte bibliográfica para mim", ressaltou o autor, José Otávio. O livro é oficializado pela Associação dos Criadores de Brahman do Brasil e editado pela Rotal Editora.

Ranking brahman 2004/2005

Após um circuito composto por 18 exposições, o ranking da raça brahman foi finalizado durante a 2ª edição da ExpoBrahman. O touro JDH SIR Marri Manso 557/4 foi considerado o melhor reprodutor, enquanto a fêmea Tinajás M. T Seneca, a melhor matriz. O prêmio de melhor fêmea jovem foi para Miss Brumado POI 565 e o de melhor fêmea adulta para Miss OB TE 35.

Já os títulos de melhor macho jovem e melhor macho adulto foram respectivamente para The Best 6 da 2M e Mister Imperial POI 35.

Acima: leilão realizado durante a ExpoBrahman; pág. anterior, pista de julgamento do Parque Fernando Costa

A Riqueza das Nações XVI

O **Pior** dos **Mundos** (I):

Antes de entrar no tema deste artigo, permitam-me divulgar um levantamento que ajuda a explicar porque o produtor recebe pouco, e o consumidor paga caro: o custo da intermediação.

Algumas diferenças entre o preço praticado no campo e no varejo: Feijão (90%); Tomate (107%); Carne (121%); Arroz (132%); Leite (145%); Banana (195%) e Batata (307%). [1]

[1] Fonte: jornal Valor Econômico de 23/09/05 – página A12

Satisfeita minha vontade, passemos ao assunto desta matéria.

Creio que todos conhecem aquela piada que afirma que inferno é ter um policial alemão, um mecânico francês e um cozinheiro inglês. De certa forma, aqui no Brasil, também vivemos no pior dos mundos. Explico:

De 1985 a 2005, o total da carga tributária [2] aumentou de 23,8% para 36% do PIB [3]. Enquanto isto, a desigualdade social aumentava, e os investimentos públicos diminuía, como comprovam a situação caótica da saúde, educação e segurança públicas; a de nossa infraestrutura; enfim, de tudo aquilo no que os governos devem investir. Mas não investem. E por que não? Porque os governos – no sentido amplo da palavra – são sócios gulosos e preguiçosos, que muito consomem e quase nada dão em troca. Este não é um problema apenas do governo (sic) Lula, como não é um problema apenas do governo federal.

[2] Municípios, estados e governo federal.

[3] PIB (produto interno bruto), é a soma de todas as riquezas produzidas em um país, ao longo do ano.

Carga tributária de 36% significa que eu

e você trabalhamos – todos os anos – um pouco mais de quatro meses apenas para saciar a fome dos governos federal, estaduais e municipais. É, literalmente, como se só lá pelo dia 10 de maio em diante, é que o dinheiro que ganhamos fosse realmente, e apenas, nosso. Poucas pessoas percebem isso, pois nosso sistema tributário além de iníquo, é também solerte. A maior parte dos impostos já vem “embutida” no preço final da mercadoria. O consumidor não fica sabendo que cerca de 50% do preço da cerveja que ele toma ao final do dia, vai para recolhimento de impostos.

Possivelmente, este estado de coisas advém da nossa herança sócio-cultural ibérica, onde o Estado não existe para servir ao contribuinte – o povo. E sim vice-versa. Mesmo que assim seja, não há porque nos conformar com esta situação. Afinal, Portugal e, em especial, a Espanha, progrediram muito na última década. É bem verdade, que muito os ajudou terem passado a pertencer à Comunidade Econômica Européia, enquanto nós sofremos dos males oriundos do crescentemente inviável Mercosul.

Como mencionado no primeiro parágrafo, conseguimos a proeza de, ao mesmo tempo, arcarmos com uma carga tributária de nível europeu, e recebermos em troca um padrão de serviços públicos (in)digno de um país africano – o que amplia a desigualdade social. Qual a relação de uma coisa com outra? A óbvia: a relação de custo/benefício. Quando governos retiram da renda do povo uma parcela expressiva, e não retribuem com serviços básicos de boa qualidade, estão estimulando desigualdade social.



Carlos Arthur Ortenblad é economista e administrador de empresas

solracao@terra.com.br

A tabela abaixo compara os indicadores de alguns países:

País	Carga tributária/PIB	Desigualdade de Renda [4]
Canadá	37%	0,34
Brasil	36%	0,57
Espanha	35%	0,33
Índia	17%	0,31

Fontes: OCDE, FMI et al (2003)

[4] Índice de Gini: quanto mais próximo de 1, mais desigual é a distribuição de renda em determinado país.

Aqui está o nosso “pior dos mundos”. Suportamos uma carga tributária similar à do Canadá e da Espanha, enquanto nossa desigualdade de distribuição de renda é quase o dobro da deles. Se nos compararmos com a Índia então, verificaremos que este país não tem apenas bom zebu a nos oferecer. Tem também políticas governamentais eficazes e consistentes a nos ensinar. Os impostos na Índia são menos da metade que os nossos, em relação ao PIB, enquanto a qualidade de distribuição de renda é quase duas vezes “melhor” que a brasileira.

Má distribuição de renda

Este é um termo que ouvimos quase diariamente, principalmente às vésperas de alguma eleição. Praticamente todos os governos e partidos políticos – da extrema esquerda à direita mais radical – pregam a necessidade de “melhorarmos nosso nível de distribuição de renda”. Poucos explicam o que é, afinal, distribuição de renda. E quase nenhum traça um plano claro e exequível para diminuir a disparidade social.

No imaginário popular, e no de vários políticos, promover “melhor distribuição de renda” consiste em tirar dos ricos e dar aos pobres. É a síndrome de “Robin Hood”, que já é implementada, desde os governos Itamar e FHC, em relação à Reforma Agrária, com os altos custos, e pífios resultados, de conhecimento público.

Sim, a política “Robin Hood”, além de altamente questionável no campo moral e legal, é, acima de tudo, uma tolice: estimula o consumo ao mesmo tempo em que, e na mesma intensidade, inibe investimentos. O resultado desta nefasta combinação, nós já conhecemos, e chama-se inflação. E inflação é o mais pesado fardo que um povo pode carregar, principalmente as camadas mais pobres.

Por quê? Pois têm, eventualmente, seus salários (renda) corrigidos no futuro, para compensar uma inflação (despesas) já incorrida no passado.

Há outro fator, também indutor indireto à pobreza, e à concentração de renda: juros altos. O que vou dizer a seguir torna-se mais fácil de entender, se considerarmos que dinheiro é uma mercadoria como outra qualquer. O preço do dinheiro chama-se juros. E, como qualquer mercadoria, aumento de demanda causa aumento de preço (juros).

E existe uma falácia nessa questão: a de que os bancos são os responsáveis pelos altos juros. Por menos que eu goste do mercado financeiro (e gosto pouco), tenho de admitir que a responsável pelos juros estratosféricos no Brasil chama-se: dívida pública. Como, apesar de arrecadarem muito, gastam mal, os governos estão constantemente necessitando de novos empréstimos, principalmente no mercado interno. Na medida em que a dívida pública aumenta, também cresce o risco de calote [6], e, em decorrência, sobe o “spread” cobrado para comprar-se títulos públicos. E com eles, lá vão os juros para o espaço. E quem é que “extorque” os governos, exigindo juros sempre mais altos? Os bancos? Sim, é claro, já que são agentes financeiros. Mas também eu e você, diretamente (se comprarmos títulos do Tesouro Nacional), ou indiretamente (se aplicarmos nosso dinheirinho em um Fundo DI ou de Renda Fixa, onde o lastro é, majoritariamente, composto de títulos públicos).

[6] Toda vez que você ouvir o termo “alongamento da dívida interna”, entenda-o como “calote”, pois não é apenas o dinheiro dos bancos que vai ralo abaixo. O teu também, pois se instala um círculo vicioso: o governo não pagará os bancos, e estes não poderão honrar os investimentos dos correntistas.

Além de encarecer os juros, os governos competem com a iniciativa privada na obtenção de financiamento para investimentos. E a esta cabe uma opção: arcar com custo exorbitante do dinheiro (que causa inflação, via aumento de custos e de preços), ou deixar de investir (que determina o índice de desemprego). De uma forma ou de outra, a inescapável consequência é o aumento da pobreza.

Na modesta opinião deste articulista, o “ovo da serpente” que promove pobreza e desigualdade social neste País está sendo chocado no ninho do Estado. Neste artigo, discorri sobre problemas. No próximo, tentarei indicar soluções, e questionar algumas idéias muito em voga.

“...os governos – no sentido amplo da palavra – são sócios gulosos e preguiçosos, que muito consomem e quase nada dão em troca”

Produção otimizada

Diretor da ABCZ na área técnica, Nelson Rafael Pineda conta como lida com a agropecuária e sentencia: "o produtor tem que aliar tecnologia à seleção de seus animais e diversificar seu empreendimento, caso contrário, pode ter grandes prejuízos em um futuro próximo"

Renata Thomazini

Acima: o diretor Nelson Pineda com seu gado nelore

Pensar em pecuária na atualidade é entremear suor com conhecimento. O homem do campo agora tem um novo perfil: encara a pecuária como uma empresa onde a rentabilidade significa a subsistência do negócio. E é assim que tem que ser, de acordo com a visão do diretor da área Técnica da ABCZ Nelson Rafael Pineda. A reportagem da revista ABCZ esteve na fazenda Paredão, de propriedade do diretor, para comprovar que esse conceito de otimização é uma realidade que ultrapassa gerações naquela propriedade. Desde o final da década de 1920, a fazenda Paredão congrega um ambiente voltado à integração das culturas com o meio ambiente. Esse tipo de administração rendeu-lhe o Prêmio Agro-ambiental de São Paulo em 1993, quando competiu com mais de 700 fazendas. Ali, 23% são áreas de reserva legal de mata virgem, quando a lei paulista exige 20%. Do total, é possível analisar que 8% da fazenda corresponde a reflorestamentos. E a visão que tivemos em nossa visita recente não deixou nada a desejar. A Paredão privilegia ambientes onde a sombra das árvores para animais e humanos refresca a alma, preserva um rico ecossistema, potencializa o micro-clima e protege o gado contra a intempérie.

Nesta entrevista, Pineda fala sobre a filosofia de trabalho em sua propriedade e revela quais são as perspectivas da área Técnica da ABCZ para 2006. Em uma conversa bastante descontraída, finalizada com um jantar regado a muita pimenta mexicana, o diretor da entidade ainda falou de sua satisfação em participar pela segunda vez de uma Diretoria da ABCZ. Reforçando a idéia de trabalho em equipe, Pineda mostra na matéria a seguir um lado preocupado com o atendimento ao cliente e dá em primeira mão para a revista ABCZ notícias que devem mexer com a estrutura de atendimento da entidade e levar ao associado a cara da nova ABCZ para o próximo ano.

Revista ABCZ: O senhor aprendeu a lidar com a pecuária há mais ou menos 30 anos, quando começou a dirigir com sua esposa esta propriedade. Sua formação é bem diferente da área (Pineda é formado em Química Orgânica) e o senhor não vem de família de pecuaristas. Mas hoje é bastante respeitado dentro da seleção do nelore. Qual o segredo desse sucesso?

Pineda: As pessoas acreditam muito que existem receitas de bolo quando o assunto é pecuária ou

agricultura. Isso não existe. Cada propriedade tem uma característica e ela deve ser respeitada. Essa é a primeira receita do sucesso. O estudo nos dá a percepção para encontrarmos os caminhos, dá os mecanismos para desenvolvermos nossos anseios. Mas somos nós que direcionamos nossas ações para alcançarmos os nossos objetivos. Aprendi o que sei hoje em agropecuária porque precisei gerenciar e tive o exemplo e ensinamento do peão ao professor universitário e da minha esposa, Cláudia, com quem divido minhas tarefas, responsabilidades e dúvidas. Formamos uma equipe na administração da propriedade.

ABCZ: *O senhor tem três filhos que seguem a vocação para a agropecuária ou eles preferem seguir por outro caminho?*

Pineda: O princípio básico sobre a lida na fazenda meus filhos possuem. Eles sempre participaram de tudo e são aptos a desenvolver qualquer atividade aqui. Mas não existe imposição. Cada pessoa tem seu próprio dom, sua vocação; e isso tem que ser respeitado. O filho de um médico ou de um dentista não seguirá necessariamente a carreira de seus pais.

ABCZ: *Nesses anos de administração da Paredão vocês enfrentaram períodos mais sérios de crise? Como encontraram as respostas para continuar no ramo?*

Pineda: As crises são normais em qualquer ramo. No agronegócio não é diferente. Há 23 anos mais ou menos nós tivemos chuvas de granizos que danificaram muito a lavoura de café. Na época, aquela cultura representava 75% de nossos negócios e tivemos grande prejuízo. Aprendemos então a diversificar o nosso empreendimento. O segredo para se trabalhar hoje com agronegócio é ter diferentes tipos de culturas na propriedade. O produtor não deve ficar amarrado a uma só cultura. A integração lavoura-pecuária é uma excelente opção. Aqui, temos cinco atividades: café, pecuária, seringueiras, culturas anuais, como milho e sorgo, e o leite. Nessa última atividade, produzimos mais de 1500 litros/dia que pasteurizamos aqui mesmo na propriedade, com todos os padrões de qualidade. O leite é comercializado em Oriente e em Marília. A ordenha é toda mecanizada e não há contato humano com esse alimento nem mesmo na hora de embalar. A classificação é tipo B por conveniência, porém trabalhamos no padrão do leite A.

ABCZ: *Como seria se o senhor privilegiasse mais uma das culturas do que outra, em termos de investimento?*

Pineda: Não seria o ideal porque resolvemos equilibrar os investimentos justamente para ter

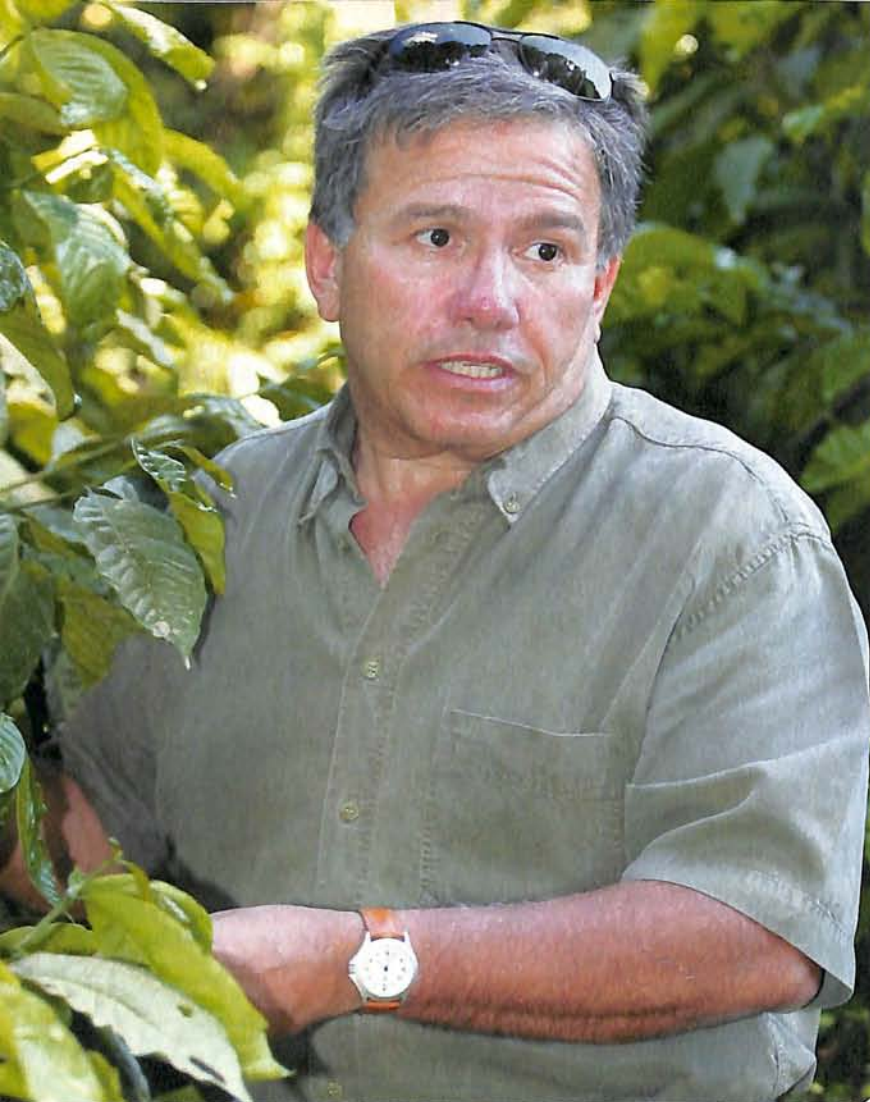
diversidade e garantir o lucro. Quando o café não vai bem, temos a pecuária, por exemplo, e assim por diante. Tenho como plantar um milhão de pés de café, mas prefiro continuar a investir em 200 mil pés. Isso porque, quando aumentamos a escala de produção, aumentamos o risco do mercado de commodity e corremos mais riscos de intempérie. Obviamente que perdemos em escala, mas diminuímos o risco. Estamos em um momento no qual a venda de tourinhos está em queda. Mesmo assim, temos bala na agulha com outras atividades. Em duas outras fazendas temos ainda outros empreendimentos. Na fazenda Macaúba lidamos com café e fazemos recria de novilhas leiteiras. Na Araguaaney, temos animais para corte e plantação de cana-de-açúcar.

ABCZ: *O senhor preza muito o sombreamento e a integração entre o meio ambiente e a produção, pelo que pudemos observar.*

Pineda: Em toda a extensão desta propriedade você observará preservação ambiental que possibilita conforto não só aos animais ou ao ecossistema, mas aos homens também. Um peão que pára em meio à lida na lavoura e usufrui a sombra dessas árvores tem seu rendimento dobrado, além de ser mais humanizado esse contato com a natureza.

ABCZ: *E como funcionam as culturas de café e de milho em meio a essa preservação das árvores? Não é mais difícil conciliar o espaço?*

Pineda: De jeito nenhum. Basta saber aproveitar esse espaço disponível cuidando para que uma cultura não interfira na produção da outra, além de realizar uma rotação, principalmente no caso da pastagem. Aplicamos recentemente herbicida em uma parte do pasto para, posteriormente, plantarmos milho e sorgo. Utilizamos produtos biodegradáveis para não agredir e não deixar resíduos no solo. É importante dizer que aqui só utilizamos o plantio direto. Sem dúvida, é esse o modelo que o Brasil vem consolidando e que será a característica das culturas brasileiras do futuro. Não gradeamos o solo para não revolver os elementos orgânicos e nem os minerais da terra. Apenas usamos máquinas que cortam as raízes do capim para utilizar doses menores de herbicida e subsolar o solo em uma profundidade de cerca de 20 centímetros para que elas se transformem em matéria seca rapidamente e tenham uma melhor permeabilidade da umidade no subsolo. Após a aplicação do herbicida, a matéria seca restante das pastagens serve como parte da nutrição do solo e como substrato orgânico para depositar a semente do milho ou do sorgo. Fazemos a correção sempre que necessário e colhe-



Acima: Pineda, que planta café robusta de origem africano

mos amostras anualmente para observar quais as necessidades locais e qual a melhor opção de cultura para a época. Plantamos o café sobre sulcos cobertos por uma mistura orgânica com terra. Deixamos o capim em meio às mudas de café e isso ajuda muito na distribuição da água das chuvas e impede que se formem buracos que possam se tornar erosão no local. Dispensamos, assim, a curva de nível tradicional.

Volto a frisar que não há como o produtor subsistir atualmente sem a integração lavoura-pecuária. Por isso, optamos por esta tecnologia alternativa e a diversificação de culturas.

ABCZ: *O rebanho nelore da Paredão está em constante evolução. Como é o manejo?*

Pineda: Não se pode dizer que uma fêmea é a doadora da propriedade ou que um macho é o reprodutor do plantel ad eternum. Esses animais precisam ser superados a cada ano e passam todos os anos por provas específicas que fazem parte do Programa de Melhoramento Genético da ABCZ. E aqueles animais que são os melhores do ano são utilizados para reprodução ou têm seu material

genético negociado. Mas o rebanho está em constante processo de seleção e melhoramento genético. Trabalhamos o manejo desses animais em piquetes. Eles ficam em regime rotacional, ou seja, ficam em um determinado espaço de pasto até que a altura do capim fique baixa. Para dar tempo para a renovação da pastagem, os animais são retirados dali e colocados em outro piquete. Utilizamos uma divisão racional do espaço. Colocamos até oito cabeças por hectare/ano em um determinado local durante as chuvas. Por exemplo, as fêmeas que foram inseminadas, estão parindo ou vão parir e têm à sua disposição água, sal e uma mistura de suplemento em um local que chamamos de “praça de alimentação”. Nessa praça, podemos colocar tourinhos, vacas solteiras, doadoras, de forma alternada, dependendo da necessidade do momento. A rotação desses animais nos piquetes só será satisfatória com a atuação de pessoal treinado que utilizará técnicas corretas de adubação da pastagem, proporcionando o crescimento da planta que fornecerá uma nutrição eficiente para o rebanho.

ABCZ: *E a produção de leite?*

Pineda: Produzir leite a baixo custo de alto valor agregado. Essa é a fórmula que nos últimos dez anos tem nos permitido um segmento com retorno econômico. Produzimos 45 mil litros ao mês com gado girolando. Aqui, nós pasteurizamos o leite e o empacotamos. Quem cuida dessa parte é a Cláudia. Não só disso, claro, mas ela está à frente dessa atividade em especial. Posso dizer, abrindo aqui um parêntese, que sem ela esse empreendimento não teria o mesmo resultado. Ela também está presente em todas as atividades que envolvem a minha vida intelectual, sobretudo com sugestões e revisão dos artigos que escrevo e as palestras que ministro em congressos e seminários.

ABCZ: *Como o senhor define o trabalho da área Técnica da ABCZ, da qual o senhor é o diretor responsável?*

Pineda: Acredito que meu maior sucesso na ABCZ é ter formado uma equipe coesa de trabalho, onde as decisões são tomadas por consenso. O mesmo aconteceu quando dirigi a área de Informática e o Sigennet (sistema de comunicação de dados on-line): foi uma das grandes realizações da equipe. Recentemente, tive o prazer de ver um jovem técnico da ABCZ esclarecer dúvidas minhas sobre a transmissão de dados pelo sistema Sigennet. Ele trabalhou três dias em minha propriedade registrando 300 animais, realizando o controle de outros 500 e fazendo a pesagem de 800 exemplares. Nesse aspecto, a área Técnica da ABCZ

terá um grande pulo no próximo ano. A entidade está investindo na eficiência do atendimento e implantando regiões para racionalizar o atendimento ao criador, o trabalho dos escritórios e técnicos, facilitando o acesso ao produtor, sem desgastar o funcionário da entidade. A taxa cobrada pela ida do técnico à propriedade tende a ser menor. Também começaremos a realizar rodízios de atendimento dos técnicos às propriedades, porque partimos do princípio de que assim o atendimento não cairá na rotina e deverá ser sempre dinâmico. Apesar de alguns criadores acabarem tendo sua preferência por este ou por aquele técnico, eles verão que estaremos criando o Padrão ABCZ de Atendimento. É importante trabalharmos como equipe. O grande desafio da entidade é criar uma gestão de registro e controle para que o técnico visite mais vezes a propriedade durante o ano e possa também esclarecer dúvidas do cliente. A ABCZ teve um crescimento geométrico nos últimos anos e o desenvolvimento da entidade não se faz de uma gestão para outra e sim com as constâncias no sistema de gestão e com a procura incessante dos objetivos propostos.

ABCZ: *A utilização de programas de melhoramento genético tem sido efetiva entre os criadores?*

Pineda: A pecuária atual não pode prescindir de programas de melhoramento genético. A seleção demonstra que o produtor deve obter animais cada vez mais produtivos e não há como conseguir isso sem ferramentas adequadas. O Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ) da ABCZ é, sem dúvida, o que possui o melhor banco de dados do País. Mas até hoje temos divulgado esse programa timidamente. Um dos componentes do PMGZ, o Programa de Acasalamento Dirigido (PAD), chegou a ser mais divulgado do que ele. Temos no PMGZ recursos tecnológicos e uma parceria importante com a Embrapa. Esses dados nos dão credibilidade quanto às informações oferecidas ao usuário. Mas, o que precisamos agora é garantir que esse usuário saiba o potencial desse mecanismo dentro de sua propriedade. Oferecíamos um CD com o sumário de touros e dos animais da fazenda a custo zero sem explicar bem como o produtor poderia utilizá-lo. Estamos modificando essa filosofia para que nosso cliente, o produtor, tenha no PMGZ um grande e definitivo aliado para seleção de seu rebanho.

ABCZ: *Além dessa mudança em relação aos serviços e produtos oferecidos pela ABCZ ao cliente, existe algum projeto visando o envolvimento da cadeia produtiva para 2006?*

Pineda: Estamos planejando. E alguns projetos ainda estão em fase de aprovação. Um deles é a rea-



lização de uma Exposição Técnica para o próximo ano, onde a novidade é que todas as atividades estarão voltadas para a utilização de tecnologia. Nela, deverão ser realizados leilões, com a atuação dos técnicos da ABCZ avaliando a qualidade dos produtos. Também deveremos ter julgamentos de lotes de novinhos voltados para abate e julgamentos de carcaças. Estamos estudando a realização de um "Simpósio de melhoramento genético e apresentação de programas", além de cursos de reciclagem dos jurados. O objetivo é fomentar negócios também em relação à tecnologia de produção pecuária, bem como estimular a utilização dos programas de melhoramento genético na seleção do rebanho.

A finalidade da pecuária bovina é a produção de carne e de leite. Temos que integrar a cadeia produtiva e alinhar o pensamento do produtor com as tecnologias oferecidas a ele, aumentando, assim, a produtividade de seu empreendimento. Queremos, também, focar os leilões nos touros reprodutores com avaliações genéticas consistentes, que possam oferecer ao comprador um potencial avaliado pelo seu desempenho e pela sua carga genética, que são fundamentais na hora de multiplicar qualidade.

Acima: Cláudia, esposa de Pineda, no laticínio da fazenda Paredão

fotos: L. Adolfo



Acima: Pineda gesticula próximo a área de preservação ambiental em sua propriedade

ABCZ: *O assunto clonagem veio à tona, e com mais força, este ano porque já atingiu os leilões. A ABCZ já tem um posicionamento quanto ao registro de clones?*

Pineda: A clonagem é uma realidade dentro da pesquisa e com possibilidades reais em escala comercial. A ABCZ chamou para si uma grande responsabilidade, que é a de formar esse grupo de estudos para definir os parâmetros de registro de clones. Existe uma viabilidade tecnológica em torno desses animais que tem sido comprovada por pesquisas. Nós temos que participar desses processos porque estão acontecendo de forma inevitável e interferindo na pecuária como a conhecemos. Este grupo está formado e deverá iniciar os trabalhos no mês de dezembro.

ABCZ: *Algumas decisões da área Técnica tendem a ser criticadas por alguns criadores. O que o senhor diz sobre a recente modificação da Tabela de Pesos Máximos, criada este ano pela ABCZ?*

Pineda: As críticas são normais dentro do processo que hoje temos a responsabilidade de coordenar. Elas são bem aceitas desde que o cerne da questão seja os interesses da pecuária, vista como um todo, e, sobretudo, que se mantenha o respeito pela ABCZ. Trabalhamos sempre partindo do princípio de que as associações promocionais das raças têm que ser ouvidas antes de qualquer decisão da Diretoria ou da área Técnica da ABCZ. No caso da Tabela de Pesos Máximos não foi diferente. Antes de sua criação, chamamos as associações e discutimos. Inclusive, a idéia da utilização de pesos máximos foi do diretor da ACNB, Luiz Carlos Marino, durante a reunião que tivemos com

a presença de Carlos Viacava e da Dona Alice Ferreira, atual presidente da ACNB. Esta idéia tinha amparo na bibliografia mundial e coube à área Técnica da ABCZ a responsabilidade de formatar e viabilizar este projeto. Todos deram suas opiniões e chegamos aos limites que seriam colocados para cumprimento durante as feiras. Há pouco tempo surgiu a sugestão de se ampliar a tolerância de peso para ajustar melhor a tabela. Na seleção é normal que exista evolução. Uma tabela dessas não pode ser inflexível. Apenas tem que estar dentro dos parâmetros que delimitam o equilíbrio nos julgamentos. Os extremos na seleção são nocivos. A tabela deve ser vista como aliada do criador para evitar excessos que terminam indo contra os sistemas extensivos de produção de carne e de leite. Ela tem como pano de fundo o suporte científico de inúmeras publicações internacionais e nacionais sobre as consequências maléficas, em relação à funcionalidade, quando a seleção é conduzida somente pelo ganho de peso e tamanho adulto.

ABCZ: *A ABCZ tem sido participante junto aos organismos que dialogam sobre o destino da pecuária nacional. Como o senhor vê essa participação, uma vez que é um dos representantes da entidade, como é o caso do seu desempenho atuante no Comitê do Sisbov (Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de origem de Bovina e Bubalina)?*

Pineda: Participo, representando a ABCZ, também no Fórum de Desenvolvimento da Cadeia das Carnes do Ministério da Indústria e Comércio. A ABCZ também tem cadeira na Câmara Setorial da



Pecuária de Corte do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, entre outras entidades igualmente importantes que debatem os rumos da pecuária brasileira. Temos sido participantes em várias e importantes ocasiões, como agora, durante o problema vivido no Mato Grosso do Sul, com o aparecimento de focos de febre aftosa. Nesses ambientes, são debatidas políticas públicas e privadas. Quando foi criado o Sisbov, por exemplo, questionamos, argumentamos sobre as necessidades dos produtores. O processo precisava ser modular e eficiente para criar uma plataforma de negócio que permitisse a remuneração justa do boi rastreado. Tem muito pecuarista que achou que a rastreabilidade era uma exigência só da Europa. Fomos duramente criticados a ponto de termos que responder em uma edição desta revista com o artigo de título: "O Desconhecimento gera incredulidade". Sabíamos que aquele procedimento era uma tendência mundial. A União Européia compra 41% da nossa carne bovina exportada e exige ações. Esse é um forte mercado para o nosso produto. Por isso, o produtor tem que entender que certificar significa agregar valor ao seu produto estabelecendo condição para que ele seja melhor remunerado. A ABCZ Certificadora nasceu, a princípio, com intuito de viabilizar a adesão dos criadores de animais de seleção ao Sisbov. E tivemos êxito, quando muitos se opunham à negociação e política do José Olavo (Borges Mendes, ex-presidente da ABCZ). E hoje temos um trabalho bem mais amplo. Queremos ser a ponte para esse processo inevitável. Mas estamos negociando com

o Mapa para que os animais registrados no banco de dados da ABCZ o sejam também no Sisbov. Isso seria possibilitar que o criador que já tem o registro genealógico da ABCZ tenha acesso mais rápido à certificação. O gado puro de origem também precisará estar no banco de dados do Sisbov, quando a propriedade for certificada para exportar carne. Essa é uma das premissas da reformulação do Sisbov: a propriedade certificada dever ter seus animais na base nacional de dados, mesmo os animais PO. Uma outra reivindicação que sempre fizemos ao Mapa diz respeito à certificação, para que fosse feita por propriedade, como filosofia do projeto, a fim de criar sistemas de gestão de risco dentro da fazenda.

ABCZ: *O senhor se referiu à certificação dizendo que a ABCZ está viabilizando o acesso ao Sisbov do gado registrado pela entidade em seus bancos de dados. Isso não seria um prejuízo para a ABCZ Certificadora?*

Pineda: A ABCZ, enquanto associação de classe, quer garantir ao seu cliente o acesso a essa certificação porque ela já é feita individualmente com rigor pela entidade quando registra o gado PO. A ABCZ Certificadora fará a certificação por propriedade e não individual. Portanto, cumprirá com sua função, sem onerar desnecessariamente o produtor. O importante é que a ABCZ não deve mais ser vista como simples cartório de registros e sim como uma certificadora de vários processos. Essa é a nova ABCZ que estará sempre à disposição do seu cliente, o produtor.

Acima: lote de animais nelore da fazenda Paredão

Associação Brasileira dos Criadores de Zebu – ABCZ Comunicado Técnico 2005

Principais alterações no Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas

O Conselho Deliberativo Técnico das Raças Zebuínas, em reunião realizada em 14 de julho de 2005, deliberou as seguintes alterações no regulamento do registro genealógico das raças zebuínas, que foram homologadas pelo Mapa em 05 de outubro de 2005:

As mudanças operacionais mais importantes:

1. foi extinta a concessão de registro genealógico definitivo na categoria LA – Livro Aberto para animais do sexo masculino sem ascendência conhecida (os chamados “cara limpa”). As exceções nesse caso, serão:

a) Para touros provenientes de programas de melhoramento oficializados pelo Mapa e avaliados como geneticamente superiores dentro da raça e de acordo com as normas vigentes para a operação desses programas. A documentação oficial validando essa informação, deverá ser providenciada pelo criador.

b) Para touros da raça Indubrasil com característica mocha (que foi incluída no padrão).

c) E as exceções já existentes e que

permanecem: pertencer às raças Cangaiam ou Sindi, ou ainda, para aqueles touros participantes em testes de progênie para leite

2. para a raça Indubrasil, foi incluída a característica mocha natural (não a proveniente de descorna). É claro que, como esses animais provêm de cruzamentos com outras raças originalmente mochas, serão registrados inicialmente em Livro Aberto, seguindo daí por diante as mesmas exigências para passar à categoria Puro de Origem prevista para todas as raças.

3. ainda, como medida de incentivo para aumento do contingente da raça Indubrasil, serão admitidos no registro genealógico da categoria Livro Aberto fêmeas que tenham sido descornadas. Essa medida é válida somente até a data limite de 31/12/2007.

4. especificamente para a raça Brahman, categoria Livro Aberto - LA, com o intuito de registrar oficialmente a formação do Brahman Brasileiro, poderão ser registradas as fêmeas oriundas da categoria CCG – Controle de Genealogia. O CCG é uma modalidade de controle, já regulamentado desde 2002, que permite inscrever produtos devidamente identificados, nascidos de acasalamentos entre raças zebuínas e destas com quaisquer raças. Neste caso, ele será utilizado como uma ferramenta auxiliar para o registro de fêmeas Brahman LA. Essas fêmeas poderão ser registradas na categoria LA e, nos seus certificados serão preservadas as genealogias dos animais utilizados no cruzamento. Entretanto, essa ascendência das fêmeas obtidas por cruzamento (no CCG), não será considerada para efeito de contagem de gerações. Na prática, o criador poderá produzir um animal meio-sangue Guzerá x Tabapuã, por exemplo, ambos registrados, e cujo acasalamento tenha sido declarado oficialmente através da modalidade CCG. A fêmea resultante desse acasalamento - caso atenda ao padrão racial do Brahman - poderá ser inscrita como matriz LA de fundação. O registro dessa fêmea trará os dados dos animais Guzerá e Tabapuã utilizados (no exemplo), embora a contagem de gerações para passar do Brahman LA para PO – Puro de Origem, não considere essas informações. O marco inicial para contagem das gerações será o reprodutor Brahman PO que já seria obrigatoriamente utilizado na sua cobertura. Da mesma forma que as demais raças em cruzamentos absorventes, passam à categoria PO, os produtos com duas gerações ascendentes conhecidas de Brahman. Por uma questão de convenções dentro do registro genealógico, um animal não pode ter duas identificações em duas modalidades de registros diferentes. Sendo assim, no caso do criador utilizar o CCG para formar fêmeas de fundação Brahman, o registro, tanto para CCG quanto para Brahman LA, deverá ser feito somente a partir dos 18 meses de idade, quando então o animal é classificado em uma ou outra modalidade de forma definitiva.

5. A seqüência de numeração dos animais adotada pelo criador que inicia-se sempre pelo número 1 (um) e ficava limitada a 9.999 poderá, agora, à critério do criador, se estender até 99.999, sempre obedecendo a ordem cronológica dos nascimentos para um mesmo rebanho. Em quaisquer dos casos, completada a primeira série, as seguintes reiniciam-se do número 1 (um), precedidas por letras ou

combinações de letras, sempre obedecendo a ordem alfabética.

6. a transação de doses de sêmen como venda, doação e cessão entre criadores deixa de exigir nota fiscal de produtor, que passa a ser substituída por um formulário próprio do SRGRZ (ADT-s Produtor), no qual consta a autorização do proprietário. É importante lembrar que, mesmo agora, nesses casos, a origem do sêmen continua sendo obrigatoriamente de estabelecimento produtor devidamente registrado no Mapa, ou que tenha sido importado nos termos da legislação vigente. Portanto, a nota fiscal de origem continuará sendo exigida, amparando todo o processo.

7. o registro genealógico de produtos obtidos pela técnica de transferência nuclear (clones) será objeto de estudo de uma comissão designada especificamente para esse fim, e poderão, à critério dessa comissão e depois de submetido à homologação final pelo Mapa, virem a ser inscritos no SRGRZ.

8. As coberturas das matrizes passarão a ser feitas em formulários próprios, padronizados pelo SRGRZ, específicos **de acordo com a frequência das comunicações**, de acordo com as seguintes opções :

a) comunicadas mensalmente, até o último dia do mês seguinte ao evento, ou;

b) até o máximo de 180 (cento e oitenta) dias, contados a partir do primeiro serviço da matriz, **devendo, neste caso, ser relatado todo o histórico das coberturas ocorridas no período. É importante ressaltar que, nesse segundo caso, uma primeira, segunda, terceira inseminação e um provável repasse, precisarão ser resgatados, principalmente para controle de estoque de sêmen.**

9. Embora não seja necessariamente uma novidade, nunca é demais lembrar que todos os touros utilizados em monta natural ou em colheita de sêmen em nível de propriedade, deverão ter tipagem sanguínea ou exame de DNA arquivados junto ao SRGRZ, para que seus produtos possam ser inscritos no RGN.

As mudanças nos padrões raciais:

(o que está em *itálico* são as alterações com relação ao padrão anterior)

RAÇA BRAHMAN

No item pelagem, referente a cor, passa a ser permissível uma ou outra mancha não muito definida ou gargantilha, nas pelagens: branca, cinza e vermelha. Cinza avermelhada e suas nuances.

Desclassificam: Preta. Pintada de preto. Sarapintado.

RAÇA GIR E GIR MOCHA

No item que trata da constituição, ossatura e musculatura, o ideal passa a ter a seguinte redação: "Constituição robusta. Ossatura forte.

Musculatura compacta e bem distribuída por todo o corpo. *Para os animais de aptidão leiteira: constituição leve. Ossatura forte. Musculatura firme e bem distribuída pelo corpo.*"

Para o item "Pele", o permissível passa a ser: "Ligeira despigmentação nas partes sombreadas e pequenos pontos de despigmentação nas partes não sombreadas." E o desclassificante: "Despigmentação excessiva e em placas em qualquer parte do corpo."

No item "PESCOÇO", o ideal passa a ter a seguinte redação: "Médio. Linha superior ligeiramente oblíqua. Bem musculoso e com implantação harmoniosa ao tronco. Delicado nas fêmeas. *Para os animais de aptidão leiteira: pescoço musculoso, sem exagero.*"

Na "Região Dorso-Lombar" a redação atual para o ideal passou a ser: "Larga e reta. Levemente inclinada, tendendo para a horizontal. Harmoniosamente ligada à garupa, apresentando boa cobertura muscular. *Para os animais de aptidão leiteira: harmoniosamente ligado à garupa, apresentando cobertura muscular consistente.*"

Para as "Ancas e Garupa", o ideal tem a seguinte redação: "Ancas bem afastadas e no mesmo nível, moderadamente salientes. Garupa comprida, larga, ligeiramente inclinada tendendo para a horizontal, no mesmo nível e unida ao

lombo sem saliências ou depressões e, com boa cobertura muscular. *Para os animais de aptidão leiteira: com cobertura muscular mais leve e consistente.*"

Para "Tórax, Costelas, Flancos e Ventre" o ideal determina "Tórax amplo, largo e profundo. Costelas compridas, *proporcionais ao comprimento dos membros* e largas, bem arqueadas, com espaços intercostais bem revestidos de músculos e sem depressão atrás das espáduas. *Para os animais de aptidão leiteira: musculatura menos pronunciada.*"

Os membros ficaram com a seguinte redação;

"Membros Anteriores: de comprimento médio. Com ossatura forte. Bem musculosos. Colocados em retângulo, afastados e bem aprumados.

Espáduas compridas e oblíquas, bem cobertas de músculos, inserindo-se harmoniosamente ao tórax. *Para os animais de aptidão leiteira, com musculatura mais leve.*"

"Membros Posteriores: de comprimento médio. Com ossatura forte. Coxas e pernas, largas, com boa cobertura muscular, descendo até os jarretes; com culotes bem pronunciados. Pernas bem aprumadas e afastadas. *Para os animais de aptidão leiteira: coxas e pernas com cobertura muscular adequada para acondicionamento de bom úbere nas fêmeas e com culotes pronunciados nos machos.*"

A descrição de "Úbere e Tetas", determina para o ideal: "Úbere de volume médio, coberto por pele fina e sedosa. Tetas simétricas, de pequenas a médias e bem distribuídas. *Para os animais de aptidão leiteira: úbere mais desenvolvido.*" No permissível: "Tetas suplementares"

RAÇA GUZERÁ

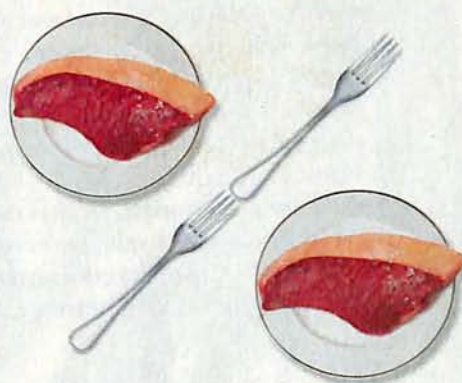
O item "Cor" admite como permissível: "Branca. Tonalidade avermelhada. Pequenas pintas ou manchas isoladas de cor branca, cinza, avermelhada ou amarelada."

Na região do "Chanfro", também como permissível: "Depressão uni ou bilateral"

O "Focinho" passa a admitir, como permissível: "Parcialmente marmorizado. *Lambida*". E o que desclassifica: "Grande predominância da coloração clara no espelho nasal. Lábio leporino."

+ de

143



de crescimento na ExpoBrahman.

Melhor que provar a genética precoce, é comprovar nos números o retorno da raça.

[Na arrecadação:
+43%]

[No número de leilões:
+29%]

[De animais inscritos:
+71%]

**II EXPO _ _ _ _ _
BRAHMAN**
www.brahman.com.br

REALIZAÇÃO



Tel.: (34) 3336-7326

PATROCÍNIO



Muito conhecimento. Muito resultados.



APOIO



www.abcz.org.br

RAÇA INDUBRASIL

No item "Chifres", ficou a seguinte redação para o ideal: "Médios. De cor escura e simétricos, saindo para fora, para trás e para cima, dirigindo-se em seguida para dentro, com as pontas rombudas e convergentes; ou ausência completa de chifres." O que é permissível: "Pontas não convergentes. Rajas brancas. Pequeno desvio; desde que não prejudique a conformação do crânio. Presença de calo ou batoque." O que ficou como desclassificante: "Móveis. Com predominância de cor clara. Excessivamente assimétricos. Sinal de cirurgia."

RAÇA SINDI

Na "Constituição, ossatura e musculatura" o ideal determina: "Constituição robusta. Ossatura delicada quanto à espessura, e resistente. Musculatura compacta e bem distribuída por todo o corpo." O que desclassifica: "Constituição grosseira ou débil. Ossatura grosseira ou fraca. Conformação leonina. Má distribuição muscular ou excesso de gordura na carcaça."

Quanto ao item "Cor", a redação do ideal busca animais de pelagem: "Vermelha e suas tonalidades. Os machos são mais escuros, principalmente nas espáduas, cupim e coxas, chegando quase ao preto. Tonalidade mais clara ao redor do focinho e das quartelas e nas áreas sombreadas." O que é permissível passa a ser "Tonalidade mais clara ao redor dos olhos. Manchas brancas em extensão reduzida no ventre para as fêmeas." Desclassificam pelagens "Branca. Excessivamente malhada, amarela clara, acizentada ou barrosa."

No item "Pele", o ideal é "Preta ou escura, inclusive nas mucosas. Solta, fina e flexível. Macia e oleosa."

No item "Orelhas" o ideal determina: "De tamanho médio, largas, um pouco pendentes, bem delineadas com leve reentrância na borda inferior." O que desclassifica: "Excessivamente curtas, longas largas ou estreitas, começando em forma de tubo e com pontas arredondadas."

A descrição ideal dos "Chifres" ficou com a seguinte redação: "Nos machos, curtos, curvos ou retos, firmes e de grossura média; podendo ser direcionados para os lados, para trás e para cima. De tamanho médio e mais finos nas fêmeas e curvados para dentro. Ausência completa de chifres. O permissível: "Um pouco

grossos, rajados de branco ou de amarelo. Com pontas ligeiramente curvadas para frente, desde que sejam curtos. Assimetria ou não convergentes nas pontas. Presença de calo ou batoque." Passa a ser desclassificante: "Longos. Redondos. Lisos e pontiagudos. Móveis. Brancos. Em forma de lira ou retorcidos. Sinal de cirurgia."

Na região das "Ancas e Garupa" o ideal recebeu a seguinte redação: "Ancas afastadas e no mesmo nível. Garupa comprida, larga, ligeiramente inclinada, unida ao lombo sem saliência ou depressão e com boa cobertura muscular."

Os membros anteriores idealmente, são descritos como: "De comprimento médio, com ossatura forte e delicada, mais finos nas fêmeas; corretamente aprumados e musculosos. Espáduas compridas e oblíquas, de acordo com o conjunto, bem cobertas de músculos, inserindo-se harmoniosamente ao tórax."

Os membros posteriores, como ideais, são: "De comprimento médio, com ossatura forte e delicada. Coxas e pernas, largas, com boa cobertura muscular, descendo até os jarretes; com culotes pronunciados nos machos. Nas fêmeas, coxas e pernas com boa musculatura e culotes moderados. Pernas bem aprumadas e afastadas." Desclassificam: Excessivamente longos ou curtos, em desproporção ao corpo. Ossatura grosseira ou débil. Retos ou excessivamente curvos e outros defeitos de aprumos. Coxas e nádegas, com deficiente formação muscular.

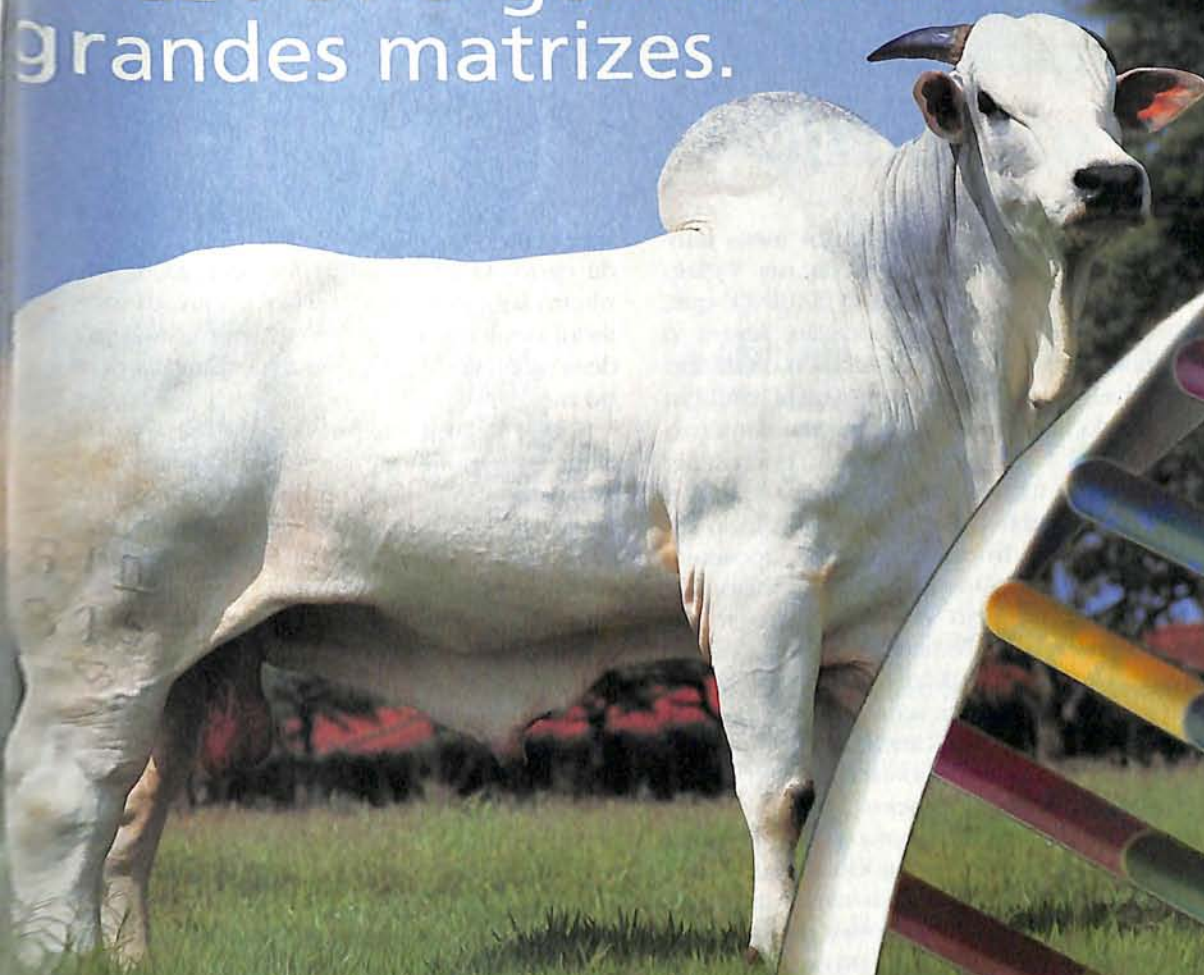
Para todas as raças zebuínas, a descrição ideal da região do "Tórax, Costelas. Flancos e Ventre", determina: "Tórax amplo, largo e profundo. Costelas compridas, proporcionais ao comprimento dos membros e largas, bem arqueadas, afastadas e com espaços intercostais bem revestidos de músculos e, sem depressão atrás das espáduas."

Também foi acrescida, para todas as raças, como permissível, a ocorrência de "tetras suplementares".

O regulamento completo está sendo editorado para publicação e distribuição.

Luiz Antonio Josahkian
Superintendente Técnico do SRGRZ
Associação Brasileira dos Criadores de Zebu

ENLEVO. O genearca de grandes matrizes.



Enlevo da Morungaba Panagpur x Ion MJ

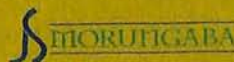
Enlevo já é de primeira o melhor para Índice PAC no Sumário PMGRN/05 entre mais de 11.117 touros avaliados.

O Índice PAC indica quem são os genearcas de grandes matrizes, fazedores de fêmeas longevas.

Para ter as melhores vacas, utilize Enlevo. O Palheta de Ouro da Lagoa.

SÊMEN 
SEXADO 
Investimento certo com ganho garantido!

Consulte
Promoção Especial
de Lançamento



Genética a toda prova

Tel. (16) 2105.2299
www.lagoa.com.br

O jeito é rezar

Na praça Rui Barbosa, nos meus tempos, havia no início da rua Vigário Silva, a CASA FERNANDO SABINO que, como era comum na ocasião, levava o nome do dono. Seo Fernando, velhinho afável, educado e honesto, mas também sabido, esperto e malandro. Seu comércio tinha de tudo, banha de sucuri, querosene, bicos de tucano, arreios, sal, fala mansa e papo agradável. Era ponto obrigatório de fazendeiros, tropeiros, mascates, aposentados e amigos. O velho balcão era gasto, liso e brilhante pelo contínuo esfregar de cotovelos. Seo Fernando era uma lenda. Sem arredar do balcão, o matreiro velhinho sabia de tudo o que acontecia em Uberaba. Seu linguajar era característico e único, comentava o que acontecia ao seu redor com seu jeitão de mineiro.

A situação hoje em nosso país não é nada saudável para o agronegócio. Os surtos de febre aftosa surgidos fecharam o mercado internacional de carne bovina, e porco e o frango foram juntos. O preço da soja é menor do que o custo. O plantio reduziu e aumentou a área do milho. Com a redução da engorda do frango, o consumo do milho será menor e com a superprodução o preço cairá. Vai sobrar carne, suínos, frangos, milho e soja e, naturalmente, vai faltar dinheiro. Nosso povo, coitado!, de celular no bolso, acha que tudo vai bem.

Sonhei com o Seo Fernando que me contava: "Os negócio num tá pra festa. O movimento tá parado. A vida cada vez mais dificultosa e sofrida. O homão lá de Brasília diz que tudo tá bem, mas nosso dinheiro tá caindo de preço. A situação tá cada vez mais grávida. Será que tudo vai voltá pra traiz outra vez? O negócio é recolher a tropa e esperar. Em merda quanto mais se mexe mais fede. Vamos aguardá. O tempo é que cura o queijo. O povão tá varado de fome e num ponho idéia do que pode acontecer. Mais, se o homão num tomá tenção, quando der pela coisa, o negócio tá gorado. É preciso ficá vivo, abrir os olho e fechar a algibeira, porque tempestade vem aí. E depois da tempestade vem a enchente. O homão só fala abobrinha e num vê qui a

vaca tá indo pro brejo. Vamos rezar pra tudo dá certo. O movimento movimentá, o dinheiro subí de preço e o boi e a lavora melhorá de novo. E a gente se esquecer logo desse sofrimento, porque a pior dor é a dor do momento."

É isso aí, gente. O negócio é rezar. Fé em Deus e pé na tábua. Não é a maldita aftosa que vai nos derrubar. Atrás disso tem muita hipocrisia dos países falsos amigos. Vamos dar a volta e sair por cima. A gripe do frango vai ser como a "vaca louca". Xô pra lá, Satanás. Pra ferrugem de soja a Embrapa vai lançar uma soja inox.

O brasileiro é um povo sofrido e que, no início, foi muito explorado, mas que sabe driblar os maus momentos. É uma pedalada do Robinho, uns chapéus do Ronaldinho e o drible de elástico do Romário. E, se for preciso, umas trombadas do centauro Adriano. Fé em Deus que a taça é nossa. Voltaremos logo a vender carne, frango, soja, suínos, café e suco de laranja. Raça e peito nosso agricultor tem, o ano que vem é nosso.

E agora, pra ajudar, rezemos a oração do agricultor: Pai Nosso, Patrão do céu, semeador primeiro, Senhor de todas as lavouras e rebanhos, do massapé e da terra roxa, do bendito cerrado e das águas limpas e frescas. Meu amigo São Pedro, eterno capataz da fazenda do Senhor, competente apartador, que na boca do brete aparta as almas chegadas de há pouco, a cabeceira no jaguará viçoso do patrão e o refúgio na barba de bode do Satanás. E todos os outros Santos, retireiros ou bóias-frias, olhem por todos nós, não nos deixem faltar saúde e disposição para a lida, chuva em nossas terras, chuvinha miúda e criadeira. E que no pastinho viçoso a bezerrada galope linda de se ver. Que as espigas de nossas roças sejam muitas e pojadadas de grãos, para que, na varanda amiga, haja sempre um lugar à mesa, uma moringa de água fresca, um cafezinho bem passado, a broa nossa de cada dia e o pão-de-queijo também, à espera dos amigos do peito, para o papo gostoso da tarde, e para, juntos, gabarmos a bondade e a amizade do Patrão. Amém. 🍷

foto: M. Farias/ ABEZ



Hugo Prata é engenheiro-agrônomo e professor universitário

O mercado está achando você meio verde?



• PÓS-GRADUAÇÃO • FAZU 2006



A LEITURA E A ESCRITA NO COTIDIANO ESCOLAR

O mercado não gosta de verdes.
Mude de cor.



ASSESSORIA ORGANIZACIONAL COM ÊNFASE EM GESTÃO EMPRESARIAL

No jogo do mercado,
seja a peça principal.



CONTROLE DE QUALIDADE NA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS

Quando o mercado sai às compras,
você precisa estar pronto.



PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL NA AGROPECUÁRIA

O mercado está esperando
você quebrar a casca.



GESTÃO DE RECURSOS NATURAIS, AUDITORIA E PERÍCIA

Mostre ao mercado que você sabe
usar os recursos que tem.

Informações e Inscrições

Setor de pós-graduação da FAZU com Keli (keli@fazu.br)
Fone: (34) 3318 4188 ou www.fazu.br
UBERABA.MG

O Alfabeto do campo



foto: L. Adolfo

ABCZ - novembro / dezembro • 2005

A educação rural no Brasil não apresenta números animadores. Os índices de repetência e analfabetismo são maiores do que os verificados nas escolas das cidades. Nadando contra a maré, existem pelo Brasil projetos independentes que valorizam a cultura do campo e que estão conseguindo melhorar a qualidade do ensino

Larissa Vieira

colaboração: Renata Thomazini

Se nada for feito agora, o Brasil terá daqui a uma década quase sete milhões a mais de jovens analfabetos do que tem atualmente. Hoje, cerca de 33,4% das crianças entre 7 e 14 anos não sabem ler, nem escrever. E o pior. Daqui a 10 anos serão brasileiros entre 17 e 24 anos, ou seja, dentro da faixa etária considerada economicamente ativa. O campo — setor responsável por quase 40% do PIB do País e onde vivem apenas 22,1% das crianças brasileiras — abriga 24,6% desses meninos e meninas analfabetos. Na cidade, o índice é dois terços menor. Quem mora nos centros urbanos também tem quase três vezes mais possibilidades de frequentar a escola do que os moradores de áreas rurais.

Nem mesmo na adolescência, o acesso à educação é mais fácil. Cerca de 10% dos adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos não sabem ler e nem escrever, índice quase quatro vezes maior do que o registrado na cidade. O direito à Educação, garantido pela Constituição Brasileira, tem sido negligenciado a pelo menos 22,8% dos jovens do campo, que não frequentam a escola. Os dados integram o “Relatório da Situação da Infância e Adolescência Brasileiras”, um extenso documento divulgado pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) em 2004, que acabou confirmado no início de novembro deste ano pelo relatório da ONU (Organização das Nações Unidas).

O Brasil aparece entre um grupo de 12 países — junto com Índia, China, Bangladesh, Paquistão, Nigéria, Etiópia, Indonésia, Egito, Irã, Marrocos e República Democrática do Congo — onde se con-



Ao lado, Haddad, ministro da Educação; na pág. anterior, crianças da área rural aguardam transporte sob a copa de uma árvore

foto: Antônio Cruz/ABR

centram três quartos de todos os adultos analfabetos do mundo. Questionado sobre o que o Governo Federal está fazendo para reverter esse quadro preocupante, o ministro da Educação, Fernando Haddad, reconheceu a necessidade de se aplicar mais recursos no setor. “Formalmente, o Brasil investe 4% do seu PIB em educação. Teríamos de investir durante 20 anos pelo menos 6% do PIB para resolver os problemas educacionais do nosso País. Vamos aplicar R\$ 3,5 milhões este ano e, em 2006, serão ainda mais recursos”, declara Haddad, sem revelar qual será o futuro orçamento. Segundo ele, os R\$3,5 milhões são destinados exclusivamente aos programas de formação continuada de educadores do campo e à produção de material didático específico para escolas rurais.

O governo também tem pela frente o desafio de aumentar a média de anos de estudo dos alunos das escolas rurais. Adolescentes das áreas urbanas na faixa etária de 12 a 17 anos estudam em média 5,8 anos contra 4 anos dos jovens do campo. “Frequentar a escola é um desafio maior para os estudantes que moram no campo. Como a escola é distante de casa, é comum o aluno faltar à aula por motivos banais e, por esse motivo, o índice de abandono e repetência no campo é bastante alto”, declara Haddad. Mas não são apenas os motivos banais que afastam os pequenos da sala de aula. Em algumas cidades, o transporte até a instituição — uma responsabilidade das prefeituras — é feito em veículos sem condições de circular. Outras vezes as crianças precisam andar vários quilômetros para chegar à escola. Mais de 3 milhões de alunos depen-



foto: divulgação UERGS

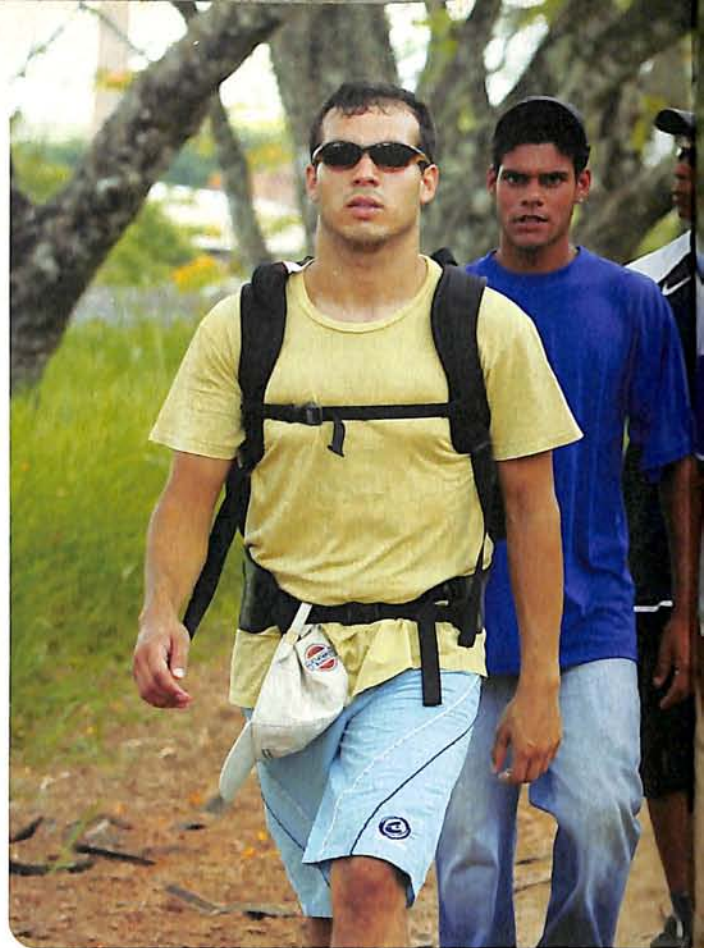
Acima: alunos em sala de aula na área rural do interior sulriograndense; ao lado, estudantes da zona rural paulista deslocam-se para escola próxima à suas casas

dem de transporte para estudar, segundo o Censo Escolar do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais).

O ministro alega que para combater a repetência foi criado o Programa Escola Ativa, que reúne na mesma sala de aula alunos de várias séries do ensino fundamental. De acordo com ele, mais de seis mil escolas rurais em 882 municípios das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste são beneficiadas pelo projeto. Dentro de um universo de 5.562 municípios em todo o País, a iniciativa do Ministério pode ser considerada bastante tímida.

“O modelo de escola rural que tem predominado na nossa história é constituído quase que em sua maioria de classes multisseriadas, a cargo de professoras leigas ou com menor tempo de formação do que as professoras das escolas urbanas. Em tal modelo, o agricultor é visto como um ‘matuto’ a ser civilizado. Daí a negação com que os agricultores têm respondido aos apelos de uma escolarização que em nada contribui com a sua lida”, relata a doutora em Educação e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Marlene Ribeiro. O Ministério da Educação garantiu, porém, que está trabalhando para implementar as Diretrizes Operacionais para Educação Básica do Campo, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação a partir de diálogos com vários movimentos sociais.

Para os especialistas em educação rural, existem outras questões que merecem a atenção dos educadores e dos governantes brasileiros, além daquelas levantadas pelas estatísticas da ONU e do Unicef. As escolas tradicionais ensinam a ler, escrever, contar — tudo exatamente da mesma forma que é feito na cidade —, mas sem qualquer relação com a vida da comunidade. Assim, os professores vão forman-



do cidadãos que acreditam em um futuro melhor apenas na cidade, onde a maioria dos trabalhadores ganha um salário mínimo. Essa é a realidade de boa parte das escolas rurais, mas, felizmente, existem exceções.

Uma gota no oceano

Enquanto boa parte dos brasileiros que mora no campo é preparada para encontrar melhor sorte na cidade, a agropecuária — que somente nos sete primeiros meses de 2005 gerou 219,9 mil novos postos de trabalho — sofre com a falta de mão-de-obra qualificada. Na pequena cidade de Mazagão, região sul do Amapá, a realidade não é diferente. Mais de quatro mil alunos estão matriculados nos ensinos fundamental e médio. Muitos deles sonham com o dia em que deixarão Mazagão para trás em busca do sonho de ter uma vida melhor na capital Macapá.

O jovem Gildo Moraes de Souza era um deles. “Minha família achava que na cidade grande eu e meus irmãos teríamos mais oportunidades. A gente via pela televisão como é a vida na capital e sonhava em ter o mesmo padrão e conforto”, lembra o rapaz, filho de produtor rural da região. Foi dentro da sala de aula, quando cursava a 5ª série do ensino fundamental, que Gildo começou a vislumbrar um futuro promissor, ali mesmo, no interior do Amapá.

Na escola, ele aprendeu a exatidão dos números,



foto: L. Adolfo

as regras da gramática, os fatos históricos e a geografia do Brasil, mas, também, como planejar bem a colheita, a importância do agronegócio para o crescimento da comunidade. “Somos preparados para assumir movimentos sociais na região, administrar negócios e buscar alternativas para melhorar a condição de vida local”, conta o jovem, que, aos 21 anos, divide seu tempo entre as alegrias juvenis, o curso profissionalizante de “Recursos e Produtos Florestais” e a responsabilidade de comandar a Rede das Associações das Escolas Família. Ele foi escolhido há quase dois anos para o cargo em uma eleição onde votaram pais, monitores e alunos de todas as unidades da instituição.

O diferencial da Rede das Associações das Escolas Família está na pedagogia aplicada em suas cinco instituições de ensino espalhadas pelo Amapá e Pará. As 790 crianças e adolescentes (filhos de pequenos produtores rurais e pescadores) que estudam na organização aprendem durante 15 dias os conteúdos curriculares. Nos outros 15 dias do mês, ficam em casa para colocar em prática o que aprenderam em sala de aula. A Pedagogia da Alternância, como é chamado o método, também modifica a rotina dos professores.

Acompanhados de médicos veterinários, agrônomos ou zootecnistas, os educadores vão até as casas dos alunos. Lá, avaliam juntamente com o estudante e seus pais a forma como estão sendo



foto: divulgação

feitas a produção das culturas e a criação de animais. É um momento de troca de informações técnicas. A equipe também verifica se a criança cumpriu as tarefas determinadas pela professora.

“O trabalho deles durante esses 15 dias que ficam em casa também é avaliado pelos pais. O resultado tem sido o resgate da valorização da cultura local. Antes, eles tinham vergonha de ser do campo. Hoje, preferem ficar na região e construir ali mesmo um futuro melhor para a família”, diz a conselheira da Rede Família, Maria José Rigamonti. Filha de produtor rural, ela foi para a cidade quando ainda era pequena com o objetivo de estudar para um dia se tornar educadora. Meta alcançada, agora, a amapaense ajuda as crianças da entidade a vislumbrarem uma carreira promissora dali mesmo, da janela da sala de aula de suas cidades natais. Nesta mesma direção, está conduzindo o olhar das crianças de 453 famílias de 156 comunidades do Amapá e do Pará. Tudo bem diferente de décadas passadas, quando os amapaenses da cidade de Tefé eram alfabetizados pelas ondas da Rádio Educação Rural. Hoje, a emissora funciona apenas como um canal de músicas e de notícias.

Deixando o Norte do Brasil, seguimos em direção ao Nordeste. Na Zona da Mata de Pernambuco, fica o município de Glória do Goiá. Lá, encontramos outro exemplo de integração da comunidade com a escola rural. O Serto (Serviço de Tecnologia Alternativa) nasceu em 1989 da iniciativa de agricultores, técnicos e educadores locais em levar novas tecnologias aos moradores da região. No começo, eles moravam junto com os produtores e ficaram conhecidos como o “Grupo do Mutirão”. O trabalho era feito apenas com os adultos. Faltava um projeto educacional que envolvesse os filhos dos produtores. A organização decidiu ir além.

Acima: garoto participa de apresentação de teatro na Zona da Mata de Pernambuco



foto: L. Adolfo

Acima: Ana Paula, que coordena o projeto Fazenda de Aprendiziz

Atualmente, os programas de formação atendem pais, adolescentes, agentes comunitários e educadores em 44 municípios de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Bahia.

“O governo diz desde 1930 que o progresso está na cidade. O que fazemos no Sertão é reconstruir, no universo dos jovens, o conceito de que o Brasil é rural. Tentamos criar um campo novo. Não é tarefa fácil. Somos uma gota no oceano”, destaca Inalda Neves Batista, vice-presidente do Sertão. Na metodologia aplicada pela entidade, professores e alunos pesquisam juntos a realidade da região. Depois, as informações coletadas nas propriedades são levadas para a sala de aula e transformadas em censos agropecuário, populacional e ambiental. Desses levantamentos, surgem novas fontes de renda alternativa para a comunidade. Assim, o Sertão vem conseguindo modelar sua Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS) utilizando os mesmos moldes defendidos por especialistas em educação rural de todo o Brasil. O cotidiano dos alunos é levado para dentro da sala de aula e depois incorporado às disciplinas básicas. “Até mesmo os professores que nasceram no campo não ensinavam a cultura local para seus alunos. Hoje, eles estão descobrindo novas metodologias de aprendizagem”, explica a vice-presidente do Sertão.

O campo redescobre o campo

Desconhecer a realidade do local onde moram não é particular dos pernambucanos. “A vivência da natureza não existe apesar deles morarem no campo. Nas fazendas da região, acabou aquela prática antiga de brincar no curral, tirar leite da vaca ou acompanhar o pai no cultivo da lavoura”, conta a coordenadora do projeto Fazenda de Aprendiziz, Ana Paula Pacheco Chaves Giorgi.

O programa atende cerca de 50 estudantes, entre 7 e 17 anos, filhos de produtores rurais do município de Oriente, interior de São Paulo. Eles frequentam a escola da cidade e, nas horas de folga, participam das aulas de inglês, esporte e atividades didáticas oferecidas pela Fazenda de Aprendiziz. A aluna do projeto, Cássia Regina Pereira, 17 anos, conta que suas notas melhoraram na escola nesses três anos participando do projeto educacional alternativo. “Também estou perdendo a timidez”, anima-se a garota.

Durante as aulas extra-curriculares, é o momento de aplicar na prática os conceitos aprendidos na escola tradicional, ou como Ana Paula prefere chamar, o “laboratório do conceito”. O conceito de somar, dividir, multiplicar, por exemplo, pode ser construído na cozinha. Os jovens aprendem — entre farinha, ovos, leite — equações matemáticas e fórmulas químicas. Depois do bolo pronto, uma constatação nada saborosa: apesar de muitos deles já estarem na 8ª série da escola local, não dominam a matemática.

Samuel Levy, geógrafo americano de Los Angeles, trabalha como voluntário na Fazenda de Aprendiziz. Ele comanda uma das atividades preferidas da garotada: passeios ecológicos pela região. Seguindo as trilhas desbravadas pelo mestre, os alunos aprendem sobre meio ambiente e como conservar os recursos naturais da região.

Universidade: o próximo passo

Para quem já trilhou os caminhos da educação básica no campo e pode exibir o diploma de conclusão do ensino médio, a direção a seguir é a universidade. Tarefa difícil. O índice de jovens brasileiros entre 18 e 24 anos que conseguem entrar para o ensino superior tem variado entre 9% e 13%. Mas, caso as crianças brasileiras que hoje cursam o ensino fundamental nas escolas rurais consigam fazer parte dessa pequena porcentagem, terão pela frente uma série de opções. Existem mais de 500 cursos de graduação na área das Ciências Agrárias, com registro no Ministério da Educação.

Nos últimos anos, o crescimento econômico do agronegócio fez pipocar em todo o Brasil novos cursos de graduação voltados para o setor. Lidera a lista, o curso de Administração e Gestão de



Acima: o professor da Esalq, Evaristo Marzabal Neves, em sala de aula

Agronegócios. Já são mais de 100 cadastrados no Ministério. A cidade mineira onde está sediada a tradicional Universidade Federal de Viçosa, é uma das localidades que oferece a graduação em Gestão de Agronegócios. Em 2001, a instituição reformulou o curso de mais de 30 anos de existência — Administração, com habilitação em Cooperativas — para atender a demanda do mercado por profissionais com experiência em gerenciamento desse tipo de empresa. Assim, surgiu o curso de Gestão de Cooperativas.

“A carência de profissionais especializados é grande, principalmente nos últimos anos, com o surgimento de várias cooperativas. Essa mão-de-obra qualificada tem sido procurada por entidades ligadas ao setor agropecuário e de crédito”, ressalta o coordenador do curso, Brício dos Santos Reis. Segundo ele, a maioria dos estudantes vem de família com ligação com o campo. Quando o universitário Éderson Cláudio Vieira da Costa recebeu o diploma de gestor de cooperativas em dezembro de 2005, já estará exercendo a profissão. Ele deixou 55 concorrentes para trás e ficou com a única vaga oferecida por uma empresa de crédito da cidade. “A maior parte dos meus colegas já está empregada”, anima-se o estudante.

Acompanhar o avanço do agronegócio é um desafio que a centenária Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), assim como a maioria das instituições de Ensino Superior, aceitou. “A visão da entidade antigamente era formar profissionais para dentro da porteira ou para empresas de defensivos agrícolas. Agora, formamos para o pós-porteira, ou seja, atacado, varejo, bolsa de valores”, destaca o professor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia, Evaristo Marzabal Neves.

Hoje, existem profissionais das Ciências Agrárias

trabalhando em empresas de outros ramos, sem ligação direta com o agronegócio. Os grandes supermercados, por exemplo, contratam agrônomos para planejamento de gôndolas e rastreabilidade de alimentos. As mudanças na grade curricular dos seis cursos de graduação da Esalq acontecem anualmente para acompanhar o setor.

Grande oferta de cursos na área não significa necessariamente garantia de acesso ao banco de uma universidade. De acordo com o Censo da Educação Superior do Ministério da Educação, existem 1.652 instituições privadas contra 207 públicas. No sul do Brasil, a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) firmou convênio até 2007 com organizações não governamentais do setor agropecuário para oferecer cursos pensados especialmente para as necessidades locais. Surgiram as graduações em Pedagogia e Administração Rural e Agroindustrial. Quem concorre a uma vaga nessas áreas precisa, além de passar no vestibular, ser filho de produtor rural.

O curso é ministrado em quatro cidades gaúchas: Veranópolis, Cruz Alta, Ronda Alta e Sananduva. A média de alunos por turma é de 35. “A iniciativa partiu das entidades, que procuraram a UERGS com a proposta de qualificar os moradores do campo. Desenvolvemos cursos baseados na formação humana, na valorização do campo e que possibilitem aos estudantes aplicarem na comunidade tudo o que aprenderem em sala de aula”, declara a coordenadora das turmas em Regime Especial dos Movimentos Sociais da UERGS, Conceição Paludo. Filha de produtor rural, ela integra a estatística dos brasileiros que deixaram sua cidade natal para estudar na cidade grande e que hoje trabalham para que os jovens vislumbrem a possibilidade de um futuro melhor lá no campo. De preferência, na janela da escola. 

Contradições **explicáveis**, mas nem sempre **justificáveis**

“Não me peças a causa de tanto encolhimento no anúncio e na missa, e tanta publicidade na carruagem, laçaio e libré. Há contradições explicáveis”. Machado de Assis. Esaú e Jacó. São Paulo: Ed. Escala.

No início da obra “Esaú e Jacó”, o autor Machado de Assis descreve a situação criada por um diretor de banco que, nos idos de 1869, manda rezar uma missa para um parente pobre, há pouco falecido, a quem não ajudou o bastante em vida, numa igreja modesta de bairro, e lá comparece com sua bela esposa em carruagem com empregado metido em uniforme de gala; o casal é desconhecido dos moradores do lugar, mas causa-lhes espanto o inusitado da visita. “O luxo do casal temperava a pobreza da oração”, revela o escritor.

Bons tempos aqueles em que um funcionário do Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, podia ocupar-se de sua obra literária, conjeturando contradições como essa da economia no uso de recursos e gastos com as aparências. Machado de Assis, a par de oficial de gabinete do ministro e, depois, na República, titular da Diretoria de Comércio da referida pasta, foi também fundador e primeiro presidente da

Academia Brasileira de Letras, de 1897 até a sua morte em 1908.

Acaso não havia contradições no ministério de então, como as que existem no de hoje? Por certo, não havia exportação de carne resfriada. Tanto a carne como o couro, principais produtos da pecuária de outrora, eram salgados para garantia de sua conservação. Mais tarde é que veio a exportação de traseiros curtos – o “chilled beef” – para a Inglaterra, mas o forte mesmo, até bem pouco tempo, eram as exportações de carne industrializada, cozida, esterilizada. E, a aftosa era só uma conhecida virose que acometia o gado, que por sua vez sofria com a erupção e ruptura de vesículas nas mucosas, babava abundantemente e, depois, regredia deixando restar uma ou outra frieira nos cascos, que os mais antigos sabiam cortar em profundidade, e enfaixar até ficar curada. Há quem diga que algumas riquezas foram feitas por vaqueiros que compravam barato o gado emagrecido pela

“Há quem diga que algumas riquezas foram feitas por vaqueiros que compravam barato o gado emagrecido pela aftosa, procediam à engorda em pastos próprios ou alugados e, depois, vendiam as boiadas para o matadouro”



Pedro Eduardo de Felício é diretor-associado da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp

aftosa, procediam à engorda em pastos próprios ou alugados e, depois, vendiam as boiadas para o matadouro. Nada disso preocupava o nosso maior escritor e alto funcionário, ou preocupava, mas era assunto para ser tratado pelos técnicos que, de início, eram médicos, em seguida veterinários estrangeiros contratados para ensinar, colaborando na formação dos alunos da antiga Escola de Agricultura e Medicina Veterinária, em Niterói (RJ), formados a partir de 1917.

Em arremedo do estilo do autor de Dom Casmurro, vai aqui uma advertência ao prezado leitor: não concluas precipitadamente que se pretende dizer nestas linhas que "o bruxo de Cosme Velho" tivesse o poder de prever o futuro, a ponto de "ver" que, no decorrer do século 20, o seu ministério pudesse atingir uma fase áurea, nas décadas de 40 a 70(i), para, em seguida, entrar num processo de decadência, que chegaria neste ano à penúria digna de uma missa em capela de periferia. Tens razão de dizer que, no primeiro semestre, o órgão sofreu reprimenda do governo dos Estados Unidos devido a deficiências na inspeção de carnes industrializadas, depois veio a União Européia pôr em dúvida a nossa rastreabilidade, cuja principal característica deve ser a credibilidade e, agora, esse surto de febre aftosa a humilhar um empobrecido sistema nacional de defesa sanitária. Nem penses, também, em estabelecer paralelo entre a cupê com lacaio de libré, com um certo avião luxuoso que tem voado pelos céus de todo o planeta.

O objetivo dessa analogia é chamar a atenção para um grave problema que o país vive há muito tempo, que mereceu deste redator em entrevista a um grande jornal, em 2001, o alerta de que "os investimentos na infra-estrutura física e humana de inspeção e defesa não

são compatíveis com o ritmo de crescimento da produção e da exportação de carnes do país". "O sr. parece desconhecer os programas sanitários do Mapa", foi resumidamente o teor da gentil advertência oficial recebida de Brasília, dias depois. Como estará se sentindo o autor do ofício? Terá entendido, agora, o recado?

O nosso contista maior nunca previu uma contradição tão injustificável como essa da falta de recursos para um dos setores que mais contribuem para a receita de exportações da agropecuária nacional, mas ele pode muito bem ter visto em sonhos as festas promocionais da carne bovina do Brasil, na Europa, especialmente em Paris, antes mesmo de ter sido estruturado um sólido sistema de qualidade para os alimentos produzidos neste país. O fato é que nossas festas ostentações têm servido para mascarar a pobreza de nossas ações na solução dos problemas estruturais, levando-nos a tropeçar pelo caminho na busca do desenvolvimento. ♥

(i) Destaques para o (a): estímulo à produção industrial de vacinas no país; fomento da produção animal; edição do Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal, com base na lei 1283/50; carreira de funcionários que incluía um curso de especialização no Rio de Janeiro; apoio à tecnificação da suinocultura e da avicultura a partir do Estado de Santa Catarina; transformação de queijarias em laticínios e das charqueadas em matadouros-industriais e matadouros-frigoríficos; criação do Fundo Federal Agropecuário, em 1962; Normas Higiênico-Sanitárias e Tecnológicas para Exportação de Carne (1966); processo de federalização da Inspeção Sanitária a partir das regiões Sul e Centro-Oeste, com base na lei 5.760/71, para citar algumas das mais importantes conquistas da área animal e, em caráter mais amplo, a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, em 1973.

SemenNet
Genética e Biotecnologia



Sêmen



Prenhezes



Botijões



Materiais

Acessórios

Comercializamos sêmen das principais Centrais e contamos com estoque de verdadeiras raridades da raça Nelore!

Parceria com criatórios de ponta na comercialização de prenhezes de excelência!

Preços e condições especiais para Criador! Consulte e solicite nossa listagem completa!

DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL

www.semennet.com.br

(14) 9671 1504 / (17) 3341 1995

semen.net@uol.com.br

Genética em vista



▼ Rio de Janeiro

Porta de entrada dos animais que deram origem aos primeiros plantéis de zebu puro no Brasil, o Estado do Rio de Janeiro há algumas décadas vem se firmando como um tradicional berço genético das raças zebuínas. Com um rebanho estimado em quase 1,8 milhão de cabeças e uma geografia peculiar, caracterizada pelo relevo montanhoso, o Rio de Janeiro descobriu na pecuária de elite um segmento promissor para desenvolver a zebuicultura.

Acreditando no potencial do Estado para a pecuária, a ABCZ resolveu investir no Rio de Janeiro há mais de 30 anos e atualmente o Escritório Técnico Regional da entidade é responsável por uma média de 650 registros mensais.

O governo estadual, assim como a ABCZ, também percebeu a excelente vocação daquela região para o agronegócio e está transformando essa vocação em oportunidade. Para tanto, estabeleceu como meta que o PIB da genética bovina deve superar os valores gerados pela pecuária leiteira e de corte, algo em torno R\$ 400 milhões, até o final de 2006. "Apesar de termos um território pequeno, nós procuramos fazer com que

Aposta no melhoramento genético das raças zebuínas destaca a cada dia o Estado do Rio de Janeiro como um celeiro de criatórios de elite. Nesse sentido, o Escritório Técnico Regional da ABCZ naquele Estado está à disposição dos criadores para atender a demanda por sistemas que contribuam para uma seleção eficiente

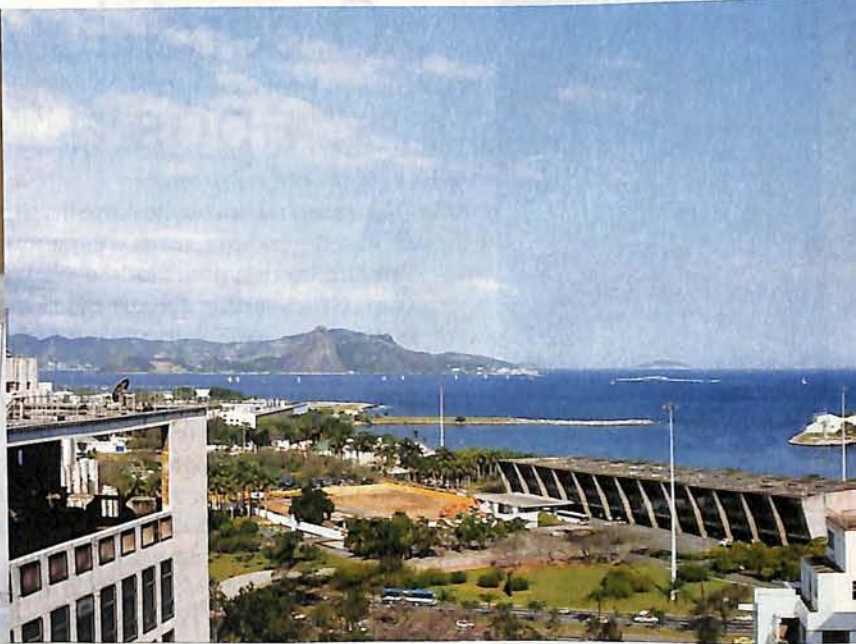
texto e fotos: Laura Pimenta

o rebanho tenha um maior valor agregado. Queremos fazer do Rio de Janeiro um grande produtor de animais de alta qualidade genética", destaca Christino Áureo da Silva, secretário de Estado de Agricultura, Abastecimento, Pesca e Desenvolvimento do Interior do Rio de Janeiro.

Toda essa expectativa é correspondida pelo amplo trabalho de seleção dos criadores fluminenses, que não ficam atrás quando o assunto diz respeito a investimentos na área de melhoramento genético. "O Rio vem se destacando como um celeiro de criatórios de elite e essa atividade é, sem dúvida nenhuma, a mais adequada à realidade do Estado", ressalta o selecionador e associado da ABCZ, Roberto Sardinha Júnior, da fazenda Campo Alegre, localizada próxima ao município de Carmo (RJ).

A prova da constante utilização de técnicas, como a fertilização "in vitro" e a transferência de embriões nos plantéis do Rio, é que durante todo o ano de 2004 foram incluídos no banco de dados do registro genealógico da entidade aproximadamente sete mil zebuínos daquele Estado, e até o final de 2005 o número deve superar o total do ano passado. Entre os anos de 2002 e 2004, o aumento no número de registros feitos no ETR-RIO foi de aproximadamente 38%.

Em 2005, um total de 2.582 zebuínos recebe-



ram o registro definitivo da ABCZ, enquanto que 5.351 exemplares receberam o registro de nascimento. Outro índice que coloca o ETR/RIO em destaque é a posição que o escritório alcançou no mês de novembro no ranking de produção dos escritórios da ABCZ, ficando na nona colocação.

A excelência do trabalho deve-se a colaboração dos cinco funcionários, entre eles a médica veterinária Eliana de Rezende Ferreira e o zootecnista Marcelo Costa Leite, gerente do escritório, e as colaboradoras Verônica Virgínio de Lima, Suzana da Silva Chaves e Naira Cristine Pereira de Lima que atendem aproximadamente 300 criadores associados. "O ETR do Rio conta com total infraestrutura para atender aos sócios da ABCZ, com funcionários devidamente treinados e aptos a prestar qualquer tipo de atendimento, agilizando assim a rotina administrativa e o trabalho de campo dos criadores", afirma Carlos Humberto Lucas, superintendente técnico-adjunto de Genealogia da ABCZ e coordenador dos ETRs de todo o Brasil.

Pela tradição, o nelore é a raça com maior número de animais em todo o Estado, mas o brahman também vem despertando a atenção de muitos criadores que estão investindo em genética e eventos como dias de campo, leilões, provas de ganho de peso, etc. O gerente do ETR-RIO destaca ainda a excelente qualidade de criatórios e os bons investimentos nas raças tabapuã, gir e guzerá no Estado.

Linha direta com o ETR do Rio de Janeiro



Técnico Responsável: Marcelo Costa Leite
Endereço: Rua México, 31, Bloco D, Sala 1601
Centro
CEP 20031-144
Rio de Janeiro - RJ
Telefax: (021) 2544-9125 / 2531-1582
E-mail: etrio@abcznet.com.br

Acima e abaixo:
Imagens e vista
panorâmica do
ETR-RIO

O cenário de oportunidades após a **febre aftosa**

A pecuária bovina de corte brasileira cresceu, modernizou-se e expandiu mercados em um ritmo acelerado, fechando o ano com crescimento, apesar dos eventos sanitários que estão abalando o País. Com uma produção de carne bovina estimada para 2005 em 8,3 milhões de toneladas em equivalentes de carcaça (t.e.q.), o setor cresceu a taxas superiores à produção mundial. A produtividade do setor também vem avançando, com redução da idade de abate e aumento da taxa de desfrute do rebanho. Os ganhos de produtividade são fundamentais face à necessidade crescente de geração de excedentes para atender ao crescimento da demanda do mercado externo e para contrapor à perda de rentabilidade da atividade, provocada por custos crescentes e pela incapacidade de repasse dos aumentos de custos aos preços finais, acarretando perdas nas relações de troca da carne bovina com os principais insumos utilizados na pecuária.

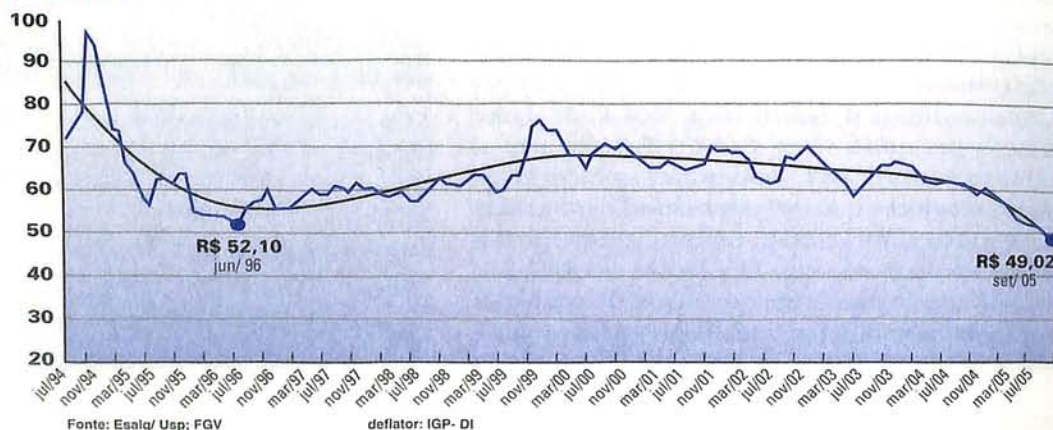
Nehmi Filho (2005) acredita que os baixos preços pagos ao produtor são consequência do esgotamento da capacidade de abate dos frigoríficos por excesso de oferta de fêmeas acentuada pelos avanços de soja, cana e eucalipto. Este parece ser o principal motivo para o descasamento entre o preço do boi gordo e os preços da carne no varejo e na exportação, impedindo que os preços do boi reajam ao aumento da demanda. Este inédito esgotamento da capacidade de abate dos frigoríficos brasileiros é o que explica a contínua queda dos preços pecuários, ao mesmo tem-

po em que eram batidos sucessivos recordes de exportações e de consumo interno.

O Gráfico 1 mostra o paradoxo de que no momento em que o Brasil se consolidava como maior exportador de carne bovina, os preços pagos ao produtor foram os mais baixos e os investimentos em defesa animal também. Tendo mais oferta do que conseguiam absorver, os frigoríficos alongaram as escalas de abates e reduziram os preços. Simultaneamente, aumentaram a margem de comercialização de seus produtos. Com preços mais baixos, a demanda – tanto interna quanto externa – cresceu. Por outro lado, esse excesso de ofertas, sustentado pelo abate de matrizes, provocou uma rápida redução do rebanho brasileiro. O Gráfico 2 mostra o desestímulo crescente da atividade e como este veio se acentuando nos últimos anos. Um indicador desta situação pode ser representado pela proporção de abate de fêmeas do rebanho bovino brasileiro. Segundo dados da pesquisa trimestral de abate de animais do IBGE, a taxa de abate de fêmeas no primeiro semestre de 2003 foi de 31,9%, contra 23,9% em 2002 e continuou aumentando no ano de 2004 quando chegou a 34,5%, a mais alta desde 1997, e deverá fechar o ano acima dos 38%, o que representa 15,5 milhões de fêmeas abatidas no ano 2005.

As pesquisas oficiais mostram um rebanho em franco crescimento e apontando uma população bovina acima de 190 milhões de cabeças, tendo como base as vendas de vacina

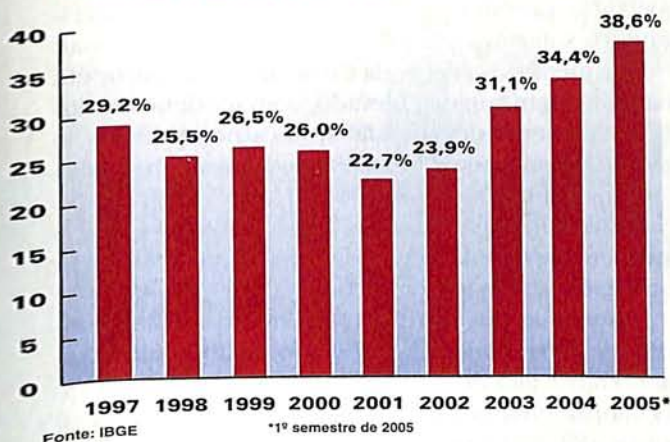
Gráfico 1



Nelson Pineda é Diretor Técnico e Científico da ABCZ
pineda@terra.com.br

Gráfico 2

Abate de vacas no Brasil (%)

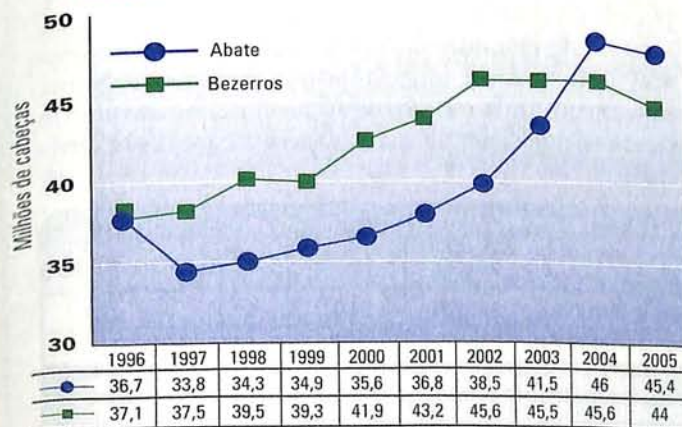


de aftosa. Porém, é difícil acreditar em tal crescimento com um abate de fêmeas nas proporções mencionadas. Se contabilizarmos um desconto de 15% sobre as vendas de vacinas, oriundos de perdas do produto e compras feitas em demasia para aumentar os índices de ocupação, alcançaremos um patamar de 160 milhões de cabeças. Esse é um forte motivo para acreditarmos que, assim que a oferta de fêmeas para abate cair abaixo da capacidade de abate dos frigoríficos, a recuperação dos preços da arroba deverá ser rápida em todo o Brasil.

O Gráfico 3 mostra a evolução do número de bezerros nascidos por ano e o número de cabeças abatidas. Estima-se que fecharemos o ano de 2005 com mais de 45 milhões de cabeças abatidas (Nemi Filho, 2005), o que representa que em 2005 a oferta de bezerros decrescerá em 1,5 milhão de cabeças comparada à de 2003. E em 2006, esta oferta será ainda 3 milhões de cabeças menor, o que inevitavelmente provocará a valorização do bezerro e, conseqüentemente, a redução da oferta de matrizes para abate.

Gráfico 3

Produção anual de bezerros vs. Abate anual



O abate total em 2005 deverá situar-se acima de 45 milhões de cabeças, indicando uma taxa de abate de 28%. O consumo per capita de carne bovina no país vem se mantendo estagnado nos últimos anos, devendo permanecer em cerca de 36,7kg, praticamente o mesmo nível de 2003. O baixo nível de crescimento da economia nos últimos anos tem sido apontado como o principal responsável pela estagnação no consumo de carne bovina, especialmente nas classes menos favorecidas, que apresentam taxa elevada de elasticidade-renda na demanda de consumo de carne bovina. O Quadro 1 mostra a projeção do consumo interno de carne bovina no Brasil, em três cenários de crescimento da economia. Se pensarmos que a economia brasileira cresce num cenário pessimista de 2 a 3% do PIB, teríamos um consumo ao redor de 6.800.000 toneladas (t.e.c.).

Quadro 1

Projeções de consumo de carne bovina no Brasil, seguindo três cenários de crescimento de renda

Consumo anual (mil toneladas equivalente-carcaça)*

Ano	cenário 1: baixo crescimento	cenário 2: médio crescimento	cenário 3: alto crescimento
2003	6.463,70	6.463,70	6.463,70
2004	6.566,82	6.630,68	6.694,55
2005	6.671,58	6.801,98	6.933,65
2006	6.778,01	6.977,70	7.181,28
2007	6.886,14	7.157,96	7.437,76
2008	6.995,99	7.342,88	7.703,40
2009	7.107,60	7.532,58	7.978,53
2010	7.220,99	7.727,18	8.236,48
2011	7.336,18	7.926,80	8.558,61
2012	7.453,22	8.131,58	8.864,28
2013	7.572,12	8.341,65	9.180,87
2014	7.692,92	8.557,15	9.508,77
2015	7.815,64	8.778,22	9.848,37

* cenário 1: crescimento médio do PIB de 2% ao ano; cenário 2: crescimento médio do PIB de 4% ao ano; cenário 3: crescimento médio do PIB de 6% ao ano

Fonte dos dados básicos: Estudo Sobre a Eficiência e Competitividade da Cadeia Agroindustrial da Pecuária de Corte no Brasil/ IEL, CNA e Sebrae - Brasília, DF: IEL, 2000. 398 p.

Obs: resultados ajustados - Departamento Econômico/ CNA

Se o aumento do crescimento da produção de carne bovina se mantiver no mesmo patamar divulgado pela FAO para o ano de 2004 (www.faostat.fao.org), deveremos atingir 8.358.937 toneladas de equivalente para o ano de 2005. Imaginando que o Brasil possa ter uma queda de 30% nas exportações em 2006, exportaremos ainda 1,5 milhão de toneladas, que, somadas a um consumo de 6,8 milhões de toneladas no pior cenário de consumo para o mercado interno, teríamos uma demanda de 8,3 milhões de t.e.c. a serem produzidas em 2006 com um rebanho que teve um abate indiscriminado de fêmeas nos últimos anos. O que é um forte indicativo que pode faltar carne no varejo, com conseqüências

sobre o preço ao consumidor.

O Quadro 2 mostra que o Brasil exportou no primeiro semestre de 2005 mais de 1,7 milhão de t.e.c., o que representou um aumento de 30% em relação ao mesmo período em 2004. Mesmo com o embargo imposto por mais de 50 países, deveremos superar o patamar de 2 milhões de t.e.c. exportadas em 2005. Não há como substituir um player do tamanho do Brasil do dia para noite no mercado mundial.

O consumo mundial de carne bovina deverá aumentar de 1% a 2% no ano de 2005, sustentado essencialmente pela China e deverá continuar aumentando também no Brasil na ordem de 200.000 t.e.c. devido ao aumento populacional, mesmo que o consumo per capita continue caindo 1,3% como em 2004 (www.ofival.fr). Segundo a FAO (www.faostat.fao.org), em 2005 a produção australiana deverá permanecer em cerca de 2 milhões de toneladas, nível praticamente inalterado em relação a 2004. A normalização da situação climática e a recuperação das condições de pastagens são fatores que possibilitam o aumento do rebanho bovino australiano, no entanto, sem possibilidades de substituir integralmente a carne brasileira. O consumo da carne bovina nos Estados Unidos aumentou 2,8% o que representou o aumento de mais de um milhão de toneladas de equivalente de carcaça e um incremento de 2,3 kg per capita. A carne bovina dos Estados Unidos continua enfrentando restrições nos principais mercados mundiais em decorrência da EEB e da lentidão no processo de reabertura dos mercados. O rebanho americano continua em queda pelo décimo ano consecutivo, em decorrência da seca em regiões produtoras e do elevado preço da carne bovina. Desta forma, a produção do país deverá cair 2% em 2005 para 11 milhões de toneladas. Dificilmente poderão ultrapassar as 600.000 t.e.c. projetadas para exportar em 2005. Com a queda da produção e a previsão de crescimento de 4% no consumo interno, estimado em 13 milhões de toneladas, a expectativa é de que as importações de carne bovina nos Estados Unidos aumentem 12%, alcançando 1,6 milhão de toneladas em 2005, o que mantém o país como o maior importador mundial do produto. Ocorre que o volume de carne bovina que está deixando de ser exportado pelos Estados Unidos está sendo canalizado para

suprir a necessidade de abastecimento do mercado interno provocada pelo aumento de demanda e pela queda na produção, o que impossibilita os americanos de substituir o Brasil no mercado internacional.

Igualmente, os preços da carne na União Européia mantêm-se em patamar elevado, com tendências nítidas de aumento devido à falta de carne brasileira, o que deverá incentivar o consumo da carne européia dentro da própria comunidade. Além disso, ainda não houve recuperação das exportações do bloco europeu após a última grande crise da encefalopatia espongiforme bovina, em 2001.

A Argentina, que teve um crescimento fantástico de 61% em 2004, poderá fechar o ano de 2005 ultrapassando a barreira de 3 milhões de t.e.c. produzidas e abocanhar uma boa fatia no mercado internacional que impôs restrições à carne brasileira. Uruguai e Nova Zelândia também poderão ganhar fatias substanciais em relação a seus volumes, mas sem substituir plenamente a demanda crescente do mercado mundial.

Este cenário favorece a retomada das exportações da carne bovina brasileira e a abertura de novas regiões a serem habilitadas para exportação para a Comunidade Européia favorecendo as regiões produtoras do Norte do País.

Para que este cenário de oportunidades se consolide, são fundamentais a implantação do Sisbov, a estruturação e a manutenção dos serviços de defesa sanitária, essenciais à sanidade agropecuária e à segurança alimentar dos consumidores. É vital que os governos federal e estaduais, com o apoio da iniciativa privada, enviem delegações multidisciplinares para recuperar a imagem da carne brasileira em nível internacional e atuem no sentido de delinear estratégias para fortalecer as ações no campo sanitário, implantando e apoiando programas sanitários nos países limítrofes, face ao permanente risco a que está submetido o rebanho bovino brasileiro devido à presença do vírus da febre aftosa em países vizinhos.

Dessa forma, é possível pensar que em 2006 a pecuária brasileira possa conviver em um ambiente totalmente diferente do vivido nos últimos anos, ou seja, mais rentável, mais otimista e mais confiante no futuro com uma remuneração justa para o produtor de carne que é, em última instância, a base dessa atividade.

CARNES	Janeiro a Setembro/ 05			Janeiro a Setembro/ 04			Variação (%) 05/04		
	valor (US\$ mil)	quant. (t.)	p. médio (US\$/t)	valor (US\$ mil)	quant. (t.)	p. médio (US\$/t)	valor	quant.	p. médio
Bovina "in natura"	1.932.383	876.733	2.204,08	1.442.068	669.790	2.153,02	34,00	30,90	2,37
Bovina industrializada	429.488	207.913	2.065,71	355.661	162.327	2.191,02	20,76	28,08	-5,72
TOTAL GERAL	2.361.877	1.084.646	—	1.797.729	832.117	—	31,38	30,35	—
EQUIV. CARCAÇA	2.361.877	1.730.676	—	1.797.729	1.330.195	—	31,38	30,11	—

Fonte: Sistema Alice SECEX/ MDIC

Elaboração: SPC/ MAPA, DECON/CNA

FELIZ 2006



Mais um ano de resultados crescentes. A Associação do Brahman parabeniza a todos os associados pelos números alcançados em 2005.

Feliz Natal e o Ano Novo acima da média. Boas festas!



Associação dos Criadores de Brahman do Brasil

Tel.: (34) 3336-7326



foto: L. Adolfo

Autoridades criticam falta de verba para defesa sanitária

Em meio à descoberta de focos de febre aftosa em algumas propriedades do Mato Grosso do Sul, aconteceu em Uberaba o 6º Congresso Brasileiro das Raças Zebuínas. O tema "Pecuária sem barreiras" veio a calhar em tempos de dificuldades para o agronegócio brasileiro, que, mesmo sendo o principal item da balança comercial do País, não deixa de ser alvo da falta de verba por parte do governo federal. O evento, realizado no Centro de Eventos Rômulo Kardec de Camargos, contou com a presença de mais de 400 pessoas e

dezenas de autoridades. Os discursos da noite de abertura do encontro tiveram como tônica principal o problema da febre aftosa. "Os investimentos em tecnologia levaram a pecuária brasileira a atingir desempenho fantástico. A cadeia produtiva é responsável por 42% das exportações e mais um

terço dos empregos do País. Lamentavelmente, vimos surgir focos de aftosa em regiões que estavam livres desse mal. Este acontecimento pode nos propiciar uma importante lição, mostrando ao governo que deixando de investir alguns milhões em sanidade

"Os investimentos em tecnologia levaram a pecuária brasileira a atingir desempenho fantástico. A cadeia produtiva é responsável por 42% das exportações e mais um terço dos empregos do País"

podemos perder bilhões em exportações e empregos”, destacou o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, Orestes Prata Tibery Júnior, durante seu discurso.

O diretor-geral do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), Altino Rodrigues Neto, reclamou da falta de verba por parte do governo federal para executar os trabalhos de defesa sanitária nos estados. “O governo estadual não pode arcar sozinho com o controle de doenças animais e vegetais”, protestou o diretor-geral do IMA, que representou o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, no evento. Já o diretor Técnico da ABCZ, Nelson Pineda, destacou a imagem negativa que a carne brasileira está tendo lá fora. “Recentemente, jornais britânicos mostraram campanhas difamatórias contra a carne brasileira. Os olhos do mundo voltam-se para o Brasil por causa da febre aftosa, resultado de nossa falta de visão e de capacitação para compreender que a contaminação não pára nas fronteiras geográficas, e, sim, em barreiras epidemiológicas”, alertou Pineda.

O diretor de Fiscalização de Insumos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Cléber Villela, que representava o ministro da Pasta, Roberto Rodrigues, preferiu focar em seu discurso o desempenho do agronegócio nos últimos tempos. “O Brasil tem potencial para superar os números já alcançados pelo setor”, resumiu

Villela, sem dar resposta aos questionamentos feitos nos discursos anteriores.

O público classificou o nível das palestras como muito bom. “Estou muito satisfeita em ter saído de Mato Grosso e vindo a Minas Gerais para participar deste Congresso. De fato, observei que todos aqui estavam muito engajados em nos proporcionar um

bom curso, sem falhas. Só tenho a agradecer. Além das excelentes palestras e mini-cursos, pude também estar em contato com os profissionais, que se mostraram muito atenciosos, aconselhando e possibilitando até um futuro estágio em algumas das áreas abordadas”, destacou Patrícia de Melo Beber, do primeiro ano de zootecnia da Universidade Federal do Mato Grosso,

“Lamentavelmente, vimos surgir focos de aftosa em regiões que estavam livres desse mal. Este acontecimento pode nos propiciar uma importante lição, mostrando ao governo que deixando de investir alguns milhões em sanidade podemos perder bilhões em exportações e empregos”

campus Rondonópolis.

O pecuarista Agildo de Medeiros Bastos, criador de tabapuã, com mais de 35 anos de experiência, ficou impressionado com as abordagens das palestras. “Pude conferir algumas dúvidas. Costumo participar de cursos, palestras e estar sempre reciclando meus conhecimentos. É importante que o pecuarista compare sua experiência com os dados demonstrados por meio das pesquisas. Tem muita coisa que melhora até mesmo o rendimento na propriedade. Gostei muito das palestras sobre ambiência. Acho que é muito interessante pensar em conforto animal e em como ele pode beneficiar a produtividade”, ressaltou.

Na pág. anterior:
Orestes Prata Tibery Júnior, que discursou na abertura do congresso; abaixo, mesa de debates com autoridades do setor pecuário





Palestrantes demonstram os avanços da **Biotechnologia**

Acima: público presente ao Centro de Eventos

O painel dedicado à Biotecnologia iniciou as atividades do 6º Congresso Brasileiro das Raças Zebuínas, realizado pela ABCZ entre os dias 06 e 09 de novembro, no Centro de Eventos "Rômulo Kardec de Camargos", em Uberaba. Centenas de criadores, estudantes e profissionais da área das Ciências Agrárias puderam conferir as novas tecnologias aplicadas à pecuária que podem contribuir para o aumento na qualidade e produtividade do rebanho zebuínio.

A primeira palestra do painel, ministrada pelo pesquisador da Unesp Ciro Moraes Barros, abordou o tema "IA, TE, FIV e seu impacto no melhoramento animal". Durante a palestra, o pesquisador afirmou que a detecção do cio continua sendo um fator limitante para a utilização das técnicas de melhoramento genético. Porém, na última década, a melhor compreensão da fisiologia do crescimento folicular ovariano permitiu o desenvolvimento de tratamentos hormonais capazes de controlar o

momento da ovulação, proporcionando a utilização da IATF (Inseminação Artificial com Tempo Fixo).

De acordo com Barros, com a utilização dos protocolos hormonais é possível dispensar a observação de cio, sendo esta uma boa alternativa aos tratamentos convencionais. "As biotécnicas têm que ser utilizadas adequadamente para serem eficazes e realmente auxiliarem naquilo a que se propõem, por esse motivo é importante verificar a sincronização do cio, a superestimulação de doadoras, a diferença entre zebuínos e taurinos e a relação custo/benefício", ressaltou o pesquisador.

"Clonagem: perspectivas e suas consequências" foi o tema da segunda palestra do dia, ministrada pelo pesquisador da USP, José Antônio Visintin. O palestrante iniciou sua fala declarando que a clonagem não é um "bicho de sete cabeças" como muitos acreditam. "A clonagem é uma biotécnica nova que precisa ser adequada à realidade brasileira. Essa técnica precisa ser normatizada e é

importante que a ABCZ tenha trazido para si essa responsabilidade, já que a clonagem está chegando ao rebanho comercial", informou.

Com a intenção de produzir indivíduos geneticamente idênticos em larga escala, as aplicações da clonagem pretendem alcançar a multiplicação de cópias com características genéticas desejáveis, a preservação de raças ameaçadas de extinção e a produção de animais transgênicos. Durante a palestra, o pesquisador apresentou a pesquisa "Clonagem em bovinos com fibroblastos fetal e adulto" e lembrou que no Brasil as pesquisas já conseguiram desenvolver clones bovinos a partir de células embrionárias, fetais e adultas. A mais recente experiência, realizada este ano em Pirassununga (SP), produziu vários animais da raça nelore em escala comercial.

A palestra seguinte, ministrada pelo pesquisador da Unesp de Araçatuba, José Fernando Garcia, abordou o assunto: "Uso de marcadores moleculares na seleção". Garcia revelou ser de crucial importância o desenvolvimento da utilização desses marcadores de DNA em animais zebuínos, posto que a maior parte do trabalho vem sendo desenvolvida até o

momento em animais de raças taurinas.

De acordo com Garcia, uma das vantagens do uso de marcadores moleculares em programas de seleção é a de apresentar o potencial de complementar a seleção básica. "As principais vantagens na sua utilização estão relacionadas à precocidade de avaliação dos animais, uma vez que emprega amostra de DNA, permitindo análises desde momentos imediatamente após o nascimento, ou até mesmo durante a fase embrionária pré-implantação, podendo ser inclusive incorporada em programas de produção in vitro e transferência de embriões, agilizando e otimizando os sistemas de seleção genética/produção animal", afirma.

As perspectivas futuras para esse tipo de tecnologia terão como aplicações potenciais a certificação da origem genética, genotipagem para registro genealógico, controle de programas de melhoramento, testes para SNPs específicos e a certificação da cadeia da carne. Logo após o encerramento das apresentações, o pesquisador da USP, Pietro Baruselli, finalizou o painel com a análise crítica dos temas abordados.

"A clonagem é uma biotécnica nova que precisa ser adequada à realidade brasileira. Essa técnica precisa ser normatizada e é importante que a ABCZ tenha trazido para si essa responsabilidade, já que a clonagem está chegando ao rebanho comercial"

Abaixo: grupo de especialistas que discutiu biotecnologia



Ambiência Marketing positivo para o agronegócio no mercado internacional

Como produzir carne e leite a partir de sistemas ambientalmente corretos para garantir novos mercados? Essa questão foi a tônica do Painel Ambiência, que enfocou arborização de pastagens, comportamento social e reprodução, e bem-estar na fazenda. O plantio de árvores nas pastagens pode funcionar como um ganho extra de renda, além de melhorar a produtividade animal. A madeira pode ser utilizada para abastecer a indústria local. O setor de base florestal contribui com mais de US\$ 4,1 bilhões das exportações e gera uma arrecadação anual de R\$ 3 bilhões em impostos.

Acima: Porfírio, da Embrapa Florestas; abaixo, Eliane Vianna, da UFMS; em seguida, o pesquisador Marcelo Rosa

Vacas leiteiras com acesso à sombra produzem 20% a mais de leite com maior teor de sólidos não-gordurosos. O sombreamento também ajuda na fertilidade, no desenvolvimento dos animais recém-nascidos, aumenta a produtividade das forragens e a quantidade de matéria orgânica, fósforo e cálcio no solo. "É urgente a necessidade de se estabelecer sistemas de produção em bases sustentáveis que coloquem a pecuária brasileira como socialmente benéfica, economicamente viável e ambientalmente adequada. Nesse sentido, a arborização de pastagens, ao associar o componente arbóreo às atividades de produção animal, adquirem uma importância sem precedentes", informou o pesquisador da Embrapa Florestas, Vanderley Porfírio da Silva, que ministrou a palestra "Arborização de pastagens como prática de manejo ambiental e estratégica para o desenvolvimento sustentável do Brasil pecuário".

Os outros dois assuntos do painel Ambiência também destacaram a importância de uma produção focada no bem-estar animal para se chegar a bons resultados. Segundo a pesquisadora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Eliane Vianna da Costa e Silva, o comportamento social



fotos: L. Adolfo

dos bovinos deve ser levado em conta no manejo reprodutivo. "O criador precisa compreender que os animais interagem socialmente. Em um rebanho, sempre existirá um dominador, que certamente irá cobrir a maior parte das fêmeas", disse a palestrante. Alguns comportamentos verificados na hora do acasalamento são: os machos não fazem a monta natural em horários muito quentes; as fêmeas aumentam a movimentação no piquete quando estão no cio.

Com o tema "O reflexo da interação amigável entre humanos e bovinos no bem-estar na fazenda", o pesquisador da Escola

Agrotécnica Federal de Muzambinho (MG), Marcelo Simão da Rosa, fechou o segundo dia do 6º Congresso Brasileira das Raças Zebuínas. "Vários estudos realizados na última década têm mostrado a importância da qualidade nessa interação. Dependendo de como se dá essa interação, há reflexos no comportamento, fisiologia, produtividade animal e, conseqüentemente, no bem-estar dos bovinos e dos tratadores, ou seja, dela pode depender a definição do bem-estar na fazenda", destacou.

De acordo com Marcelo, as oportunidades para interação no manejo de bovinos são muitas e podem ser observadas durante a ordenha, alimentação, parto, cuidados sanitários, inseminação artificial, embarque e desembarque, dentre outras práticas zootécnicas. Os bovinos também apresentam alguns períodos sensíveis, nos quais as interações vivenciadas são mais fáceis de serem memorizadas, como o parto e os primeiros dias de vida do bezerro. Bezerros que receberam leite através de interação positiva apresentaram menor distância de fuga e maior facilidade para serem manejados durante o seu desenvolvimento.



GADO RASTREADO, REBANHO VALORIZADO.



Tronco (Brete de Contenção)
com balança eletrônica



Balança
Eletrônica KT-40

O mundo dos negócios é assim: ganha quem chega na frente. Na pecuária não é diferente e chegar primeiro nesse mercado é ter controle absoluto do seu rebanho. O gado rastreado e com sanidade comprovada é o mais valorizado e, em breve, o único que terá valor de mercado. O criador que quer continuar lucrando deve manter seu rebanho rastreado.



Com a Balança-Tronco Eletrônica Coimma você tem manuseio fácil e prático na hora de armazenar as informações do seu rebanho. Chegue primeiro. Ligue 0800 112555 e entre para a pecuária moderna e ainda mais lucrativa.

SAC Serviço de Atendimento ao Consumidor
0800 11 2555 / (18) 3821-9900

Com. João Ribeiro de Barros, Km 646 - CxP. 1031 - CEP 17900-000 - Dracena/SP
www.coimma.com.br - coimma@coimma.com.br



Qualidade que pesa exato!



fotos: L. Adolfo

O preço da carne bovina

Brasil terá de aumentar investimentos em qualidade para reconquistar mercado

Acima: mesa que debateu o comércio de carne bovina; ao lado, Nehmi, da FNP Consultoria



A redução da oferta de animais para abate no mercado interno, em decorrência dos focos de febre aftosa, vai refletir no preço da carne a um prazo de pelo menos dois anos. A previsão foi feita pelo consultor da FNP Consultoria, Victor Abu Nehmi. De acordo com o especialista, haverá ainda elevação dos custos de produção. Em 2004 e 2005, os gastos cresceram 25% enquanto o preço do boi caiu 20%. "As tendências futuras do mercado serão: a procura por vacas maiores, intensificação de pastagens adubadas e confinamento com 100% de concentrados, migração da pecuária para as regiões Norte e Nordeste", destacou Nehmi. Ele abriu o painel Mercado com a palestra "Situação atual e perspectivas do mercado de gado de corte".

Já no caso do mercado de lácteos, existe uma

série de fatores que podem alavancar o crescimento do segmento. Dos seis países maiores produtores de leite, somente o Brasil e a Índia mantiveram crescimento de produção na última década. A produção brasileira foi de 7,2 bilhões de litros de leite em 1972. Em 2005, deverá estar próximo de 25 bilhões de litros. “Temos custo de produção competitivo, em torno de 10 a 25 centavos de dólar. Já nos Estados Unidos e na Holanda, o litro custa de 26 a 35 centavos de dólar. A possibilidade de aumentar o consumo per capita brasileiro também pode ajudar”, explicou o chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo do Carmo Martins. Segundo ele, 10% dos gastos do brasileiro com alimento referem-se a compra de leite e derivados. Durante a palestra “Cenários econômicos e perspectivas para o mercado de leite”, Martins afirmou que os principais desafios são: suprir a carência de mão-de-obra especializada tanto em fazendas quanto em laticínios; assistência técnica; e mais recursos para pesquisa.

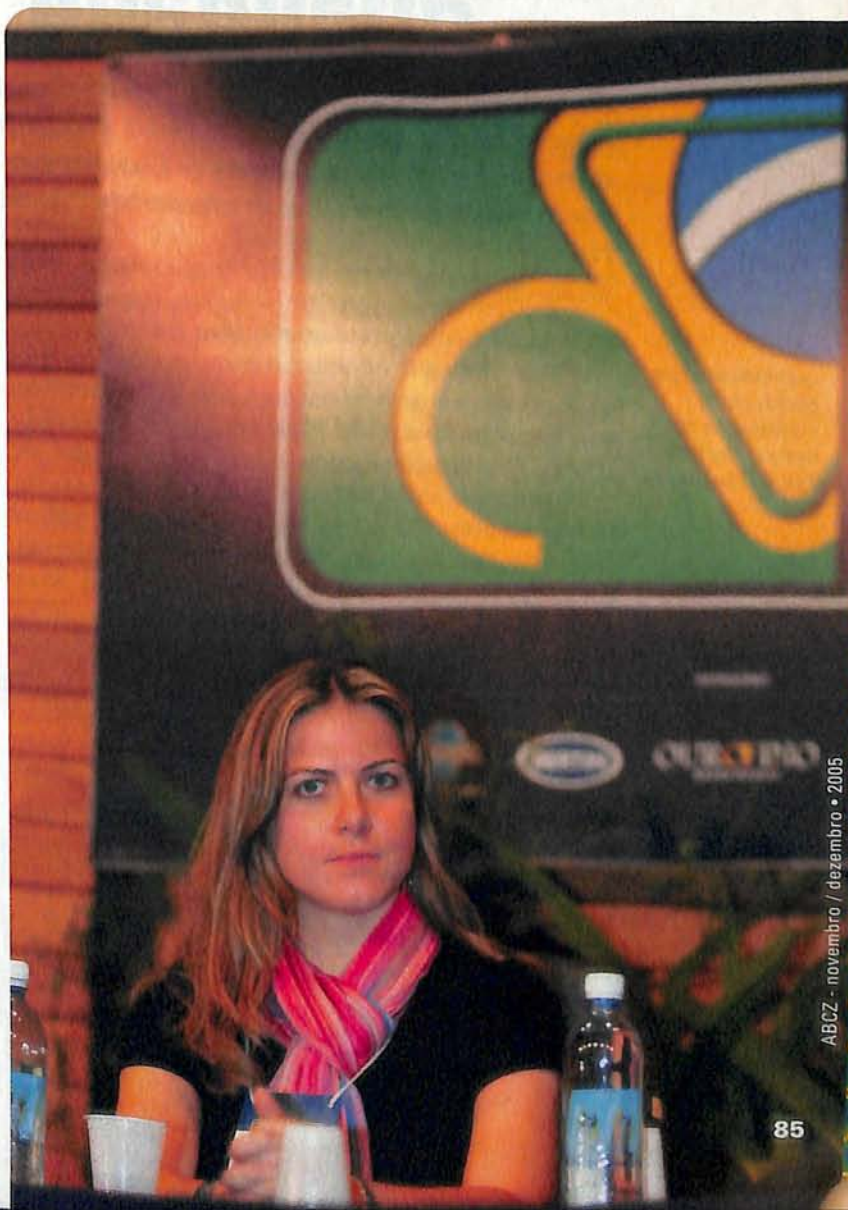
O painel Mercado foi encerrado com a palestra “Oportunidades internacionais para a carne bovina”, ministrada pela especialista Márcia Dutra de Barcellos, que passou os últimos sete meses na Holanda finalizando parte dos seus estudos de doutorado. Segundo ela, as notícias que circulam nos veículos de comunicação da Europa trazem informações negativas e inverídicas sobre a carne brasileira. Em um dos casos, é dado como certo focos de aftosa no Paraná, São Paulo, apesar dos órgãos de Defesa Sanitária do Brasil terem descartado a existência de focos nesses Estados. “Para que possa haver a reversão da imagem

“As tendências futuras do mercado serão: a procura por vacas maiores, intensificação de pastagens adubadas e confinamento com 100% de concentrados, migração da pecuária para as regiões Norte e Nordeste”

‘Brasil igual a carne bovina barata e de baixa qualidade’ será preciso uma mobilização nacional. Identificar as diferenças entre os mercados consumidores, conseguindo atender suas demandas, garante maiores resultados. Saber, por exemplo, que apesar de ambos serem

européus, consumidores de carne bovina holandeses são bastante diferentes dos consumidores escoceses, pode trazer vantagens significativas para fornecedores internacionais. Peculiaridades regionais e nacionais fazem com que franceses e espanhóis valorizem produtos que possuem “Denominação de Origem Controlada”, explicou a palestrante.

Abaixo:
a especialista
Márcia Dutra de
Barcellos



“Notícias que circulam nos veículos de comunicação da Europa trazem informações negativas e inverídicas sobre a carne brasileira. Em um dos casos, é dado como certo focos de aftosa no Paraná, São Paulo, apesar dos órgãos de Defesa Sanitária do Brasil terem descartado a existência de focos nesses Estados”



Consumidor exige qualidade certificada

A certificação ainda acende discussões onde quer que seja abordada. Mas o modelo brasileiro começa a se fortalecer, com o entendimento entre Governo e produtores de que ela agrega valor ao produto e deve ser adequada à realidade da produção nacional

Renata Thomazini

Acima: especialistas que abordaram a certificação de bovinos; ao lado, Kátia Nogueira, da SGS

Cada vez mais preocupado com a sanidade dos produtos que adquire, o consumidor dita com austeridade os rumos do mercado. O assunto foi amplamente discutido durante as palestras do painel Certificação, que fechou o encontro de pecuaristas, pesquisadores e estudantes no 6º Congresso Brasileiro das Raças Zebuínas. O painel foi coordenado pelo presidente do Serviço de Informação da Carne, Carlos Viacava.

Nunca a informação foi tão importante para se garantir a permanência de produtos no mercado, como nos últimos dez anos. Abordando esse assunto, Kátia Leal Nogueira, gerente de desenvolvimento de Novos Negócios da SGS, abriu o painel e enfocou o quanto a mídia pode influenciar a opinião do consumidor sobre o que ele compra. "A União Européia é o maior mercado consumidor da carne bovina brasileira, tanto em termos de volume, quanto

em valores. Podemos resumir esse mercado como maduro, estável e altamente protegido", destacou o palestrante, ao mencionar que o aparecimento do popularmente conhecido "mal da vaca louca" na Europa acendeu um estopim de alerta que foi destaque em vários meios de comunicação e contribuiu para lançar sobre a pecuária os holofotes da insegurança.

"O consumidor passou a se sentir inseguro até mesmo em relação às leis de seu próprio país. Elas passaram a ser vistas como frágeis, com a divulgação de notícias sobre uma porcentagem de carne importada que poderia conter resíduo de antibióticos", disse. Kátia esclareceu que os produtos orgânicos passaram a ser mais consumidos e que na Suíça, por exemplo, o governo resolveu fazer uma exigência de certificação às avessas. Para ter acesso àquele mercado, a carne teria que conter certificação ou



um selo que descrevesse que haveria ou não a possibilidade de resíduos.

Marketing e credibilidade

O Brasil precisa estabelecer critérios de certificação que garantam a qualidade e a procedência da carne que exporta. A criação do Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina (Sisbov), mesmo que sem o padrão necessário para dar tranquilidade e atender às necessidades da cadeia produtiva – ao mesmo tempo em que alcançasse os resultados esperados – foi muito importante para que o País mantivesse sua credibilidade diante do mercado internacional. “O consumidor precisa ter confiança naquilo que está adquirindo. O mercado sempre ditou as regras de nossas exportações. Basta revermos as exigências sobre a estrutura das plantas de frigoríficos e as imposições sobre as condições de fornecimento da carne brasileira, com as visitas periódicas das comissões de nossos clientes. Agora, a exigência vai além do frigorífico”, ressaltou Naor Maia Luna, coordenador de Sistemas de Rastreabilidade do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Naor explicou a importância da participação de toda a cadeia produtiva no processo de certificação. Segundo o palestrante, o Mapa reconhece que o prazo para a implantação do Sisbov foi pequeno, mas o benefício da certificação não pode ser encarado como sendo apenas do consumidor. “É preciso que se entenda que um alimento certificado agrega valor”, afirmou.

Sobre esse aspecto, Nelson Pineda, diretor da ABCZ, fez uma análise crítica de todo o painel e disse que o Brasil não pode dar um “jeitinho” quando o assunto é mercado. “Não se pode empurrar um produto para o consumidor. Ele é exigente e merece ser tratado com seriedade”, disse. Pineda ainda falou sobre a estrutura ideal para a certificação da carne brasileira e sobre a necessidade de interagir o ambiente organizacional para que as informações sejam comuns desde a propriedade pecuária até o consumidor. “Temos que ter um grupo, que pode ser



gerenciado pela própria cadeia produtiva, que zele pela eficiência desse processo para dar tranquilidade ao consumidor sobre a qualidade de nosso produto e, ao mesmo tempo, avaliar se todo o processo está sendo cumprido com eficiência”, destacou. Ao ser perguntado sobre a influência que tiveram os produtores quanto a um possível retrocesso do Sisbov, Pineda foi enfático. “O produtor não tinha condições

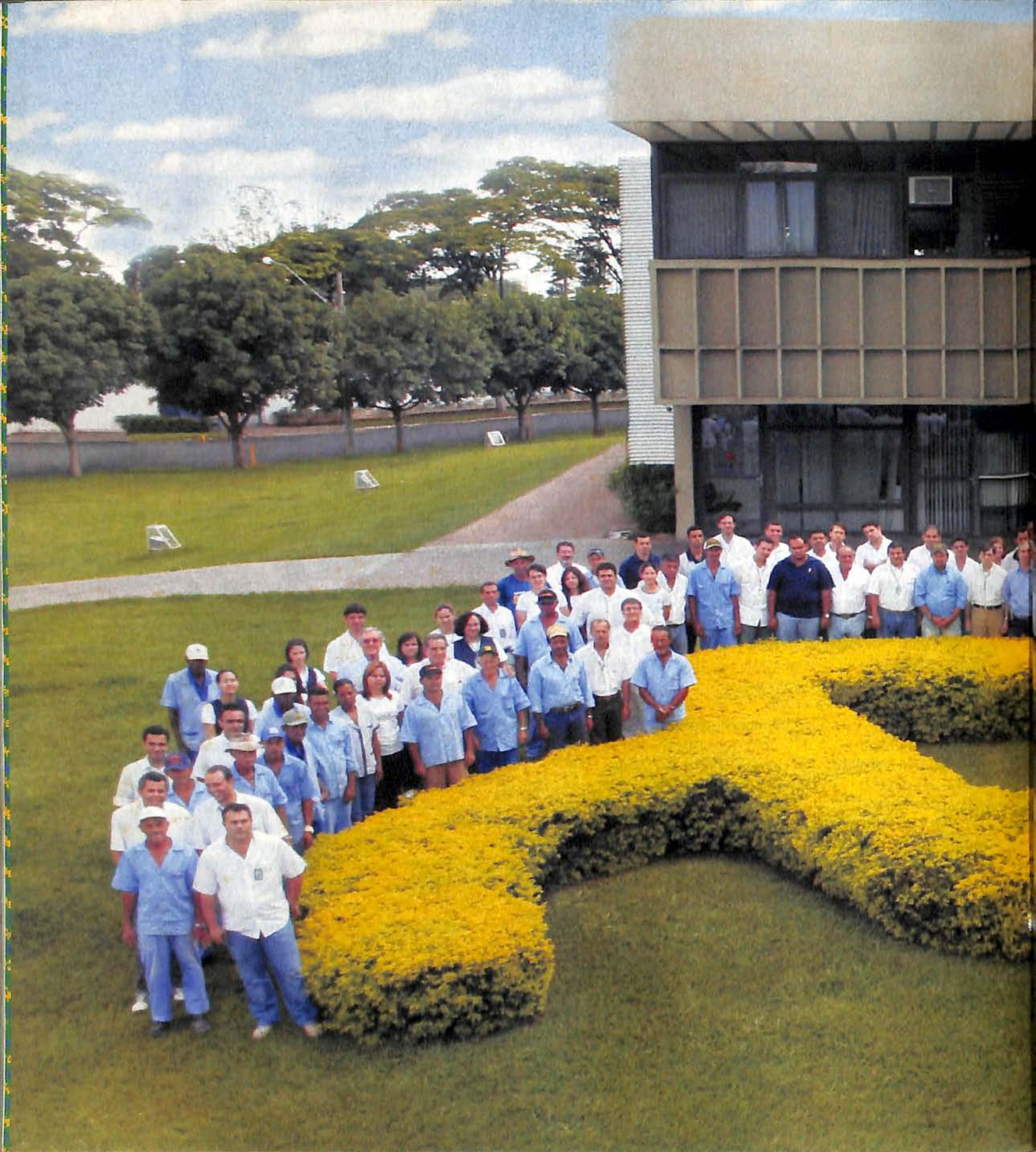
de cumprir as exigências como estavam no papel. Por isso utilizou-se de seu direito legal e democrático de protestar. É preciso dar condição ao produtor para que ele possa cumprir as exigências do mercado. Não é interesse de ninguém engrossar perdas econômicas, mas é preciso um processo que sensibilize toda a cadeia produtiva para que a certificação funcione e não penalize ainda mais o produtor”, finalizou.

Javier Martinez Del Valle, da Associação de Produtores Exportadores Argentinos (Apea), lembrou que é preciso partir do princípio de que quem dita o compasso do mercado é o consumidor e, na maioria das vezes, ele age com alarme quando acha que existe um perigo de contaminação alimentar que nem sempre condiz com a realidade. Isso demonstra o quanto é importante a união da cadeia produtiva. “As mortes por infecção parasitária são muito maiores do que as ocasionadas em decorrência da BSE (Encefalopatia Espongiforme Bovina). Mas o alarde é maior quando as doenças são provenientes de infecções como ‘o mal da vaca louca’ e, por isso, a pressão da comunidade junto ao governo faz com que o comportamento político seja o de sancionar leis que coíbam a entrada de produtos de risco para esses males em particular”, explicou. O palestrante ainda abordou as tendências do Mercosul em relação aos mercados consumidores de carne bovina e ressaltou que mesmo que a Argentina e o Brasil não possuam riscos de contaminação por doenças como a BSE, precisam adequar

o processo de produção para que o mercado seja prontamente atendido também em relação à confiabilidade dos produtos a serem exportados.



Acima:
Naor Luna, do
Mapa; ao lado;
o argentino Javier
Martinez, da Apea



A família ABCZ deseja a todos um Feliz Natal e um Ano Novo de muitas realizações.





fotos: L. Adolfo

Capacitando líderes

Uma semana dedicada a atualização de conhecimentos garantiu o encontro e a troca de informações de técnicos e funcionários dos 23 Escritórios Técnicos Regionais da ABCZ

Laura Pimenta

Quais lições um monge e um executivo poderiam acrescentar à rotina de um grupo de especialistas em zebu? As respostas a essa pergunta foram a tônica da palestra do Diretor Técnico e Científico da ABCZ, Nelson Pineda, que se baseou no livro “O monge e o executivo”, do escritor americano James C. Hunter, para comandar a abertura do Curso de Atualização Técnica da entidade, realizado entre os dias 10 e 17 de novembro, no Parque Fernando Costa, em Uberaba.

A história de um empresário bem-sucedido que abandona sua brilhante carreira para se tornar um monge e assim aprender alguns princípios fundamentais utilizados pelos verdadeiros líderes, serviu de motivação para aproximadamente 60 técnicos e funcionários dos ETRs da ABCZ, que se reuniram durante uma semana para atualizarem seus conhecimentos técnicos e administrativos sobre a associação. “A soma de fatores como comunicação, atitude, preparação contínua, metas, dedicação e ambição é o que leva as pessoas ao sucesso”, ressaltou Pineda.



Não só o trabalho em equipe, a liderança e a ética nas relações mereceram destaque entre os assuntos abordados durante o curso. A Gestão da Qualidade aplicada aos escritórios também foi um importante tema apresentado pela assessora da ABCZ, Raquel Dal Secco Borges de Rey-Sanchez. Na oportunidade, foram explicadas as ferramentas da política de qualidade adotada pela associação e apresentados os resultados da pesquisa de satisfação realizada recentemente com os associados. Os funcionários dos ETRs da ABCZ também apresentaram durante um workshop alguns planejamentos que contribuirão para a melhora na qualidade do atendimento de cada escritório.

Os funcionários tiveram a oportunidade de reciclar os conhecimentos sobre os programas oferecidos pela entidade aos associados, como é o caso do Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ), e de adquirir novas informações sobre as estratégias de marketing, novas tecnologias da informática, conceitos de escrituração zootécnica e ADT/ADT on-line. "Só o fato da ABCZ possibilitar um encontro entre os técnicos e funcionários de todos os ETRs já é fantástico, pois esse contato, essa troca de informações, é bastante enriquecedora. Além disso, a atualização administrativa é sempre muito importante, pois a ABCZ tem tido um crescimento muito rápido, principalmente na área de informática. Precisamos estar bem informados", afirmou Lauro Fraga, responsável Técnico pelo ETR de Vitória/ES.

O curso serviu ainda para reavaliar as mudanças implementadas no Serviço de Registro Genealógico, aprovadas recentemente pelo Conselho Técnico e homologadas pelo Ministério da Agricultura,

Pecuária e Abastecimento. "Neste curso, o SigenNet mereceu atenção especial. Para demonstrar aos nossos colaboradores o quanto é simples utilizar o sistema, as aulas práticas foram apresentadas pelo técnico Daniel Frange e pelo gerente do departamento de Genealogia da ABCZ, Bruno Rocha de Lucca, que utilizam o Sigen desde o início do projeto", afirmou o Superintendente Técnico Adjunto de Genealogia da entidade, Carlos Humberto Lucas.

Na oportunidade, foram entregues mais 29 kits do SigenNet, composto de uma maleta, notebook, adaptador de energia para carro e extensão de 30m. Com isso, todos os técnicos e controladores da ABCZ agora já estão interligados ao sistema, agilizando o trabalho diário dos ETRs, no repasse das informações à sede.

SigenNet

O sistema "SigenNet", lançado em maio de 2004, permite a informatização dos trabalhos dos técnicos da ABCZ no campo. O projeto agiliza os serviços prestados pela associação, como, por exemplo, o registro de bovinos. Os técnicos da ABCZ, mais de 120 profissionais, saem a campo equipados com notebook para atender os criadores. Com o microcomputador portátil em mãos, eles têm acesso ao Sigen (Sistema de Genealogia) da entidade que contém informações de todos os zebuínos registrados pela ABCZ. Através do Sigen o técnico é informado sobre os serviços que precisa prestar na fazenda. Ele recebe ainda todas as informações dos animais. É possível acessar, por exemplo, as planilhas de controle do Registro Genealógico de Nascimento (RGN) e Registro Genealógico Definitivo (RGD).

Na pág. anterior
(no alto e abaixo):
Técnicos que
participaram
do curso de
atualização;
abaixo,
o superintendente
da ABCZ,
Carlos Lucas
e sua equipe



Aftosa

é apenas um aperitivo

Mesmo que realize a improvável façanha de se imunizar contra todas as suspeitas de corrupção que lhe pesam, o governo Lula já está fadado a terminar como um dos mais improvisados e amadores da história brasileira.

Nos últimos 34 meses – período em que está no cargo – o presidente impôs o seguinte paradigma: sua administração trabalha pouco ou quase nada; e quando trabalha, trabalha mal. O reaparecimento de casos de aftosa no País é apenas uma consequência nefasta desse paradigma.

É preciso dar crédito à sinceridade de Lula, quando ele afirma ser “hilariante” uma virtual proposta de impeachment. O presidente é especialista em situações risíveis. No entanto, nenhum analista político esperava assistir às cenas protagonizadas por alguns de seus assessores, na primeira semana de novembro. Lula incumbiu a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) e o titular da Pasta do Planejamento, Paulo Bernardo, de fazer uma espécie de sabatina com outros ministros para cobrar a execução de seus respectivos orçamentos. Em outras palavras, ele quer saber por que seus auxiliares não trabalharam.

Isso, faltando dois meses para o fim do ano, o terceiro em que a atual equipe está tendo a chance de mostrar seus incríveis dotes administrativos. Segundo a Folha de S. Paulo, o estilo sargento de Dilma impressionou os ministros nessas reuniões. A um deles, a substituta de José Dirceu teria

dito: “Menino, por que esse projeto não andou?”. O motivo desse “esforço concentrado” é o fato de que a máquina administrativa do governo Lula está praticamente parada. O superávit primário dos nove primeiros meses do ano foi de R\$ 86,502 bilhões. Equivale a 6,1% do Produto Interno Bruto (PIB) e está quase 50% acima da dura meta estabelecida pelo Ministério da Fazenda (4,25%).

Traduzindo novamente: ao longo do ano, mesmo pedindo benção a Antonio Palocci, o governo deixou de lado no mínimo R\$ 22 bilhões, que poderiam ser investidos em ações prioritárias. Quem entende um pouco de administração pública sabe que é impossível ao governo, nesta altura do campeonato, acelerar seus gastos até atingir a meta inicial de superávit primário. Ainda mais porque as sabatinas de Dilma e Bernardo têm encontrado “problemas de gestão em larga escala”, de acordo com o que já vazou das reuniões feitas no Palácio do Planalto.

“Problemas de gestão” é um eufemismo para incompetência, grande marca do governo Lula. Prova disso é o alentado “sucesso da política econômica”. O grande mérito de Palocci, dizem seus defensores, seria justamente a formação de elevados superávits primários para o pagamento dos juros da dívida pública, melhorando a relação do passivo quanto ao PIB. Como o governo federal não enxugou seu custo operacional – aumentou, aliás – essa

“Quem entende um pouco de administração pública sabe que é impossível ao governo, nesta altura do campeonato, acelerar seus gastos até atingir a meta inicial de superávit primário”

foto: divulgação



Leonardo Vilela é médico, deputado federal licenciado e secretário de Infra-Estrutura de Goiás

economia de guerra é obtida à custa de uma carga tributária indecente, além da paralisação de investimentos fundamentais para o desenvolvimento do País.

Mas isso não é o pior. A grande ironia (mais um fato hilariante, presidente) é que enquanto a Fazenda põe um pé na garganta dos contribuintes e outro no freio dos investimentos, o Banco Central trata de aumentar a dívida pública.

Graças à taxa básica de juros estratosférica, fator determinante do custo da dívida pública interna, a despesa com juros no setor público chegou a 8,5% do PIB entre janeiro e setembro. Com isso, o déficit público global, inclusive os juros, em relação ao PIB cresceu quase 25% se comparado ao mesmo período do ano passado.

A Fazenda entra com o pano e o BC entra com o gelo. Ou seja, o País aperta o cinto para pagar a dívida, mas ela não pára de aumentar. Enquanto isso, áreas estratégicas para o desenvolvimento nacional permanecem inertes. No caso da aftosa, por exemplo, gira em torno de R\$ 100 milhões o montante que deixou de ser aplicado na defesa sanitária dos rebanhos. Em comparação, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) informa que o prejuízo de seis meses de embargo à carne deve chegar a R\$ 1,7 bilhão.

Como um dos responsáveis diretos pela erradicação da febre aftosa em Goiás, assistimos com pesar à desestruturação desse setor no governo federal.

Os números do embargo à carne são ruins, ainda mais se somarmos a imensurável perda de credibilidade no mercado internacional. Mas existem números piores. De acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o PIB do agronegócio brasileiro (R\$ 533,98 bilhões em 2004) está sofrendo uma retração brutal em 2005, na ordem de 1,14%. Isto é, uma perda de mais de R\$ 6 bilhões na renda dos produtores. No interior de Goiás, cujo conjunto da economia depende diretamente do setor, esse fenômeno já pode ser sentido. Prefeitos de pequenas e médias cidades estão desesperados com a queda na arrecadação e o comércio está sentindo fortemente a retração econômica.

Dentro da crise no agronegócio, o setor agrícola é o que está pior, enfrentando escassez de recursos para o custeio, juros elevados, instabilidade cambial e, em consequência, redução da área plantada (cerca de 46 milhões de hectares a menos em 2005) – algo que não acontecia há oito anos. Desde 2002, o agronegócio vinha sendo o único setor a sustentar números positivos e relevantes na balança comercial. É provável que isso deixe de acontecer. É triste constatar que, ao contrário de outros países em desenvolvimento, o Brasil não está aproveitando as condições internacionais favoráveis para dar um salto de crescimento, negando-se a fazer os investimentos necessários em infra-estrutura e desonerando o setor produtivo. Esse é um bonde que vai demorar para passar novamente. 

COMUNICADO

Feriados e Recessos 2006



Abaixo, a relação de feriados e recessos para 2006, aprovada pela diretoria

27	Fevereiro	segunda	Recesso
28	Fevereiro	terça	Carnaval
1º	Março	quarta	Cinzas (Recesso)
02	Março	quinta	Aniversário de Uberaba (só na sede)
13	Abril	quinta	Semana santa (Recesso)
14	Abril	sexta	Paixão
21	Abril	sexta	Tiradentes
12	Maio	sexta	Recesso Expozebu (só na sede)
15	Junho	quinta	Corpus Christi
15	Agosto	terça	Feriado municipal
07	Setembro	quinta	Independência
12	Outubro	quinta	Nª. Sra. Aparecida
02	Novembro	quinta	Finados
15	Novembro	quarta	Proclamação da República
22	Dezembro	sexta	Encerramento das atividades (Férias coletivas)



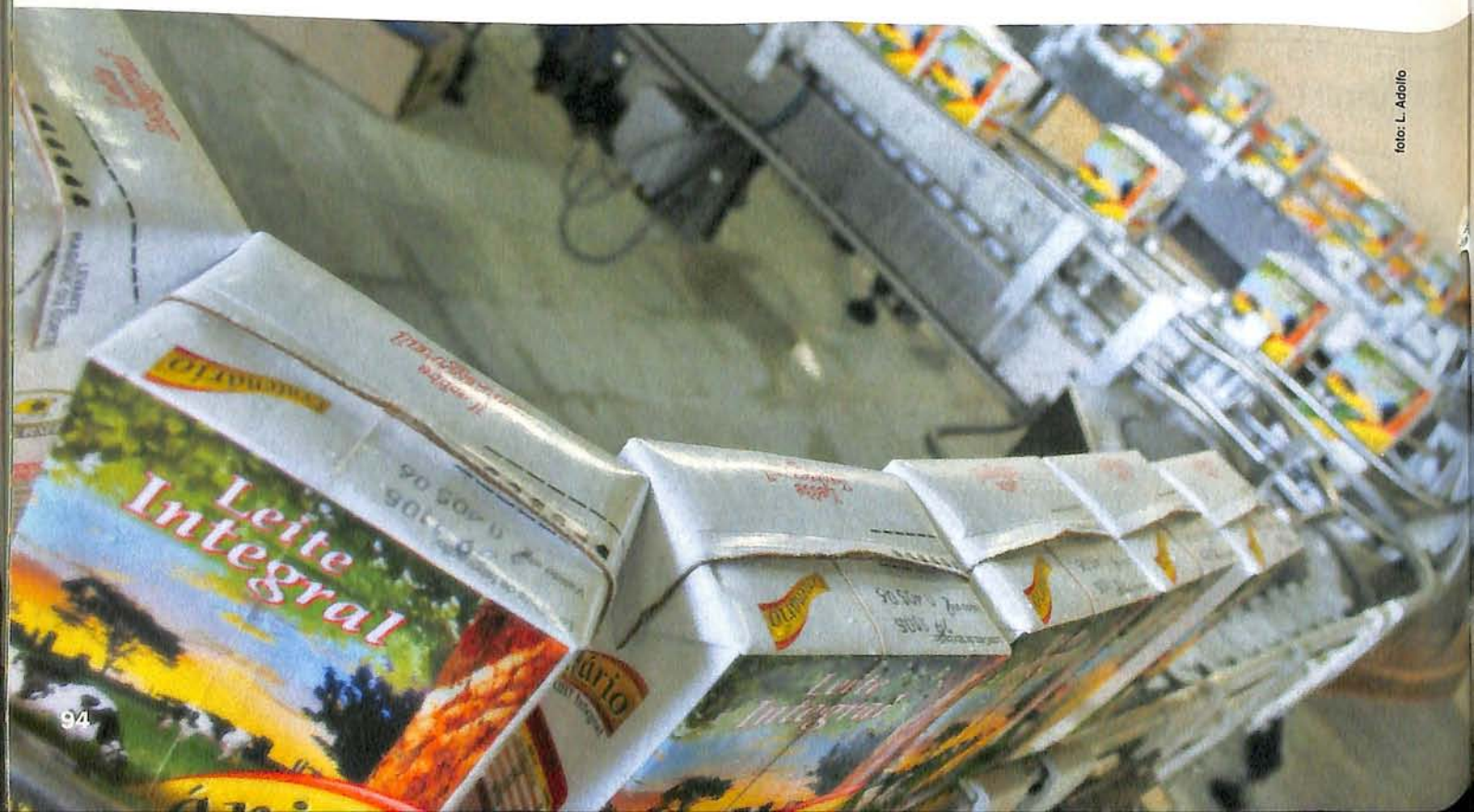
Na trilha do **crescimento**

Grandes laticínios investem em ampliação de sua infraestrutura e vislumbram o aquecimento do mercado externo mesmo diante da queda sofrida pela balança comercial do setor lácteo no segundo semestre deste ano. De outro lado, os produtores ainda caminham em compasso de espera diante dos infortúnios vividos em decorrência de alguns focos da febre aftosa no Mato Grosso do Sul

Renata Thomazini

Um crescimento animador no final de 2004 e início de 2005 que jamais havia sido vivenciado

em igual proporção pelo setor lácteo. Os produtores de leite e empresas de laticínios experimentaram a



sensação de ser a nova vedete do agronegócio brasileiro. Ironicamente, o setor amarga hoje, como outros segmentos agropecuários, graves dificuldades econômicas. Como sempre, o elo mais atingido é o produtor, que prefere aguardar a normalização do mercado para investir. Mesmo diante desse cenário, existem laticínios que não pararam de colocar combustível em seus investimentos e vislumbram a retomada do crescimento do setor. É o caso da Itambé, segunda maior empresa de lácteos do País e a primeira em capital nacional. A empresa está investindo cerca de R\$250 milhões em duas novas unidades industriais que já estão sendo construídas. Para o presidente da empresa, José Pereira Campos Filho, é preciso ser otimista. "O mercado está em expansão. Não é hora de colocar o pé no freio, mas é claro que temos que calcular riscos", afirma. A Itambé é hoje uma empresa consolidada, resultado de um trabalho voltado à qualidade de seus produtos e da matéria-prima adquirida para beneficiamento. A empresa registrou um faturamento da ordem de R\$ 1,13 bilhão em 2004, ou seja, crescimento de 12% em relação a 2003. Pereira Campos acredita que até o final de 2005 o crescimento da Itambé seja ainda superior ao do ano passado.

Crescimento

As fábricas da Itambé estão localizadas em Belo Horizonte, Sete Lagoas, Pará de Minas, Guanhanes e Goiânia. Nos últimos três anos a empresa investiu cerca de R\$ 200 milhões na ampliação e modernização das fábricas de Sete Lagoas e Pará de Minas, além da implantação do Programa de Coleta de Leite a Granel que abrange 100% do leite captado pela empresa desde 1998. Essa expressividade e o vigor do crescimento do setor lácteo brasileiro deram fôlego à empresa e possibilitou a ampliação de sua linha de produção. As novas fábricas da empresa serão em Goiânia (produção de leite condensado) e em Uberlândia (produção de leite em pó).

Jacques Gontijo, vice-presidente comercial da empresa, explica que as fábricas abrigarão a última palavra em tecnologia de produção de laticínios. "Estão sendo investidos aproximadamente R\$ 180 milhões na obra de Uberlândia, sendo R\$ 130 milhões na infra-estrutura e R\$ 50 milhões na adequação dos produtores da região à cadeia produtiva. A previsão é de que 70% do leite em pó a ser produzido pela fábrica de Uberlândia sejam destinados ao mercado interno e 30% à exportação", revela. Gontijo afirma que a instalação da nova indústria será

responsável também por um grande aquecimento na economia em toda a região do Triângulo Mineiro, já que a captação do leite vai ser feita junto a centenas de produtores rurais em um raio de até 200 km da cidade de Uberlândia. O presidente da Itambé avalia que a construção das duas novas unidades está dentro do cronograma previsto, o que significa que ambas devem entrar em fase de testes já no mês de novembro de 2005.

Visão internacional

Empresa genuinamente nacional, a Itambé expande horizontes em busca do crescimento do mercado lácteo. Em 2004 realizou negócios com cerca de 40 países, dentre eles Angola, Líbia, Marrocos, Haiti, Peru, Iraque, Kuwait e Palestina. O volume das exportações do leite em pó, leite condensado e leite evaporado atingiu, naquele ano, 10% do faturamento da empresa e deve alcançar este ano cerca de 30% com o funcionamento das novas fábricas.

Para o vice-presidente comercial, Jacques Gontijo, as metas para fechar 2005 são bastante ambiciosas, mas totalmente viáveis. "A Itambé pretende conquistar o mercado do México de

forma definitiva e, com isso, dobrar seu faturamento com as exportações", revela. A previsão é de que em 2006, com a entrada daquele país na sua carteira de clientes, a empresa obtenha R\$ 49,5 milhões de dólares com as exportações e atinja 37 mil toneladas, contra as 8.900 toneladas vendidas em 2004.

Parceria

Do outro lado da moeda, o produtor ainda não sente tanta segurança no mercado como os grandes laticínios do País. Mesmo com os programas oferecidos, bonificações por qualidade do produto e fidelidade no fornecimento, a adesão de produtores às novas fábricas é tímida. "É difícil deixar o certo pelo duvidoso", receia o Celso Ribeiro Ângelo de Menezes, jurado e gerente de Projetos Especiais da Associação Brasileira dos Criadores de Girolando. A raça atualmente é responsável pela produção de cerca de 90% do leite da região do Triângulo Mineiro em larga escala. Celso explica que a implantação de novas cooperativas de laticínios aumenta a concorrência entre as cooperativas já existentes na região e é salutar. Isso porque o preço pago ao produtor pelo leite tende a melhorar, uma vez que poderá haver o aumento da produção para exportação. "A expectativa é boa, mas o preço atual do leite é muito baixo. Na região é pago cerca de R\$ 0,46 por litro ao produtor",



fotos: divulgação

Na pág. anterior: unidades da Itambé (alto) de Sete Lagoas e Patos de Minas, e linha de produção da Coopervale (abaixo); ao lado José Pereira Campos Filho

Abaixo:
imagens internas
da Copervale, no
Triângulo Mineiro

diz. Mesmo pesando a idéia de que o produtor de leite fornecerá matéria-prima para a cooperativa que remunerar melhor, a questão da estabilidade é algo que acaba pesando atualmente. “Muitos deles, mesmo não sendo bem remunerados por algumas cooperativas, preferem não se aventurar com medo de perder a estabilidade”, conta Celso.

Para o gerente da Girolando a realidade vivenciada pelo mercado atualmente não é mais tão certa. “Não estamos tão otimistas quanto antes. Do meio do ano para cá a queda do dólar dificultou a remuneração ao produtor. A motivação para melhora do preço do leite é justamente a exportação. Se o preço do dólar cai fica interessante para o País importar e aí quem acaba sofrendo é o produtor, que vê sua lucratividade sair pelo ralo”, ressalta. Mas o problema não é só do leite na avaliação de Celso Menezes. O agronegócio como um todo está desestabilizado, assim como outros segmentos da economia, em decorrência da crise política que o País está vivendo. Para ele, “mensalões” e outros escândalos contribuíram para acender a desconfiança do mercado em relação à estabilidade do Brasil. Com isso, caem os investimentos estrangeiros, assim como o dólar.

Luiz Gualberto Ribeiro Ferreira, diretor-presidente da Cooperativa Agropecuária do Vale do Rio Doce Ltda. (Copervale), fundada em 1948 e hoje com aproximadamente 1100 cooperados, analisa que o momento é delicado para o setor lácteo. “O Brasil tem tudo para ser um grande produtor de lácteos. O momento político e econômico é que é difícil. Temos que ter cautela agora. Mas acredito que em 2006 retomaremos o bom desempenho do final de 2004”, pondera. A Copervale produz 190.000 litros de leite por dia, tendo na sua linha de produção leite longa vida integral e desnatado, leite pasteurizado tipo “C”, manteiga, queijos, requeijão, doce de leite, bebidas

lácteas e ricota.

A área de atuação para comercialização dos produtos abrange o Triângulo Mineiro e o Estado de São Paulo. Para Luiz Gualberto, o problema é que, mesmo com a oferta maior de produtos no mercado com preços mais acessíveis, o consumo não reage. “Pese a situação crítica em que estamos atravessando, advindas do aumento da produção e queda do dólar. Acredito em uma recuperação de preços a partir de janeiro de 2006, em função do retorno das exportações e adequações do mercado interno”, considera. Luiz Gualberto explica que a empresa deve investir em 2006 na finalização da adequação das instalações nas áreas de processo industrial e ambiental, visando o atendimento a clientes mais exigentes do mercado interno, atingindo, também, o mercado externo. A Copervale conta com cinco filiais em Minas atualmente: Água Comprida, Campo Florido, Conceição das Alagoas, Veríssimo e Rufinópolis.

O presidente da Copervale vê os investimentos de empresas do setor lácteo dentro desse panorama de queda nas vendas externas e pouca remuneração ao produtor como uma forma de esperança na melhora do mercado. “Tais empresas estão confiando na recuperação a que me referi, o que refletiria no retorno da confiança ao próprio produtor. Em nosso caso, temos procurado realizar parcerias, como, por exemplo, com o Sebrae, visando dar melhor suporte ao produtor na busca da redução do custo de produção e, em consequência, com objetivo de melhorar o seu ganho”, explica ao lembrar que o produtor aguarda com expectativa novos investimentos das empresas de laticínios. “Logicamente haverá uma concorrência acirrada. No final, quem vai decidir será o mercado, o melhor relacionamento e as ações que valorizem o produtor”, finaliza.

Em novembro, os preços do leite continuaram em



foto: L. Adolpho

queda, segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada/Esalq-USP (Cepea). Frente a outubro, o volume captado nas regiões pesquisadas pelo Cepea teve novo aumento médio de 2,68%. O preço médio bruto, nos sete estados pesquisados, caiu para R\$ 0,447 o litro, redução de 4,67% se comparado a outubro. O patamar atual é semelhante ao praticado em abril e maio do ano passado, sem considerar a inflação do período, o que piora a situação.

No Mato Grosso do Sul, a crise pós-ocorrência de focos de aftosa ainda tornou a situação mais caótica no setor leiteiro. O problema atingiu em cheio os preços, de acordo com levantamento do Cepea, principalmente nos Estados do Paraná e Santa Catarina, onde os pequenos produtores foram os mais afetados pelas quedas. Nessas regiões, os preços mínimos estão na casa dos R\$ 0,35 por litro, apresentando valores ainda menores, tais como R\$ 0,28 o litro, caso detectado pelo Cepea no Centro Oriental Paranaense e na região Serrania, de Santa Catarina.

Em termos percentuais, as maiores quedas foram observadas em São Paulo (7,0%), em Goiás (6,8%) e no Rio Grande do Sul (5,5%). Esses Estados, em outubro, tentaram segurar as quedas, mas devido à concorrência no atacado, tiveram que baixar os preços pagos aos produtores em percentuais acima da média.

Pesquisadores do Cepea ressaltam que nos últimos 12 meses o valor deflacionado do leite ao produtor está defasado em 21,30%, quando comparado à inflação (IPCA). Ou seja, no período de novembro de 2004 até novembro de 2005, a inflação, medida pelo IPCA, registrou alta de 6,26%, enquanto que os preços nominais do leite registraram queda de 16,87%. Esse descompasso tem paralelo somente no período de novembro de 2000 a novembro de 2001, quando o setor lácteo, especialmente o segmento produtor, enfrentou a pior crise de preços do Plano Real. ♥



Volume de leite industrializado pela Itambé

ANO	VOLUME (litros)
2002	731 milhões
2003	734 milhões
2004	757 milhões
2005*	970 milhões

* projeção

Patrimônio líquido da Itambé

ANO	MONTANTE (R\$)
2002	155 milhões
2003	190 milhões
2004	256 milhões
2005*	342 milhões

* projeção

Receita Bruta da Itambé

ANO	MONTANTE (R\$)
2002	798 milhões
2003	1.017 milhões
2004	1.126 milhões
2005*	1.511 milhões

* projeção

Crescimento da Itambé em relação ao ano anterior

ANO	MONTANTE
2004	12%
2005*	30%

* projeção

Volume de Exportação

ANO	MONTANTE (toneladas)
2003	6.800
2004	14.300
2005*	50.700

Volume de Exportação

ANO	MONTANTE (U\$)
2003	11 milhões
2004	25 milhões
2005*	57 milhões

* projeção

RESULTADO DA 1ª PROVA

ANIMAL	REGISTRO	RAÇA	CAT.	PRODUÇÃO 305	PRODUÇÃO 365
QUINHOA DA CAL	CAL 5082	GIR	PO	4055,7	4555,9
QUICA DA CAL	CAL 5081	GIR	PO	4005,9	4524,5
PH ROSINHA TE	PHPO 161	GIR	PO	3739,8	4127,6
NOIVA TE	JFR 1812	GIR	PO	3684,1	4168,1
BIDA DA EPAMIG	FGVP 179	GIR	PO	3525,5	3992,2
HELENA S.EDWIGES	RIG 130	GIR	PO	3421,1	3561,4
XIMENA DA ULBRA	ULB 08	GIM	PO	3330,3	3356,9
QUIMERA TE F. MUTUM	MUT 79	GIR	PO	3283,2	3620,2
FB ZELOSA	FBGO 483	GIR	PO	3137,3	3578,3
HANDAKA DA SÃO JOSÉ	ANF 3967	GIR	PO	3096,9	3488,2
ALBANIA DE BRAS	RRP 5034	GIR	PO	2913,3	3282
C.A BIRMANIA	TCA 199	GIR	PO	2814,4	3148,5
BREVIDADE DA EPAMIG	FGVP 180	GIR	PO	2670,8	
OTIMA	JFR 1827	GIR	PO	2565,7	2587,9
C.A ZUZA	KCA 884	GIR	PO	2355	2482,4
GALIZA EGIPCIO	ZAB 48	GIR	PO	2331,4	
HORTENCIA S.EDWIGES	RIG 146	GIR	PO	2165,4	
DALIA	LCAD 06	GIR	PO	1744,3	1854,9
DENTINA S.HUMBERTO	JFSH 310	GIR	PO	114,58	



BRASILEIRA PRODUÇÃO LEITEIRA

DUR/LAC - DIAS	FAZENDA	PROPRIETÁRIO
365	CALCIOLÂNDIA	GABRIEL DONATO DE ANDRADE
365	CALCIOLÂNDIA	GABRIEL DONATO DE ANDRADE
365	HERMÍNIA	PAULO HORTA BARBOZA DA SILVA
365	SÃO BENTO	JOÃO FELICIANO RIBEIRO
365	EXPER. GETÚLIO VARGAS	EMP. PESQ. AGROPEC. DE MG - EPAMIG
333	SANTA EDWIGES	JOSÉ MARIA DE SOUZA
311	SÃO JOÃO	COM. EVANGÉLICA LUTERANA S.P
365	MUTUM	LÉO MACHADO FERREIRA
365	SANTANA DA SERRA	JOSÉ DE CASTRO RODRIGUES NETO
365	ESTÂNCIA SÃO JOSÉ	ALBERTO PEREIRA NUNES FILHO
365	BRASÍLIA	FAZ. BRASÍLIA AGROP.
365	TABARANA	ANTÔNIO JOSÉ L. DE OLIVEIRA COSTA
239	EXPER. GETÚLIO VARGAS	EMP. PESQ. AGROPEC. DE MG - EPAMIG
310	SÃO BENTO	JOÃO FELICIANO RIBEIRO
337	TERRA VERMELHA	JOAQUIM JOSÉ DA COSTA NORONHA
253	CACHOEIRA	JOSÉ AFONSO BICALHO B. DA SILVA
224	SANTA EDWIGES	JOSÉ MARIA DE SOUZA
339	VEREDA DO MARCIANO	ADEMIR LOPES CANÇADO
51	SANTA FAUSTA	JOSÉ FRANCISCO JUNQUEIRA REIS



Estrangeiros na ExpoBrahman

A 2ª ExpoBrahman atraiu vários pecuaristas do exterior interessados em fazer o intercâmbio de conhecimentos e o fomento para o comércio de material genético. Estados Unidos, Colômbia, Panamá estiveram entre os países presentes. O presidente da Associação dos Criadores de Brahman do Brasil, Gabriel Prata Rezende, comemorou o recorde de participações de estrangeiros na segunda edição do evento. Segundo ele, o Panamá, que possui um rebanho quase que totalmente da raça brahman (cerca de 80%), liderou a lista de visitantes internacionais. Há quase 90 anos o Panamá trabalha o melhoramento genético de zebuínos, elaborado com animais trazidos da Índia e adquiridos de outros países do continente Americano.

Visitas estrangeiras

A possibilidade do Brasil exportar material genético bovino para a Nicarágua pode estar ainda mais próxima de ser concretizada. Em visita realizada no dia 28 outubro à sede da ABCZ, criadores de cidades da região norte daquele país, conheceram de perto a estrutura e o trabalho de incentivo ao melhoramento das raças zebuínas realizado pela maior organização pecuária do mundo. Na oportunidade, os produtores assistiram a uma palestra sobre as realizações do consórcio de exportação Brazilian Cattle Genetics e puderam se informar sobre os trâmites para conseguirem permissão para importar a genética do rebanho brasileiro. O funcionamento da cadeia produtiva da carne e do leite no Brasil e os recentes focos de febre aftosa no Estado do Mato Grosso do Sul também estive-

ram entre os assuntos abordados durante a palestra. O interesse dos nicaragüenses está voltado, sobretudo, para as raças de corte brahman e nelore e para o girolando, como opção leiteira. Em visita à cidade de Uberaba, os pecuaristas nicaragüenses também conheceram centrais de inseminação e fazendas modelo de seleção de brahman e nelore.

Venezuela

A Venezuela também está de olho no alto potencial genético do rebanho zebuino brasileiro. Na manhã de 27 de outubro foi a vez do ex-ministro do Meio Ambiente daquele país, Enrique Colmenares Fenol visitar as instalações da ABCZ. Fenol demonstrou admiração ao conhecer a estrutura administrativa da maior associação de pecuária zebuina do mundo.

Notícia na China

A ABCZ está virando no notícia na China. Com objetivo de conhecer o trabalho da associação, estiveram visitando em outubro a sede da entidade, jornalistas chineses da agência de notícias Xinhua, uma das maiores agências do gênero no mundo. Com máquina fotográfica em punho, os jornalistas Arthur Wang e Chen Jiay retrataram exemplares tabapuã, gir e nelore que estavam nos pavilhões do Parque de Exposições Fernando Costa.

Maravilhado com a docilidade dos animais e com sua beleza, Chen disse que pretende voltar para visitar a ExpoZebu, que acontece no parque anualmente no mês de maio. O grupo ainda visitou o Brazilian Cattle Genetics (BCG), consórcio criado pela ABCZ para fomentar o comércio internacional de material genético e

animais zebuínos. Lá foram recebidos por Jorge Dias, supervisor de Relações Internacionais do BCG.



foto: divulgação

ABCZ recebe a chave da cidade de Miami

O senador americano Javier Souto entregou no dia 07 de novembro, nos EUA, a chave da cidade de Miami à Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), pelo empenho no projeto que visa liberar a exportação de genética e de carne zebuina para aquele país, para o México e América Central. Através do Brazilian Cattle Genetics, a ABCZ está trabalhando num projeto de exportação que propõe transformar Miami na porta de entrada para os principais produtos oriundos do gado zebu. A honraria foi entregue a Gérson Simão, gerente de Relações Internacionais da ABCZ, juntamente com o assessor Jorge Dias (foto), ambos representando o presidente Orestes Prata Tibery Júnior na cerimônia. Segundo Gérson Simão, o senador Javier Souto é um grande entusiasta da iniciativa por entender que Miami será bastante beneficiada com o projeto. Além da chave, Simão e Dias receberam a medalha de reconhecimento e o diploma de visitante especial de Miami.

O desafio é chegar lá.



nevesnibeiro



**Ivergen
Platinum
3,15**

Mais valor de ponta a ponta

Não é fácil enfrentar grandes desafios. O maior deles é cuidar da saúde do seu gado. Você precisa de segurança, tranquilidade e facilidade no manejo. Saber que seu

gado está protegido, que irá ganhar peso e produzir mais carne. Um desafio desses só o IVERGEN PLATINUM 3,15 pode encarar. São meses de segurança a cada aplicação.

IVERGEN PLATINUM 3,15 é o novo lançamento da Biogenesis. É o endectocida de ação prolongada com tecnologia de ponta a ponta.



Na compra de uma embalagem de IVERGEN PLATINUM você leva como brinde esta linda mateira de metal.

Fale com a Biogenesis pelo 0800 701 0752
ou visite nosso site: www.biogenesisbrasil.com.br



**BIOGENESIS
BRASIL**
BIOTECNOLOGIA PARA PRODUTIVIDADE ANIMAL

Procan+ no Espírito Santo

Com a finalidade de treinar e atualizar os usuários do sistema Procan+, a ABCZ promoveu curso nos dias 26 e 27 de novembro deste ano, em Vila Velha (ES). O evento aconteceu na UVV (Universidade de Vila Velha) e teve como instrutora a gerente de Suporte à Informática Sandra Maria Barbosa. O Procan+ é um software de gerenciamento do rebanho muito utilizado pelos pecuaristas, desenvolvido pela equipe de Informática da ABCZ. Com ele, o produtor pode controlar informações relacionadas ao Serviço Genealógico das Raças Zebuínas e controlar informações importantes para o melhoramento genético de seus animais.

Julgamento em Goiás

A cidade de São Luís de Montes Belos (GO) foi sede, nos dias 28 e 29 de novembro, do Curso de Noções em Morfologia e Julgamento de Zebuínos, realizado pela ABCZ. O local escolhido foi a Universidade Estadual de Goiás. As palestras e aulas práticas foram ministradas pela zootecnista Enelice Cadetti Garbellini, que também é jurada da ABCZ.

Prova de Ganho de Peso

A cidade de Vitória foi palco da II Prova de Ganho de Peso a Pasto Tabapuã do Núcleo 3 Fronteiras. A prova está sendo realizada na Fazenda Heringer em Pedro Canário (ES), com o apoio da ABCZ, e conta com a participação de 48 animais de onze criadores dos Estados de Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Ao longo dessa prova foram feitas seis pesagens e durante o evento houve o encontro entre os criadores, que assistiram a palestras ligadas sobre agropecuária. A primeira palestra "Viabilidade Econômica da Adução de Pastagens" foi apresentada por Humberto Luiz Werners-

bach Filho, da Fertilizantes Heringer. Em seguida foram apresentadas palestras sobre "Nutrição, Genética e Produtividade", ministrada por Wyllyan Gaede, da Tortuga, "Avaliação Visual de Touros Jovens", por Romero Cavalcante, gerente Distrital ABS Pecplan e "Provas de Ganho de Peso a Pasto", apresentada pelo gerente do ETR da ABCZ em Vitória, Lauro Fraga Almeida.

Prova de Ganho de peso II

A raça nelore também tem sua Prova de Ganho de Peso a Pasto no Espírito Santo. A prova está sendo realizada na fazenda Paraíso, em Vila Velha, com 48 animais de 17 criadores - inclusive de MG e BA. Ao longo das seis pesagens realizadas durante a prova, os criadores participantes aproveitaram o encontro para adquirir novos conhecimentos.

Capacitação em Goiânia

Criadores goianos e de estados vizinhos tiveram a oportunidade de atualizar gratuitamente seus conhecimentos sobre bovinocultura e tecnologias existentes na área de pecuária de elite. Uma série de palestras aconteceu entre os dias 24 e 28 de outubro, no auditório Augusto Gontijo, no Parque Agropecuário de Goiânia. Promovido pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), o evento abordou temas como: comunicações on-line, a origem das raças zebuínas, como marcar corretamente os animais evitando perda de qualidade do couro e padrão racial das raças zebuínas. As palestras foram ministradas por técnicos da ABCZ.

Julgamento de Zebuínos

Aconteceu de 16 a 19 de novembro deste ano o 4º Curso de Noções em Morfologia e Julgamento de Zebuínos, promovido pela ABCZ em Campo Grande (MS). Foram ministradas aulas teóricas sobre o Progra-

ma de melhoramento Genético da ABCZ, seleção de zebu, exterior de zebuínos e práticas de julgamento das raças nelore, nelore mocha, brahman e guzerá.

O Escritório Técnico Regional (ETR) da ABCZ no estado do Mato Grosso do Sul coordenou o evento, por meio do técnico responsável Adriano Garcia. As palestras foram ministradas pelo superintendente técnico-adjunto de Melhoramento Genético da entidade, Carlos Henrique Cavallari Machado, e as práticas de julgamento pelos jurados oficiais Márcio Assis Cruz, Murilo Montandon Sivieri, Horácio Alves Ferreira Neto e Adriano Garcia. O evento foi realizado no auditório da Acrissul e na pista de julgamentos local.

Parceria institucional

Em busca de novas parcerias para o fortalecimento da atuação da ABCZ no ramo do agronegócio, o presidente da entidade, Orestes Prata Tibery Júnior, juntamente com o vice-presidente Jonas Barcellos e o superintendente de marketing da associação João Gilberto Bento, estiveram reunidos no dia 18 de novembro em São Paulo, com representantes da diretoria do Banco Bradesco. A reunião teve a intenção de estreitar o relacionamento entre a instituição financeira e a ABCZ, afim de viabilizar o apoio do Bradesco às atividades da entidade ao longo do ano de 2006. Participaram da reunião Márcio Artur Laurelli Cypriano, membro do Conselho de Administração e Diretor Presidente do Banco Bradesco S.A, Hunberto Eustáquio Cesar Mota, vice-presidente da Brasif e Presidente do Conselho Superior da ACRJ, Lázaro de Mello Brandão presidente do Conselho de Administração do Banco Bradesco S.A e João Aguiar Alvarez, membro do Conselho de Administração do Banco Bradesco S.A.

IRRIGAÇÃO DE PASTAGEM POR PIVÔ CENTRAL: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL DE PRODUÇÃO A PASTO

Detalhe do animal
pastejando em um
dos piquetes do
Pivô Central Valley,
onde está sendo
conduzida a pesquisa.

A necessidade de aumento na produção de alimentos para atender à demanda crescente de consumo exigirá dos sistemas de produção aumento na produtividade por animal e por área, já que a incorporação de novas áreas ao processo produtivo será cada vez mais limitada pelas leis ambientais, que proíbem e continuarão proibindo os desmatamentos de áreas naturais.

Nos países em desenvolvimento, o aumento no consumo anual de carne será sete vezes maior se comparado ao crescimento do consumo em países desenvolvidos, com perspectiva de aumentar o volume consumido em 2,13 vezes, passando de 22 milhões de toneladas para 47 milhões de toneladas. O crescimento na renda, principalmente em países em desenvolvimento, determinará o aumento na demanda por alimentos, principalmente os de origem animal, já que apresentam grande elasticidade em países onde a população é de baixa renda. Para cada R\$ 1,00 de aumento no salário, R\$ 0,65 são gastos com a compra de carne.

Visando atender as necessidades de técnicos e produtores, várias pesquisas de irrigação de pastagem por Pivô Central tem sido realizadas através do Convênio FAZU-ABCZ-VALLEY, objetivando principalmente a redução do custo de produção.

Estas pesquisas têm demonstrado que é possível conseguir no outono-inverno manter a metade da lotação que a pastagem suporta na primavera-verão. Isto representa uma capacidade de suporte de no mínimo duas a até cinco vezes mais alta que em sistemas intensivos de produção

que aproveitam mais de 60% da forragem disponível na pastagem na primavera-verão, e, no inverno, tem que suplementar de 70% a 90% do rebanho com cana, silagens e fenos, pois a pastagem só produz entre 10 a 25% da produção de forragem anual. Nestas áreas irrigadas por Pivô Central, a taxa de lotação tem sido de 10 unidades animal por hectare na primavera-verão, e de 6 UA/ha, no outono-inverno, e que buscam ganhos médios da ordem de 800 gramas por UA por dia. Já em pastagens não irrigadas, a taxa de lotação é de 8 UA/ha, na primavera-verão e de 1 a 1,5 UA/ha, no outono-inverno. Tais valores levam em consideração que, em ambos os casos, realiza-se a adubação de acordo com a análise do solo. A capacidade de produção de forragem na seca sob sistemas irrigados é de 50 a 60 % do que se produz na primavera-verão e sem irrigação é de 10 a 20% do que se produz no mesmo período.

Esse projeto de pesquisa conduzido na Fazenda Escola da FAZU, coordenado pelos professores Adilson de Paula Almeida Aguiar e Luís César Dias Drumond, entra em uma nova fase onde está sendo avaliada a taxa de lotação, a produção de matéria seca pré-pastejo e pós pastejo, dos cultivares *Brachiaria híbrida* cv. Mulato - CIAT 36061, *Brachiaria MG5* e *Brachiaria*, submetidos à mesma adubação e ao mesmo manejo de irrigação por Pivô Central Valley. Tal importância se dá porque as braquiárias são as forrageiras mais plantadas no Brasil. Novos cultivares têm surgido e o produtor tem dificuldade na escolha da espécie no momento de implantar ou reformar a pastagem.



www.fazu.br



www.abcz.org.br



www.pivotvalley.com.br

Seminário sobre febre aftosa

"Aftosa em foco" foi o tema do seminário realizado pela Faculdade Associadas de Uberaba (Fazu) entre os dias 16 a 18 de novembro no Anfiteatro do Hospital Veterinário de Uberaba, em Minas Gerais. Técnicos de órgãos de Defesa Sanitária e pesquisadores da Fazu abordaram desde o que é a febre aftosa, vacinação, controle da doença até o impacto econômico causado pelos recentes focos no Mato Grosso do Sul. O evento, que contou com o apoio da ABCZ, atingiu criadores, profissionais do setor pecuário e estudantes.



Construindo a paz

A 5ª edição do projeto "Construção da Paz", promovido pela Fundação Museu do Zebu "Edilson Lamartine Mendes" em parceria com a ABCZ, levou ao Parque Fernando Costa entre os dias 18 e 20 de novembro centenas de pessoas interessadas na promoção da paz. O evento foi iniciado com um desfile pela cidade de Uberaba (foto) e logo após abençoado com uma cerimônia ecumênica. O evento prosseguiu com apresentações artísticas e culturais, mostra de artesanato, além de um delicioso festival de gastronomia regional.



foto: L. Adolfo

Destaque no Encomex

O trabalho para aumentar as exportações de material genético bovino e de animais vivos que vem sendo desenvolvido pelo Brazilian Cattle Genetics (BCG) foi apresentado como Caso de Sucesso durante o 102º Encomex (Encontro de Comércio Exterior). O evento, promovido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior aconteceu durante o dia 10 de novembro, em Uberaba, contou com a participação de mais de 1.200 pessoas. O gerente do BCG, Gerson Simão (foto), ministrou palestra sobre o trabalho de marketing no exterior do grupo.

O Encomex tem como objetivo estimular a maior participação do empresariado brasileiro no contexto internacional.

Escrituração em Uberaba

A ABCZ promoveu no dia 12 de novembro, no Parque Fernando Costa, o Curso de Escrituração Zootécnica, coordenado pelo setor de Registro Genealógico da entidade. As aulas foram dirigidas a pecuaristas, estudantes e profissionais do setor pecuário. Entre os assuntos abordados no curso estavam noções básicas sobre o que é zootecnia, além da abordagem sobre a importância do Banco de Dados no melhoramento genético e utilização de softwares como Siggen e Procan +.

O Sistema de Identificação Animal também esteve na pauta. Os participantes tiveram ainda noções de como marcar corretamente seus animais, preencher formulários utilizados na escrituração zootécnica e como obter registros dos animais - aconteceram oficinas que incluíram aulas sobre CDC (IA-N-C-TE-FIV), Notas Fiscais, Autorizações de Transferência, entre outros assuntos. Outra edição desse mesmo curso aconteceu no dia 10 de dezembro no mesmo horário e local.

De Salvo na CNA

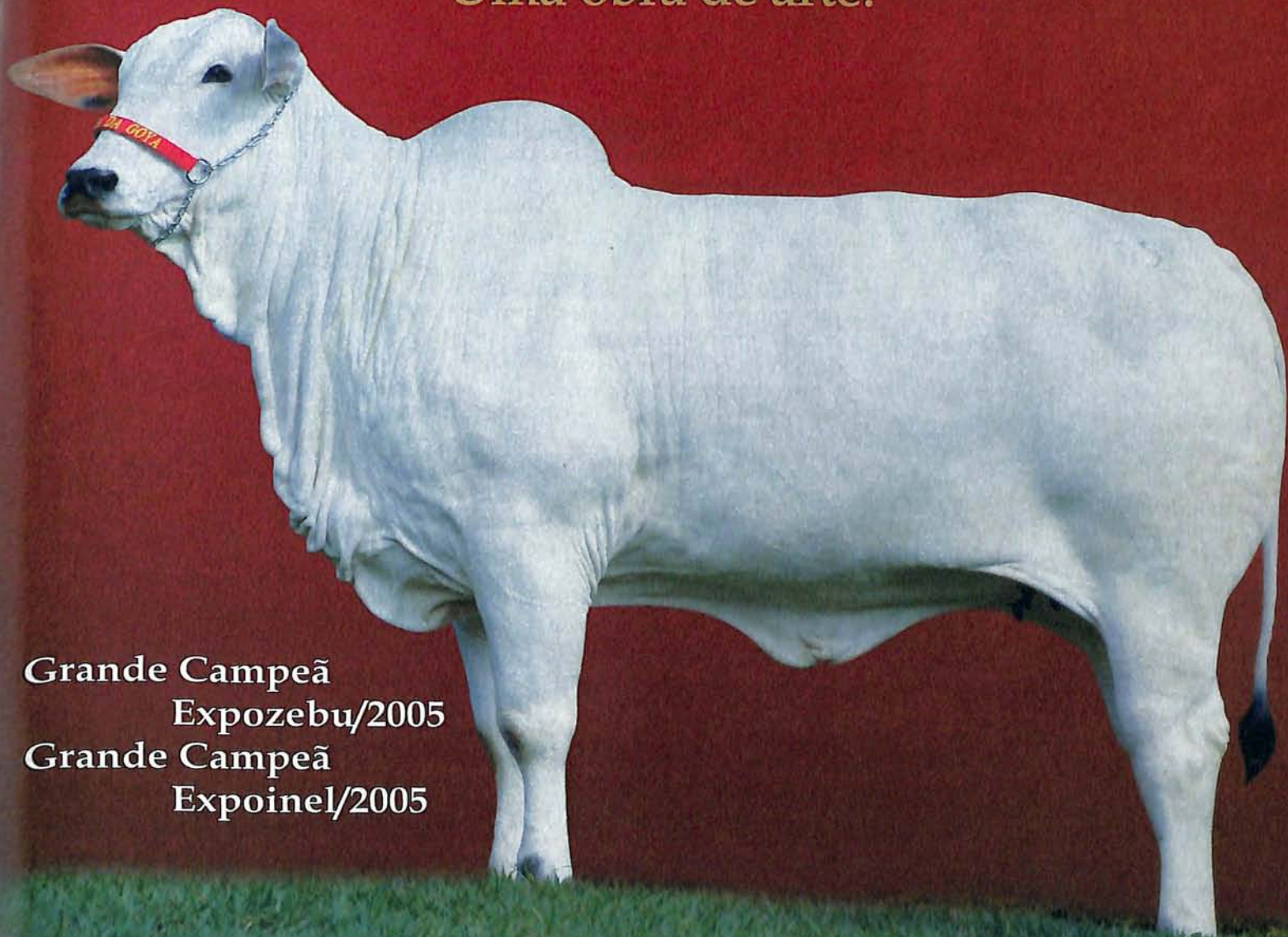
Antônio Ernesto de Salvo, diretor da ABCZ e atual presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), foi reeleito presidente da entidade para o triênio entre 10 de dezembro de 2005 a nove de dezembro de 2008. A chapa vencedora da eleição na CNA, tem Antônio Ernesto de Salvo na presidência, Fábio de Salles Meirelles (presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo), como 1º Vice-Presidente, Pio Guerra Júnior (presidente da Federação da Agricultura do Estado de Pernambuco), como Vice-Presidente Executivo, Kátia Abreu (presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins) como Vice-Presidente de Secretaria, e Ágide Meneguette (presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná) como Vice-Presidente de Finanças. Votaram 26 presidentes de Federações de Agricultura ou seus representantes legais, que integram o Conselho de Representantes da CNA. A chapa vencedora, liderada por Antônio Ernesto de Salvo, foi eleita com 23 votos, contra dois votos da chapa liderada por Carlos Sperotto (presidente da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul) e um voto em branco.

Fábula da Goya



Everest da SM x Saudade da Goya
(Voltaire em Ordenado)

A única matriz mocha Grande Campeã tanto na Expozebu quanto na Expoinel.
Uma obra de arte!



Grande Campeã
Expozebu/2005
Grande Campeã
Expoinel/2005

Condomínio



Fone:
(67) 3439-2010



Fone:
(11) 5051-8515



Fone:
(67) 3439-4386



Fone:
(14) 3847-3579



Fone:
(11) 3611-6119

Este serviço é gratuito. Para publicar seu pequeno anúncio, envie o texto pelo e-mail: revista.abcz@abcz.org.br

Touros nelore e brahman

Venda permanente de touros nelore e brahman PO filhos de IA, descendentes da seleção RKC - Rômulo Kardec de Camargos. Tratar com Virgílio pelo telefone (34) 9105-5911.

Nelore CR

Touros e novilhas nelore de qualidade, padrão e mocho, filhos e netos de campeões. Criador: Carmerindo Rabêlo. Central de vendas: (62) 3218-7000 / 9971-7801 / 9632-8146.

Touros para estação de monta

O shopping de touros da Nelore CR teve início em 15/11/2005, nas vitrines de venda, com condições especiais de pagamento e frete grátis para todo o Estado de Goiás, com carga acima de 06 (seis) animais e 1000 km para carga acima de 16 (dezesseis) animais.

Informações: (62) 3218-7000 / (62) 9632-8146

Escrituração zootécnica

A Nelore Bauru Assessoria presta um trabalho profissional e individualizado, visando a escrituração zootécnica das raças zebuínas. Está estrategicamente instalada em Bauru, para assim agilizar e acompanhar de perto a rotina do escritório regional.

Contato: Tânia Mara pelo telefone: (14) 3238-5782 / 9116-3815
E-mail: taniamaraabcz@hotmail.com

Receptoras girolando

Venda permanente de receptoras girolando prontas para receber embriões. Tratar com Virgílio pelo telefone (34) 9105-5911.

Turismo rural

Zootecnista oferece assessoria para implantação, treinamento de MO e monitores e atividades em propriedades agrícolas, pecuárias e de preservação ambiental. Sorocaba (SP). Tratar com Marcelo M. Borges pelos telefones (15) 3228-6158 / 3670 e 9978-4579.

Pick-up

Vende-se uma L200, preta, 4x4, diesel, ar, direção, ano 2001 modelo 2002. Tratar com Virgílio pelo telefone: (34) 9105-5911

Gir leiteiro

Vendo matrizes, embriões, novilhas de TE e garrotes.

Filhos de Bem Feitor, Meteoro, Sansão. Tratar pelo telefone: (12) 3116-1428 - Cláudio

Compra e venda de imóveis rurais

Rederural Assessoria na compra e venda de imóveis rurais e bovinos. Site: www.rederural.com.br - E-mail: jrf@rederural.com - Fone: (34) 3312-0314 / 9978-0088

Pôneis e mini-pôneis

Vende-se pampa apaloosa e pretos machos e fêmeas de 0,80 a 1,00m cernelha. Site: www.rederural.com.br
E-mail: jrf@rederural.com
Fone: (34) 3312-0314 / 9978-0088
Uberaba (MG)

Terra em Sacramento (MG)

52 ha, perto de Uberaba, estrada Franca-Araxá, 70% de cultura (terra preta), tobiatã, setária Kazungula e braquiária, divisa maior com o Ribeirão Cana-Brava, afluente do Rio Grande, casa com sede, mina e roda d'água, curral e piquetes.

Tratar com Marcelo M. Borges, pelo telefone (15) 3228-6158/3670 e 9978-4579.

Cabrestos personalizados

Aprimore seu bovino de elite com beleza e requinte em uma pista para julgamento ou apresentação. Material em couro, revestido de nylon em várias cores (preto, vermelho, azul e verde) e a escrita ou seja, o bordado, em cores a escolher. Despachamos para todo o Brasil.

Entre em contato e faça seu orçamento. Garça (SP). Contato pelo telefone (14) 3471-0466.
marcello@laufelmarcainox.com.br
com Marcello e Fátima.

Sêmen de nelore famoso do IZ

Ganhoso do IZ, para FIV ou TE. Um dos touros com maior desempenho na Prova de Ganho de Peso de Sertãozinho (SP). Elite em 1998. Classificou filhos elite e superiores em 1992 e 1993. Com nota fiscal. Sorocaba (SP).

Tratar com Marcelo M. Borges pelos telefones (15) 3228-6158/ 3670 e 9978-4579.

Estância NKR - brahman

Venda de touros, matrizes e embriões. Animais de excelente genética. Raphael França Silva Ferreira (44) 3624-0572 - Umuarama (PR)

Guzerá da P.L.M

Vende-se vinte vacas P.O. 1ª cria, crioula Organização Mário Franco - Uberaba.

Tourinhos e novilhas P.O. da P.L.M
Contato: (16) 3702-6677 / 9999-7968 - Franca (SP)

email: fazendasjose@uol.com.br

Matrizes e reprodutores

Venda de matrizes e reprodutores de elite e comercial das raças nelore, gir, guzerá, etc. Tratar com André Miranda, pelos telefones (34) 9665-5363 ou 8806-3047.

Moreira Pena Ind. e Comércio Ltda

Marcas personalizadas em aço inox; tatuador e tinta para tatuagem de orelha.

Tratar pelo telefone: (34) 3311-2455

Zefec Abdala

Vende-se 30 doses de Zefec Abdala, no valor de R\$ 380,00 cada. Tratar com Pereira pelos telefones (65) 9978-8261/ 3251-3166.

Nelore PO

Vendo excelentes vacas, novilhas e touros nelore PO. Liquidação de plantel.

Oportunidade, preço de arroba dobrada.

Contato: Carlos Magno Bastos

Fone: (31) 3225-4806

Email: marcelobaltar@yahoo.com.br

**No combate aos parasitas
externos e internos,
acerte na mosca.
E nos vermes também.**



ALTEC, ABATHOR, ALBENDATHOR INJETÁVEL E ALBENDATHOR 10. A saúde da sua criação sempre na mira da Tortuga

Se o seu alvo é alcançar os melhores resultados no combate aos parasitas, conte com a linha de vermífugos da Tortuga.

ALTEC, ABATHOR, ALBENDATHOR INJETÁVEL E ALBENDATHOR 10 têm grande eficácia, excelente relação custo-benefício e o aval de quem pesquisa e desenvolve, há mais de 50 anos, produtos de saúde e nutrição animal.

Na hora de escolher o vermífugo, acerte em cheio. Peça sempre a linha Tortuga.

www.tortuga.com.br
0800 011 62 62



**LINHA
SAÚDE
ANIMAL**

MAIS TECNOLOGIA. MAIS RESULTADOS.

NOVOS SÓCIOS

Fernando Maximiliano Neto	nº 13858
Rio de Janeiro - RJ	
Jorge Elias Nader Duba	nº 937
Rio de Janeiro - RJ	
Flávio de Oliveira Ferreira	nº 14708
Rio de Janeiro - RJ	
José Osael Gonçalves de Farias	nº 14267
Rio de Janeiro - RJ	
Maria C. Bernardo de Rezende	nº 14734
Rio de Janeiro - RJ	
Guilherme Radesca Figueira	nº 891
Rio de Janeiro - RJ	
Roberto Bastos Gonçalves	nº 955
Rio de Janeiro - RJ	
José Raul da Costa Machado	nº 13919
Rio de Janeiro - RJ	
Antônio Passos Costa de Oliveira	nº 14572
Rio de Janeiro - RJ	
Francisco Klimovicz	nº 1219
Rio de Janeiro - RJ	
Renato José Mendes Tepedino	nº 14208
Rio de Janeiro - RJ	
Cláudio Sobral de Caiado Castro	nº 14857
Rio de Janeiro - RJ	
Francisco Sisconetto Júnior	nº 14253
Rio de Janeiro - RJ	
Sérgio Paiva de Freitas Campos	nº 1191
Rio de Janeiro - RJ	
Agrobilara Com. E part. Ltda	nº 15171
Rio de Janeiro - RJ	
Mineradora Mipibu Ltda	nº 14880
Rio de Janeiro - RJ	
Marcos Henrique Pereira Alves	nº 936
Rio de Janeiro - RJ	
Lívia Macedo de Siqueira	nº 15059
Niterói - RJ	
Benedito Batista Souto	nº 14979
Sao Gonçalo - RJ	
Eugênio Bello Castineiras	nº 14827
Duque de Caxias - RJ	
Zulmar Rodrigo da Silva Lacerda	nº 14677
Rio de Janeiro - RJ	
Olavo Egydio Monteiro Carvalho	nº 14484
Três Rios - RJ	
André Luiz de Aguiar Vicente	nº 14790
Paraíba do Sul - RJ	
Agro Pecuária Vigne Ltda	nº 15216
Nova Iguaçu - RJ	
Roberto Chichierchio da Silva	nº 14212
Nova Iguaçu - RJ	
José Maria Câmara de Aragão	nº 1015
Barra do Piraí - RJ	

Amil Adm. Mattos de Imóveis Ltda	nº 985
Barra Mansa - RJ	
Aldo Silva Valente Júnior	nº 14682
Valença - RJ	
Primus Ipanema Agropec. Ltda	nº 14022
Macaé - RJ	
Carlos Roberto Barbosa Salgado	nº 14297
Macaé - RJ	
Oscar E. Camargo R. Senfft/cond	nº 14536
Macaé - RJ	
Edilson Sales de Souza	nº 1082
Campos dos Goytacazes - RJ	
Tavares Agropecuária Ltda	nº 15060
Campos dos Goytacazes - RJ	
Paulo Ney Ayd Corrêa	nº 14345
Campos dos Goytacazes - RJ	
José Jorge Bugim	nº 942
Santo Antônio de Pádua - RJ	
José Carlos Hermida	nº 14692
Cantagalo - RJ	
Jefferson Salgado de Oliveira	nº 1228
Cordeiro - RJ	
Paulo Leite Cordeiro	nº 950
Cordeiro - RJ	
Pecuária Unit. Santa Clara Ltda	nº 15242
Cordeiro - RJ	
Wallace Salgado de Oliveira	nº 1227
Cordeiro - RJ	
Bangara Agropecuária Ltda	nº 1120
Bom Jardim - RJ	
Evaldo T. Eringer e out-cond	nº 15138
Rio Bonito - RJ	
Ernesto Malvar Ribeiro	nº 1083
Cabo Frio - RJ	
Paulo Roberto de Mello	nº 14059
Vitória - ES	
Edilene A. Ferreira Rambalducci	nº 15061
Vitória - ES	
Sérgio Luiz Burle Rosado	nº 14485
Vitória - ES	
Gelson de Oliveira Pecanha	nº 15164
Vitória - ES	
Cláudio Luiz Andrade Baptista	nº 14980
Vitória - ES	
Lauro Fraga Almeida	nº 14247
Vitória - ES	
José Roberto Zanoni	nº 14938
Vitória - ES	
Mauro José Suzana Vieira	nº 14251
Vila Velha - ES	
Ary Bortolini	nº 14018
Vila Velha - ES	

Aylmer Chieppe	nº 14828
Cariacica - ES	
Dbpar Dalla B. Particip. Agr.Ltda.	nº 14504
Serra - ES	
Luciano Domingues	nº 14765
Anchieta - ES	
Winston Wernersbach Deps	nº 15091
Domingos Martins - ES	
Complexo Agroind. Pindobas Ltda	nº 14714
Venda Nova do Imigrante - ES	
Luiz Gonzaga Borges	nº 11808
Jerônimo Monteiro - ES	
Agro Genética Monte Cristo Ltda	nº 14125
Colatina - ES	
Jácomo Braz Bergamin	nº 14058
Nova Venécia - ES	
Agropec. Buena Sorte s/a	nº 14451
Pinheiros - ES	
Soc. Com. Agric. Santa Luzia Ltda	nº 14016
Belo Horizonte - MG	
Mauro Soares de Freitas	nº 1186
Belo Horizonte - MG	
Roberto Pinto Oliveira Ferreira	nº 14084
Belo Horizonte - MG	
Edson Chagas Leite	nº 14187
Belo Horizonte - MG	
Márcio de Andrade Melo	nº 14650
Belo Horizonte - MG	
José M. P. de Campos Filho	nº 13954
Belo Horizonte - MG	
Royal Emp. Adm. e Part. Ltda	nº 14301
Belo Horizonte - MG	
Luiz Sérgio Rosas de Melo	nº 15043
Belo Horizonte - MG	
Gilberto Moreira de Araújo	nº 13842
Belo Horizonte - MG	
Renato Rocha Lage	nº 14464
Belo Horizonte - MG	
Agostinho Serafim Júnior	nº 14946
Belo Horizonte - MG	
Alberto Diniz Filho	nº 13962
Belo Horizonte - MG	
Antonio R. Rocha Sobrinho	nº 13800
Belo Horizonte - MG	
Ricardo Pereira de Sousa	nº 14756
Belo Horizonte - MG	
Andre Nunes Lamounier	nº 15069
Belo Horizonte - MG	
José Henrique Tostes Barbi	nº 14839
Belo Horizonte - MG	
Ageo Agropecuária Ltda	nº 13885
Belo Horizonte - MG	



Seus filhos e netos são herdeiros da sua história

Dê um título de sócio da ABCZ para seu filho e neto.

Ao presentear seus herdeiros com o título de sócio da ABCZ, você não só estará contribuindo para o desenvolvimento do Zebu no Brasil, como estará transferindo para sua futura geração o compromisso de continuar o aprimoramento da sua criação.

**Aproveite a promoção de títulos da ABCZ
para novos sócios*.**

LIGUE (34) 3319-3900 OU WWW.ABCZ.ORG.BR



ABCZ (Uberaba-MG)*

setor (contato)	e-mail	telefone (34)
Presidência (Sandra Regina)	• abczpre@abcz.org.br	• 3319 3800
Diretoria (Isa)	• diretoria@abczservicos.com.br	• 3319 3810
Assessoria Comercial (Cláudia)	• abczacm@abczservicos.com.br	• 3319 3820
Superintendência Geral (Agrimedes)	• abczsug@abcz.org.br	• 3319 3818
Sup. Adm./ Financeira (Mio)	• abczsaf@abczservicos.com.br	• 3319 3850
Sup. Técnica (Josina)	• josina@abczservicos.com.br	• 3319 3920
Secretária Sup. Adj. Colégio de Jurados (Goretti)	• abczsst@abczservicos.com.br	• 3319 3930
Comunicação Social (Larissa)	• larissa@abcz.org.br	• 3319 3826
Colégio de Jurados (Moacir)	• colegiodejurados@abczservicos.com.br	• 3319 3924
CDP • Controle Desenv. Ponderal (Ismar)	• abczcdp@abczservicos.com.br	• 3319 3932
PMGZ (Ice)	• ice@abczservicos.com.br	• 3319 3934
PGP • Prova de Ganho em Peso (Bruno César)	• abczpgp@abczservicos.com.br	• 3319 3935
Controle Leiteiro (Adriana Alves)	• abczscl@abczservicos.com.br	• 3319 3935
ETRs e Filiadas (Carlos Lucas)	• abczcoe@abcz.org.br	• 3319 3940
Departamento de Genealogia (Jaqueline)	• abczddg@abczservicos.com.br	• 3319 3948
ADT Online (Fabiana)	• adtonline@abczservicos.com.br	• 3319 3948
Secretaria Geral (Kátia)	• abcz@abczservicos.com.br	• 3319 3834
Sistema Procan (equipe de atendimento)	• procan@abczservicos.com.br	• 3319 3904
ABCZnet (Leonardo Mio)	• abcznet@abcz.org.br	• 3313 3779
Grife ABCZ (Daniela Miziara)	• grifeabcz@abcz.org.br	• 3319 3822
Museu do Zebu (Márcio Cruvinel)	• museuzebu@terra.com.br	• 3319 3879
Brazilian Cattle Genetics (Guilherme)	• export@braziliancattle.com.br	• 3319 3958
Sup. de Marketing (João Gilberto)	• marketing@abcz.org.br	• 3319 3923
Dep. de Coordenação dos Órgãos Executores (Celso)	• suportecoe@abcz.org.br	• 3319 3942
Assinatura Revista ABCZ (Fernando)	• abczassinatura@abczservicos.com.br	• 3319 3913
Comercial Revista ABCZ (Euler)	• revista.comercial@abcznet.com.br	• 3319 3966

Escritórios Técnicos Regionais (ETRs) e Filiadas à ABCZ

Aracaju-SE (José Prudente)	• etraju@abcznet.com.br	• (79) 3179 2293
Araguaína-TO (João Batista)	• etraux@abcznet.com.br	• (63) 415 1831
Bauru-SP (João Eduardo)	• etrbau@abcznet.com.br	• (14) 3214 4800
Belo Horizonte-MG (Saulo)	• etrbhz@abcznet.com.br	• (31) 3332 6066
Campo Grande-MS (Adriano Garcia)	• abczcgr@abcznet.com.br	• (67) 342 1480
Cuiabá-MT (André Lourenço)	• etrcgb@abcznet.com.br	• (65) 685 1011
Fortaleza-CE (Célio)	• etrfor@abcznet.com.br	• (85) 287 5328
Goiânia-GO (Gleida)	• etrgyn@abcznet.com.br	• (62) 3203 1983
Ji-Paraná-RO (Guilherme Pereira)	• etrjpr@abcznet.com.br	• (69) 421 4042
Maceió-AL (Ulisses)	• etrmac@abcznet.com.br	• (82) 221 6021
Montes Claros-MG (Marcos Mendes)	• etrmoc@abcznet.com.br	• (38) 3222 4482
Natal-RN (Rodrigo)	• abcznat@digicom.br	• (84) 272 2430
Palmas-TO (João)	• etrpmw@abcznet.com.br	• (63) 212 1299
Porto Alegre-RS (Edon Rocha)	• etrpoa@abcznet.com.br	• (51) 3473 7133
Redenção-PA (Aurélio)	• etrrdc@abcznet.com.br	• (94) 424 7991
Rio Branco-AC (Inês)	• etrrbr@abcznet.com.br	• (68) 221 7928
Rio de Janeiro-RJ (Marcelo)	• etrrio@abcznet.com.br	• (21) 2224 8404
Salvador-BA (Simeão)	• etrssa@abcznet.com.br	• (71) 245 3248
São Luís-MA (Rogério)	• etrszl@abcznet.com.br	• (98) 247 0979
São Paulo-SP (Daniel)	• etrsao@abcznet.com.br	• (11) 3129 3729
Teresina-PI (José)	• etrthe@abcznet.com.br	• (86) 213 1600
Vitória-ES (Lauro)	• etrvix@abcznet.com.br	• (27) 3328 9772
Brasília-DF • Ass. Criadores de Zebu do Planalto (Marcelo)	• aczp@brturbo.com.br	• (61) 468 8200
Belém-PA • Ass. Rural da Pec. Pará (José Carlos)	• arpp@amazonline.com.br	• (91) 243 3373
Recife-PE • Soc. Nordestina Criadores (Murilo Miranda)	• snc@uol.com.br	• (81) 3228 4332
Campina Grande-PB • Soc. Rural da Paraíba (Felipe)	• ruralpb@ig.com.br	• (83) 331 3112
Londrina-PR • Soc. Rural do Paraná (Ireno)	• registro@sercomtel.com.br	• (43) 3328 2000



**NO AÇOUGUE, É ACÉM.
NA SUA COZINHA, VIRA CARNE DE PANELA.**

NINGUÉM FICA SEM APETITE DIANTE DE UM PRATO CARINHOSAMENTE PREPARADO. NEM SEM IDÉIA DIANTE DE UM BELO PEDAÇO DE CARNE. COM CARNE, DÁ PARA VARIAR BASTANTE E VOCÊ SEMPRE SABE O QUE VAI LEVAR PARA A MESA: FORÇA, SAÚDE, ENERGIA, CRIANÇA BATENDO O PRATO, FELICIDADE, ELOGIOS, TUDO DE BOM.

www.sic.org.br



CARNE
Você gosta. Você pode. Você precisa.

Sobre a **bravura**

Essa de maneira alguma poderia ficar de fora desta página.

Noutro dia fui à “boca maldita”, um espaço democrático que existe em frente à casa de Tiãozinho Cunha. Tratada-se de um exemplar, imagino da idade de Goiânia, de *Caesalpinia Peltophororoides*, da família das leguminosas, originária da América do Sul, mais conhecida como *Sibipiruna*. Propagada por sementes e florindo de amarelo na primavera, através de sua sombra amiga protege o parlamento jacobino dos aposentados nos dias de sol. Naquele dia o assunto era sobre a bravura.

Para o professor Aristharco, outrora titular da cadeira de filosofia, do Lyceu de Goiás, bravo foi Almirante Barroso. Aos 11 de junho de 1865, abordo da *Fragata Amazonas*, comandando a esquadra brasileira na campanha contra o Paraguai, no rio Paraná, próximo do Arroio Riachuelo, onde foi travada a mais importante batalha naval da guerra, percebendo sua desvantagem, com o grito de guerra: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”, ordenou que seu navio investisse a proa sobre as canhoneiras inimigas, obtendo espetacular vitória, com a qual deteve o domínio fluvial em todo o decorrer da campanha, garantindo assim, o apoio tático nas operações terrestres e a consequente vitória brasileira.

Para o coletor aposentado doutor Climério Vaz, exemplo de bravura foi a do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira em transferir a Capital Federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central. Juscelino, dizia entusiasticamente o velho coletor, elaborou um plano de governo batizado de Plano Metas, com o slogan – 50 anos em 5 –, e saiu pelo Brasil a explicar tal planejamento. Na cidade goiana de Jataí, em um palanque estruturado por dois caminhões GMC, apresentava os 30 itens de seu planejamento, dentre os quais o cumprimento fiel à Constituição Federal quando um colega de profissão, “seo” Toninho indagou: “Presidente, o senhor disse que irá cumprir religiosamente a

Constituição, isto quer dizer que o senhor irá transferir a Capital Federal para o Planalto Central?”. Juscelino volta-se para seu interlocutor e diz: Sim, senhor Toninho. A partir de então o Plano Metas passou a contar com 31 itens. E JK transferiu a Capital Federal para Goiás”. A partir daí o gigante despertou integralizando suas regiões transformando o Brasil em uma das mais importantes nações do mundo, concluiu emocionado o doutor Climério.

Inquieto o sargento Lopez, da gloriosa Polícia Militar entrou em cena: “Bravuras são aquelas exercidas pela Corporação do Corpo de Bombeiros, seja em incêndios ou nos resgates que praticamos no dia-a-dia. A cada instante um soldado arrisca a vida para salvar seus semelhantes. Não viu o caso daquela criança que caiu na tubulação do esgoto da cidade?”.

Enquanto cada um colocava sua opinião sobre a bravura Tiãozinho lavrava pacientemente seu pedaço de madeira já com um monte de serragem considerável aos pés. É, ele tem essa mania. Pega um pedaço de madeira roliça de aproximadamente uns 30 centímetros e com um velho canivete corneta vai lavrando até fazer um palito. Então fica com aquele pedacinho de madeira no canto da boca o dia inteiro. Possui até um reservatório já serrado do tamanho certo de madeira macia para o que ele chama de terapia ocupacional.

Na certeza de que a paulada seria certa perguntei:

— Tião, e você, o que acha da bravura? Parou com o canivete, olhou bem para todos com um sorriso de Monalisa e sapecou essa: “A verdadeira bravura não se demonstra nos campos de batalha, não está no enfrentamento político ou em perigos que ponham sua vida em risco. A verdadeira bravura está em sair de casa para beber com os amigos, não avisar a esposa; chegar em casa de madrugada, caindo de bêbado e ser recebido por ela com uma vassoura na mão, e ainda ter peito para perguntar: vai varrer ou vai voar?”

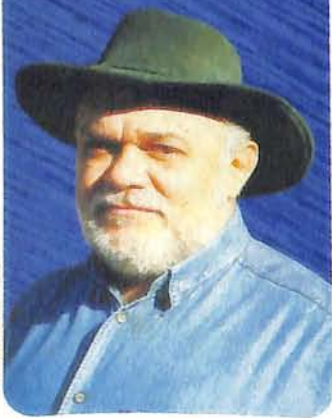


Foto: M. Farias/ABCZ

Luiz Humberto Carrião é professor, articulista do jornal “Opção”, de Goiânia, e presidente da Assogir

Tiãozinho Cunha é um personagem fictício. Qualquer semelhança com a realidade será mera coincidência.

Cenas biográficas de Pylates Prata Tibery

“...na viagem através dos tempos, atravessando a emigração pelo Brasil no tempo dos mascates, a institucionalização da renomada ABCZ, a aventura fundadora até à Índia, travessias tão próprias desse personagem singular, contador de causos, admirado pelos seus feitos e realizações. Uma proposta de entrelaçamento de cenas de vida narradas, fotografias e poemas produzidos acerca da cultura e da história relacionadas à vida de Pylates Prata Tibery.”

Participe você também dessa história de paixão e dedicação ao Zebu

Você pode participar do livro “Cenas Biográficas de Pylates Prata Tibery” doando material histórico sobre o assunto, como fotografias, cartas e documentos; ou através de doação de recursos para patrocínio da publicação. Registrar a riqueza histórica do zebu brasileiro depende de você também. Para participar ligue (34) 3319 3828/3829 e fale com Mirian ou Euler.

PROMOÇÃO



APOIO CULTURAL

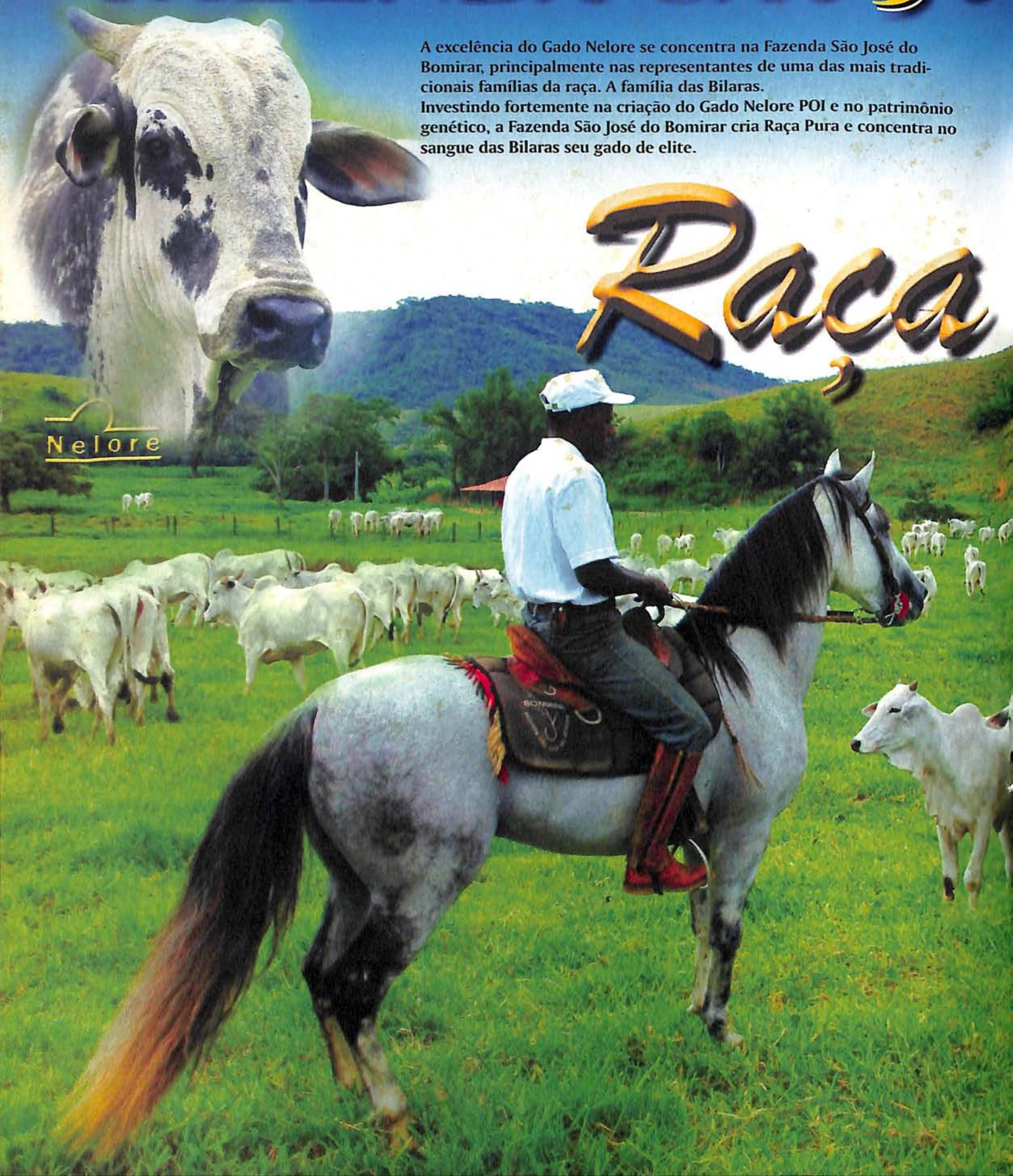


FAZENDA SÃO JOSÉ

A excelência do Gado Nelore se concentra na Fazenda São José do Bomirar, principalmente nas representantes de uma das mais tradicionais famílias da raça. A família das Bilaras. Investindo fortemente na criação do Gado Nelore POI e no patrimônio genético, a Fazenda São José do Bomirar cria Raça Pura e concentra no sangue das Bilaras seu gado de elite.

Raça

Nelore

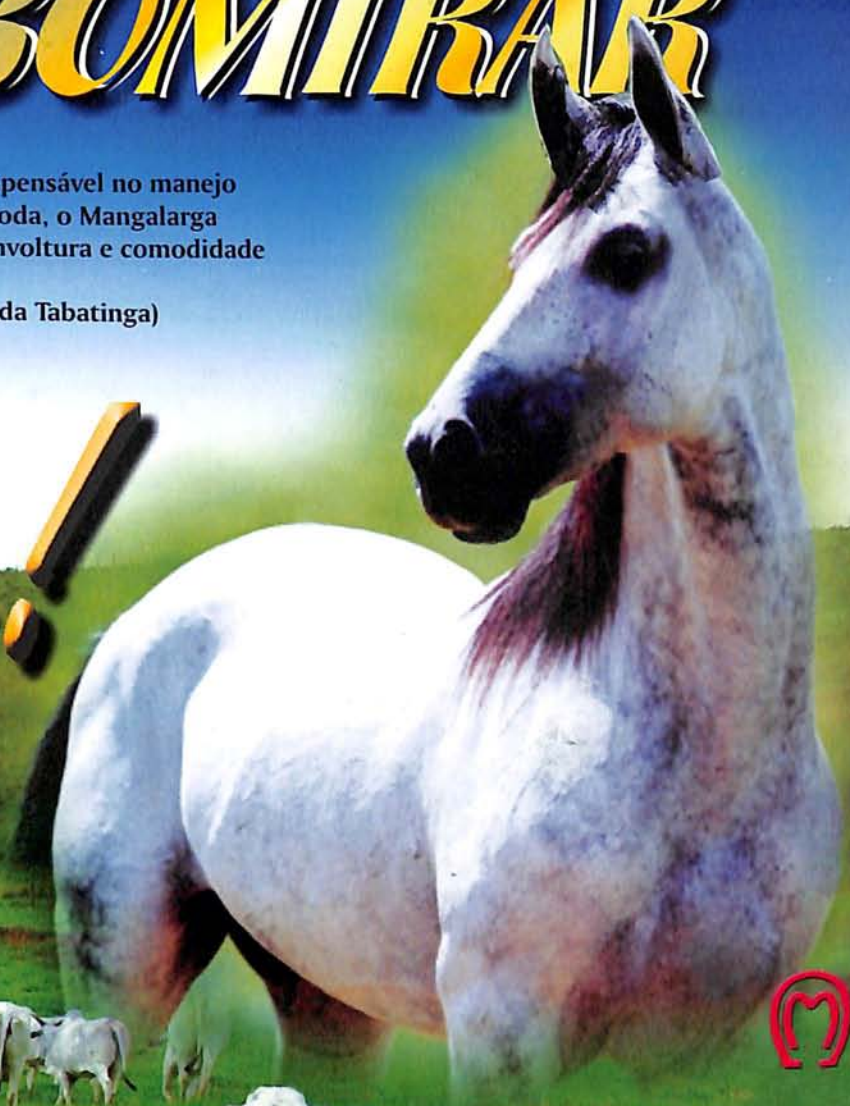


SE DO BOMIRAR

O Mangalarga Marchador é a ferramenta indispensável no manejo do gado Nelore. Por possuir uma marcha cômoda, o Mangalarga Marchador exerce esta função com total desenvoltura e comodidade para o cavaleiro.

E Jaguar Quitumba, (Tabatinga Tobero X Ciranda Tabatinga) é, sem dúvida nenhuma, um pilar desta raça.

Pura!



PROPRIETÁRIO:

JOSÉ DE VASCONCELLOS E SILVA

Chiador - MG - Tel.: (32) 3275-3061 / (21) 2221-1717

Brahman PILAR - AAAA

Programação genética por computador: sempre em busca de aprimoramentos, sempre para satisfação de nossos clientes.

MR Z PILAR POI 01 "Mr PILAR IMA" - 1.284 kg.

Campeão Sênior ExpoBrahman 2004 Mr Pilar POI 75 x Miss PILAR POI 19 (V8 700/3)
(touro em propriedade conjunta de Brahman PILAR - Brahman IMA)



Dados oficiais ABCZ

do touro aos 33 meses

ExpoBrahman 2004

Alt. Posterior: 172 cm (+ 16 cm)

Alt. Anterior: 158 cm (+ 8 cm)

Cp. Corporal: 185 cm (+ 12 cm)

Perímetro Torácico 244 cm (+ 22 cm)

Circunferência Escrotal: 47 cm (+ 8 cm)

NASCEU PARA SER COMPARADO!

B R A H M A N
I M A



BRAHMAN PILAR - 350 mil doses já vendidas
13º touro em 2ª geração de inseminação

FAZENDA PILAR - Maricá - RJ
CHÁCARA PILAR - São Carlos - SP

Tel: (21) 9302-0312
www.brahmanpilar.com.br - sergio@brahmanpilar.com.br



Alta Genetics
(34) 3318-7777

Sêmen de MR PILAR IMA